

2105
EX. 2

MARILIA J. MARINO

O ACONTECIMENTO EDUCATIVO PSICODRAMATICO
- encontro entre Heidegger, Moreno e uma
psicodramatista Educanda/Educadora.

*Dissertação apresentada como exigência
para obtenção do grau de Mestre em Edu-
cação à Comissão Julgadora da P.U.C/SP,
sob orientação dos Profs. Drs.:*

Joel Martins

Isabel Franchi Cappelletti

Biblioteca MA - PUCSP



100012960



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
CURSO DE POS-GRADUAÇÃO - SUPERVISÃO E CURRÍCULO

S A O P A U L O

1 9 9 2

AGRADEÇO COM SINCERIDADE E CARINHO

AOS MEUS ORIENTADORES E AMIGOS:

JOEL MARTINS,

- o abrir a possibilidade de me aventurar na senda desta meditação e concretizá-la enquanto escritura.

ISABEL FRANCHI CAPPELLETTI,

- o testemunho de autenticidade e a confiança no meu poder ser.

AO GETEP (Grupo de Estudos de Técnicas Psicodramáticas)

- a minha educação como Educadora Psicodramatista,
- a solicitude em ceder parte do material de trabalho da Equipe,
- o participar da construção dessa casa de Educação - comprometida com a cidadania e com o aprimoramento contínuos.

AO CEPE (Conselho de Ensino e Pesquisa da PUC/SP e

A CAPES,

- por 1 ano de Bolsa-Auxílio, respectivamente.

DEDICO ESTE TRABALHO

- Aos meus Pais: Donato e Elvira, com quem tenho aprendido acerca do CUIDAR e Perseverar...

- Aos meus filhos: André, Ana Luiza e Luiz, com quem tenho aprendido acerca do AMAR...

- Aos meus alunos e companheiros comprometidos com a tarefa de Educar, com quem tenho aprendido acerca do COMPREENDER... e concretizar no espaço possível...

MODOS DE SER...

COMISSÃO JULGADORA

PROF. DR. JOEL MARTINS

PROF^a. DR^a. ISABEL FRANCHI CAPPELLETTI

PROF^a. DR^a. MARIA APARECIDA V. BICUDO

PROF. DR. ALFREDO NAFFAH NETO

CENA 1 - Irrupção do Drama	57
O mostrar-se do pré-ontológico no nível simbólico e da poiêsis	
CENA 2 - Recolhendo o que se deu	63
O pré-anunciar do Meta-Drama, o ontológico no nível reflexivo analítico	
CENA 3 - Em solicitude com Heidegger	70

QUARTO ATO

DO MOVIMENTO CIRCULAR: DRAMA E META-DRAMA

CENA 1 - O dar-se do acontecimento educativo psicodramático	92
CENA 2 - Sessões-Encontro e Compreensão Hermenêutica. Em tele com Moreno	94
CENA 3 - O que nos diz o compreender que re-une	178
CENA 4 - Do lugar originário de onde fala Moreno acerca do homem como Ator Espontâneo criador	193

QUINTO ATO

DO CAMPO DO ENCONTRO COMO O QUE EN-CAMINHA - Um compartilhar

CENA 1 - Da tentativa de pôr-se à escuta (em co-responsência) com o apelo do caminho	210
CENA 2 - ENCONTRO	222

BIBLIOGRAFIA

I - Obras de Jacob Levy Moreno	230
II - Estudos Psicodramáticos	231
III - Obras de Martin Heidegger	235
IV - Estudo Fenomenológicos, existenciais e Hermenêuticos ..	238

DIAGRAMAS

SITUAÇÃO HERMENEUTICA	47
MATRIZ HERMENEUTICA	191
O HOMEM NO UNIVERSO	205
QUADRO: MORENO E SEUS MOMENTOS CRIATIVOS	198

R E S U M O

A dissertação, ao modo de ensaio, que aqui se faz em ATOS E CENAS, interroga o acontecimento educativo psicodramático no horizonte do encontro entre o "obrar reflexivo" de Jacob Levy Moreno, fundador do Psicodrama, o "pensar originário" que se pergunta pelo ser de Martin Heidegger e o fazer educativo que emerge do drama existencial da autora enquanto psicodramatista.

Como "Protagonista" (o que primeiro agoniza) a autora responde ao movimento de passagem do estar lançada num fazer - possibilidade de ser, para o dispor-se a abrir o sentido do que faz, adentrando o "tablado ou palco imaginário" - espaço de desvelamento. Como "Diretora do Encontro", faz-se "solicitude", zelo na produção do encontro entre a educadora - protagonista, e seu mundo habitado por seus egos auxiliares que se presentificam mediante suas obras: palavras-evento. O contrato firmado se dá na direção de um pesquisar onde o interrogar e o responder possam se clarificar em mais profunda compreensão - enquanto abertura de mundo DRAMA ou META-DRAMA.

A meditação se dramatiza em 5 atos, expressando o pensar como ação de existir dando-se em cenas-situação.

No primeiro ATO a protagonista se apresenta e traz consigo o que vê como possibilidade de se tornar tema.

No segundo ATO pensa-se a questão, o modo de formulá-la, o que se mostra da região de onde emerge, dentro da pers-

pectiva fenomenológica existencial hermenêutica. Inicia-se a clarificação dos horizontes Heideggeriano e Moreniano.

No terceiro ATO, irrompe o acontecimento educativo psicodramático no mundo imaginário da protagonista. Heidegger e Moreno se presentificam. O primeiro nos traz o *dasein*, o segundo, o homem como *ator*, *espontâneo* criador, lançando luz sobre o lugar do educando/educador.

Ouve-se Heidegger. Aprende-se sobre o "ser aí".

No quarto ATO, nos encontramos com sessões de Psicodrama onde educadores psicodramatistas cuidam de sua própria educação. O "psicodramático" e o "educativo" se apresentam como acontecimento que se oferece à hermenêutica: ἐμφανεύειν.

Traz-se uma mensagem. Ouve-se Moreno. Aprende-se sobre o homem espontâneo criador.

No quinto ATO convida-se a habitar o campo do encontro, como en-caminhar na partilha, ao modo do DIALOGO.

"O próprio carvalho afirmava: só este crescer pode fundar o que dura e frutifica. Crescer significa abrir-se à amplidão dos céus mas também deitar raízes na escuridão da terra. Tudo o que é maduro, só chega à maturidade, se o homem for, ao mesmo tempo, ambas as coisas: disponível para o apelo do mais alto céu e abrigado pela proteção da terra, que tudo sustenta. É o que o carvalho diz sempre ao caminho do campo, que lhe passa ao lado seguro de sua via."

" O apelo do Caminho do Campo
acorda um sentido que ama a
liberdade".

Martin Heidegger (1949)

"O permanente de um pensamento é o caminho".

Martin Heidegger (1959)

D I V I S A

Mais importante do que a ciência é o seu resultado,

Uma resposta provoca uma centena de perguntas.

Mais importante do que a poesia é o seu resultado,

Um poema invoca uma centena de atos heróicos.

Mais importante do que o reconhecimento é o seu resultado,

O resultado é dor e culpa.

Mais importante do que a procriação é a criança.

Mais importante do que a evolução da criação é

a evolução do criador.

Em lugar de passos imperativos, o imperador.

Em lugar de passos criativos, o criador.

Um encontro de dois: olhos nos olhos, face a face.

E quando estiveres perto, arrancar-te-ei os olhos

e colocá-los-ei no lugar dos meus;

E arrancarei meus olhos

para colocá-los no lugar dos teus;

Então ver-te-ei com os teus olhos

E tu ver-me-ás com os meus.

Assim, até a coisa comum serve o silêncio

E nosso encontro permanece a meta sem cadeias:

O lugar indeterminado, num tempo indeterminado,

A palavra indeterminada para o Homem indeterminado.

Moreno - 1914

PRIMEIRO ATO

INTRODUÇÃO

DO DRAMA DENTRO DO DRAMA

CENA 1 - O encontro pretendido e o meu lugar

Do meu ser educadora, comprometida com um modo de fazer educação, abrindo espaço para um acontecimento se dar - o encontro educativo no caminho do Psicodrama, sinto-me convocada (de vocare - chamar) para convidar Jacob Levy Moreno (1889-1974), Martin Heidegger (1889-1976) e o educador psicodramatista do nosso tempo para sentarem juntos, compartilharem os dramas protagonizados em sua aventura de ser, na tecitura de um novo Drama - Abertura de Mundo - onde o acontecimento educativo psicodramático possa se iluminar.

"Protagonista", (o que primeiro agoniza) no movimento de passagem de estar lançado num fazer - possibilidade de ser, para o dispor-se a abrir o sentido do que faz, quero entrar para o "tablado ou Palco imaginário" - espaço de desvelamento - com a inquietude e as cenas do meu quotidiano fazer, carregando comigo as questões: o que é isto que se dá com minha ação - o acontecimento educativo psicodramático? É assim que devo chamá-lo? O que é educativo e o psicodramático deste acontecimento, que pede para ser apropriado por mim - protagonista? Em que está fundado? Qual o seu sentido? Qual o seu alcance e destino dentro do Mundo da Educação do nosso tempo?

"Diretora do encontro", sou "solicitude", "zelo", na produção do encontro que vai se dar entre a educadora - protagonista e seu mundo, habitado por Heidegger - pensador no encalço da questão do Ser e de ser; Moreno - criador de um caminho (instrumental e teoria) de re-velação e apropriação do homem e da "realidade" que se sustenta num modo de relação com o Ser e finalmente pelo Fazer do educador psicodramatista.

Ainda como "diretora", tenho a clareza do contrato firmado que se dá na direção de um pesquisar, onde o esperado que se produza é a expressão do discurso da educadora - protagonista, habitando a proximidade do seu interrogar, onde se clarifique em mais profunda compreensão o próprio perguntar e responder.

Disponibilidade para se pôr num espaço aberto, onde não há respostas prontas. Abrir-se ao não-saber.

"Protagonista", "Diretora do encontro", e também no contexto deste ensaio monográfico, "Pesquisadora/Autora". Pesquisar vigilante para que Heidegger e Moreno também "egos auxiliares" se façam presença a partir de seus discursos, no que estes mostram do "lugar" de suas existências de onde começaram a falar, re-velando o tema gerador de seus textos, buscando uma aproximação ao horizonte de suas obras. Apesar de "personagens internos" da protagonista, enredados no seu fazer, no seu drama existencial enquanto educadora-psicodramatista, suas obras são *herança* e no contacto com elas, *no que dizem*, na experiência que geram, são *palavras-evento*, com que mantemos reciprocidade dialógica e histórica, abrindo-nos a possibilidade de maior compreensão do nosso fazer e de nós mesmos.

Outros "egos auxiliares" estão conosco neste caminho, enquanto pesquisadores/autores; aqueles que já se debruçaram sobre as obras dos dois pensadores e que com sua compreensão, também iluminam a estrada em que compartilhamos o saber.

Ao falarmos em palavras-evento, encontramos em Gadamer, pesquisador hermeneuta, a mesma perspectiva elucidada por Palmer:

"Não somos tanto pessoas que conhecem, como pessoas que experimentam; o encontro não é chegar conceptualmente a algo, antes é um evento em que um mundo se nos abre". (1)

Onde aprendemos a habitar, no falar e calar, da fala de cada um.

Vamos assim clarificando o horizonte desse encontro, onde a busca da compreensão não se estabelece numa relação entre "pessoas", mas num compartilhar o tema que as obras dos dois pensadores comunicam, abrindo um mundo comum.

CENA 2 - O drama E O DRAMA

Experiência de pensar que aqui vai se dando

Ao passarmos os olhos pelo lugar de onde brota a pala-

(1) Richard E. PALMER, *Hermenêutica*, p. 211.

vra "drama" quando a utilizamos para nos contarmos uns aos outros do que nos ACONTECE, advém:

-- "Pôxa isto é um drama ! "

-- "Fulano de tal está vivendo um drama !"

-- "Ora, não faça drama !"

-- "Ah, não é nem um drama !"

Ou como diz a canção: "Drama... É o fim de cada ato!..."

Cabe interrogar: Para onde cada ato nos remete ?

Estamos diante do problemático, do que gera espanto, do que dá que pensar.

Vamos reconhecendo um "lugar" em que estamos expostos à perplexidade, entregando-nos a esse sentimento de situação ou reagindo a ele. Mas, tocados, afetados, atingidos em nosso ser. A compreensão se retrai diante do imponderável e com ela, possibilidades de ser, nossas ou do outro, também. Ruptura, Velamento.

Deparamo-nos com as contingências de uma existência finita a que estamos lançados. Tantas determinações não escolhidas.. De tantos con-textos que se sobrepõem.

E ainda assim trazemos a possibilidade de transcender o imediato no ter que dar conta de ser.. Interrogar pelo Ser.

Fala da Protagonista

Vivendo (1979)

Do meu lugar, na dança do mundo

Na Ciranda do tempo

Quem pode, quem pode falar ?

Quem, senão eu

Senão você

Cada um

Por si mesmo, em sendo o mesmo ?

Ainda que neste vazio pleno de NADA

A noite chegue de mansinho e se instale

Ou caia de súbito em sua escuridão,

Ainda que de dor o peito quase se arrebente

Ainda que mais que tudo um lugar contingente

O sentido só se oferece a mim,

A você.

A cada um.

A noite entre-abre estrelas

A dor se des-vela em Mistério

Da contingência se re-unem pedaços

Do não-necessário o RE-LIGAR se apresenta.

O sentido é meu

Não é da vida, nem é do mundo

Vai se fazendo

No "entre" do meu ser-no-mundo.

Vai se dando em cada (des) (en) contro

Comigo,

Com o outro

Com o mundo,

Co-criadores, então ?

*Da situação vem a palavra,
No tecer incessante da veste
Que funda comigo, na minha hora.
Neste lugar,
Em que
Tudo se acaba, como começa
De GRAÇA !
Dom !
Dádiva !*

Acontece um salto...

Dentre tantos outros construídos historicamente no caminhar humano, que aqui se dá na tentativa de poematizar. Precário esforço de apreensão de sentido, de um tematizar ...

Meta - Drama, poderíamos chamar ?

Retomemos.

- drama de cada situação, cena-situação do existir, onde perplexidade, espanto, tantas vezes está presente.

- drama da condição humana, contingência e finitude, onde o homem diferentemente dos outros entes, busca soluções para o que se mostra como questão, como problemático, construindo um Mundo Humano. Sempre alguma compreensão de onde estamos conosco mesmos, mesmo na interrogação.

Poderíamos chamar a esse movimento, Drama existencial, no palco do mundo, protagonizado por todos nós, cada um, na sua aventura de ser? Drama que se dá com a irrupção de atos, em imagens internas, gestos e palavras (falas) onde o falar estruturado

em discurso temático (falado ou escrito), que diz desse ser, é uma possibilidade.

E como nomear então, esta última possibilidade ? Esse movimento, acontecimento instalado no primeiro, que se dá na ruptura do ato de tomar a cena vivida e apropriá-la, torná-la própria, ou a cena por viver e antecipar-lhe possibilidades de desdobramento, apropriar-se de um ver, de um se pôr, onde o que aponta o caminho é o re-ver - o se re-ver, o se debruçar sobre o que se dá... Movimento de sobre-assumir o drama, em que Meta-Drama se revela como um mover-ser "sobre" o drama - vários dramas (situacional, pessoal/profissional - social - cultural - histórico - político) existencial sempre, tecido nas existências em que se sustentam e vão ao encalço do sentido. Ser que se dá no Tempo. Entranhado à temporalidade de todos nós, de cada um.

- drama existencial, o viver e seu quotidiano fazer e dizer.

- Meta-Drama, enraizado no primeiro, empenho no fazer e dizer reflexivo - temático, que distende o olhar, capta, produz, ilumina o sentido em amplidão maior, no obrar fundado em modos de ser do homem e que dizemos: filosófico, artístico, místico, científico. Profusão de visadas, acentadas em tradições.

Este último, o científico, se desdobrando em tantas regiões onde ser se dá, se mostra, se oferece e que para o homem contemporâneo em muito se reduz à explicação e domínio dos entes numa relação com o ser, fundamentalmente quantitativa utilitária e tecnológica, contabilizada pelo cálculo. Tal relacionar-se, o afasta de sua "essência" e ameaça a sua morada "física" - a Terra



e a sua morada "psíquica" - o Mundo Humano, aprisionando-o aos conceitos prontos e aos pré-conceitos.

Senhor onipotente do ente, se afasta de ser "Pastor do ser", "Medida de todas as coisas", perdendo-se enquanto medida de si mesmo, no dizer de Heidegger.

Herdeiro e partícipe de um Drama coletivo, esquecido e se esquecendo da sua possibilidade de ser ator/autor espontâneo - criativo, no dizer de Moreno. Prisioneiro das "conservas culturais", mas trazendo em si a possibilidade de desvelar o Drama e recriá-lo.

Meta-Drama realizado aqui - chamado abertura de Mundo - na Medida em que o produzido nada mais é do que um caminho a ser aberto chamando para uma nova compreensão deste estar lançado no caminho de educar ao modo de ser psicodramatista.

Abertura de mundo, que se mostra como reflexão temática em busca de uma nova relação com a palavra, no enalço do horizonte para o qual aponta, a partir da experiência de ser que antecede a chegada do conceito, de onde emerge como expressão de Mundo, relação com o Ser.

Estamos dentro da tradição fenomenológica e de modo especial do pensar heideggeriano que chama ao homem "Dasein" (ser presente/pre-sença, ser-aí) - como aquele ente que se vê às voltas com a questão de ser e do Ser, que se vê desafiado com a questão do sentido, abrigando-a na linguagem em palavras e gestos, marca do seu transcender, o salto já pontuado em drama e meta-drama.

DASEIN - DA (lugar, espaço, situação) SEIN (ser) - acontecimento de ser no homem como ente que se importa com seu ser e com o Ser. Investidura de sua humanidade, resignificando a antiga palavra *transcender* como *existência*.

Existência que não é mero subsistir, como os demais entes, mas eclosão de sentido.

Psicodrama, modo peculiar desse saldo de transcendência se dar na experiência vivida, *reunindo a ação de existir e de pensar* à luz de uma concepção de ser (verbo) humano que embasa um caminhar metodológico em direção à apropriação da espontaneidade-criatividade, enquanto possibilidades desse ser humano. Uma ação de compreender. Reúne drama e Meta-Drama?

Ouçamos Moreno:

" ... ciência que explora a "verdade por métodos dramáticos" - onde drama como transliteração do grego significa Ação.
(2)

Investigação, saber que explora *o que se dá* por métodos de ação (ativos).

Psico - advém do vocábulo grego *psique*, significando: alma, pessoa, ser animado, espírito.

(2) Jacob L. MORENO, *Psicodrama*, p. 17

Drama - ação.

-- PSICODRAMA: psique em ação - movimento de ser que se apropria desse ser ?

Mas cabe perguntar:

Que ação ?

Que verdade ?

Que ciência ?

E como compreender "psique" ?

Mesmo que seja num sentido aproximativo aberto pelo pensar meditativo de Martin Heidegger, nos movemos em direção a estas questões, buscando abrir seus significados, buscando desvelar o que se dá com nossa ação: o acontecimento educativo psicodramático. Buscando o lugar em que se reúnem Heidegger e Moreno - a questão de ser, à luz da preocupação com o Educar.

CENA 3 - Das presenças de Heidegger e Moreno na condição existencial de "educadora" da protagonista

Entrei em contato com Moreno, a partir da minha formação em Psicodrama, realizada em 1975/1976 no GETEP (Grupo de Técnicas Psicodramáticas). Equipe de educadores profundamente comprometida em colocar a abordagem psicodramática a serviço da educação popular e democrática do homem brasileiro - ingressando na mesma, logo a seguir. Juntos temos percorrido um caminho de reflexão, estudo e troca sobre Educação, Psicodrama, produção cultural contemporânea e realidade brasileira, a partir de nossa ação educacional em relação aos contextos da Educação formal (Es-

cola), do Trabalho (Empresas ligadas à produção e à prestação de serviços - públicas ou privadas), da Educação Social/Comunitária (Associações, Sindicatos e diferentes grupos ligados a movimentos sociais da periferia) e Orientação (vocacional, familiar, de adolescentes etc.).

Trabalhando com "educadores" em seus locus profissionais, atendendo-os em nossa sede em supervisão ou cursos especiais, recebendo-os em nosso curso de formação: Psicodrama-Sociodrama/Educação, nos damos conta de levar em frente o Projeto Moreniano - A Revolução Espontânea Criadora, no que esta apresenta de possibilidades e limites.

Em contato com as obras de Moreno e com as obras de seus continuadores, em contato com o fazer psicodramático, o trabalho concreto de se lançar na condição de educador, via GETEP, se complementa e se aprofunda, via nosso trabalho na Universidade. De 1979, até sua extinção recente 1987/1988, o Ciclo Básico da PUCSP nos possibilitou o exercício e a aprendizagem da postura Moreniana em Educação, bem como a prática e a reflexão a cerca do Psicodrama Ensino, enquanto professora da Equipe de Psicologia.

De 1984 até o presente momento, integrando a equipe de psicodramatistas que responde pela disciplina: Estruturação do Papel Profissional do Fonoaudiólogo, do Curso de Fonoaudiologia da PUCSP, tenho encontrado um espaço privilegiado para a pesquisa, aplicação e reflexão acerca da inserção do Psicodrama no contexto Institucional da Educação Superior, lidando com a formação de um profissional e com uma área do saber que se ancora nas questões da Saúde e da Educação; espaço que se abre para a vivên-

cia do Psicodrama enquanto Metodologia de Ensino, abordagem para desenvolvimento de papéis, sensibilização enquanto jogos dramáticos e desenvolvimento grupal.

Psicodrama enquanto instrumental e teoria, abordagem que se funda numa concepção de homem e de mundo, originando um projetar-se filosófico, científico e político. Possibilidade de um lidar concreto com o fenômeno da Educação - no seu se dar nas relações entre os homens, enquanto intencionalidade ou não. Possibilidade de um lidar com a Educação do Educador, com a minha Educação, caminhar infindo quando colocado em termos de ser Educador sempre Educando.

Moreno se faz presente pelo caminho que abre no cultivo da espontaneidade e criatividade.

E Heidegger?

Encontro Heidegger em 1977 via Ser e Tempo, na sua tradução em espanhol, gentilmente cedido pelo meu orientador, Professor Dr. Joel Martins, para explicitar o conceito de "existência". Conceito importante num projeto humilde de pesquisa, montado para responder às exigências complementares aos créditos no mestrado em Psicologia da Educação da PUCSP. Tal projeto se preocupava em desvendar "O significado que o adolescente atribui à sua existência", a partir de minha condição de orientadora educacional da Fundação Bradesco, instituição educacional em que trabalhei de 1972 a 1977. O projeto marcava minhas primeiras aproximações à Fenomenologia, via Carl Rogers e Rollo May.

O impacto do contato com a obra prima de Heidegger se fez sentir em todos os âmbitos de "minha existência". Caminhei

pelo livro durante alguns anos, integrando grupos de estudo com o Professor Dr. Joel Martins e junto à Sociedade de Análise Existencial fundada pelo Dr. Solon Spanoudis e colaboradores.

A experiência era de um "reconhecer". O impacto de se descobrir "filosofante" no cotidiano pessoal/profissional. Uma nova proximidade com o pensar, desalojava a filosofia do "nicho para especialistas" em que eu a colocara, pondo em questão inúmeros aspectos da minha formação intelectual, gerando angústias profundas, mas possibilitando um redescobrir da simplicidade do modo de ser "filo~~n~~-sofós" - amigo da sabedoria. Uma nova clareira se abria para a experiência de ser espontâneo-criativo, e como "educadora", favorecedora da espontaneidade e criatividade, numa nova relação com o saber e com o Ser.

Reordenamento de perspectivas. Conhecer as outras obras do filósofo tornou-se tarefa imperiosa e prioritária (ainda inconclusa). Neste interim a identidade profissional como educadora psicodramatista foi se firmando, e através do Psicodrama a possibilidade de penetrar no domínio aparentemente hermético do pensador e encontrá-lo na ótica de subverter um pensar cientificista, tecnocrático e metafísico que impregna toda civilização ocidental, toda nossa relação com o saber. A questão de ser e do Ser também se tornou minha questão.

Houve necessidade de um longo "maturar" para ensaiarmos os primeiros passos no sentido de alcançarmos a proximidade da clareira ontológica - o perto, mas velado presente no existir e no psicodramatizar.

O presente trabalho aproxima esta perspectiva e mostra



a procura desse caminhar.

CENA 4 - Revendo

O que aconteceu até aqui com nossa meditação?

Pro-jectamos - lançamos adiante - a possibilidade de um encontro entre a educadora e seu Mundo, habitado por Heidegger e Moreno, "egos auxiliares", tendo em vista iluminar o acontecimento educativo psicodramático - resultado da ação da educadora, reafirmando, sempre educanda.

Reconhecemos no dar-se de nosso existir - drama existencial - um entrar em cena-situação, a cujo locus chamamos "palco ou tablado imaginário", espaço cênico - onde o ato de pensar é de escrever sobre nossa ação educativa vai se dar Drama ou Meta-Drama - abertura de Mundo - onde vai se configurar a peça do discurso da educadora.

Nesse drama existencial da educadora - pesquisadora e autora, vimo-nos como protagonista - o que traz o seu drama para ser aberto, entrando em cena com seu interrogar, com o seu buscar. Vimo-nos como diretora do encontro - a que de posse de um saber, se faz disponível para que o encontro se dê, na direção de um "des-velamento" - Meta-Drama.

Detivemo-nos no sentido vinculado a nossa quotidianidade atribuído à palavra drama - utilizada para descrever um estado de coisas onde comumente a compreensão imediata nos é roubada, onde fala um sentimento de situação que vai do espanto ao conflito e diante do que as palavras não chegam. Estamos diante

de nossa "facticidade", o nos encontrarmos lançados num simplesmente aí, e nossa "finitude", como entes da errância e para a morte, então se faz presente. Ocultamento do Ser, de ser. Vela-mento.

Reconhecemos no movimento de existir e de pensar o sermos tocados desse modo pelo drama e chamamos o trabalho de abri-lo, reencontrando nova compreensão, de Meta-Drama.

Para o Meta-Drama que aqui vai se dar - o educador psicodramatista perguntando pelo que se dá com sua ação: o acontecimento educativo psicodramático - apontamos para o pensar de Martin Heidegger e para o caminho criado por Moreno, como a "abertura" face à qual o drama - ação no sentido Moreniano - vai ser recolhido.

Procuramos dramatizar a meditação que vai se dando em cinco grandes tópicos chamados Atos para expressar o nosso ver - o pensar, como uma ação do existir onde as cenas vão se sucedendo no nosso palco ou tablado imaginário.

No Ato que vai se findando, o primeiro - a protagonista se apresenta e traz consigo o que vê como possibilidade de se tornar tema.

No segundo Ato - O inquérito e seu caminho vamos nos defrontar com o modo como é feita a pergunta: o que é isto que se dá com nossa ação - o acontecimento educativo psicodramático. Vamos situá-lo dentro da perspectiva fenomenológica existencial hermenêutica. Damos a palavra a Heidegger e começamos a ver o lugar de onde emerge a obra moreniana - o encontro entre Heidegger e Moreno começa a se dar.

No terceiro Ato - *Drama*. pretendemos a protagonização do Educador trazendo sua *ação* para ser pensada. Ação que se desdobra nos eixos: o desenvolvimento de papel, o ensino - o jogo dramático e o trabalho centrado sobre o grupo.

No quarto Ato - *Meta-Drama*, o drama é sobreassumido à luz do ver Heideggeriano e Moreniano. Realizamos um entrelaçamento entre o Mundo da Educação e o Mundo do Psicodrama vendo o dar-se do acontecimento educativo psicodramático.

No quinto Ato fazemos uma retrospectiva de toda nossa caminhada e pensamos no sentido em que se desenvolve nossa ação e o seu alcance e destino dentro do Mundo da Educação do nosso tempo.

SEGUNDO ATO

DO INQUERITO E SEU CAMINHO

- O que é "isto" que se dá com minha ação - o acontecimento educativo psicodramático?
- Por que chamá-lo assim?
- O que é o educativo e o psicodramático deste acontecimento?
- Em que está fundado?
- Qual o seu sentido?
- Qual o seu alcance e destino dentro do mundo da Educação do nosso tempo?

CENA 1 - Do fenomênico ao fenômeno

Do ente ao seu ser

Com essas questões entramos em cena buscando iluminar o acontecimento educativo psicodramático, vinculando-o ao mundo da educação, partindo da ação da educadora psicodramatista.

Busca-se um "permitir ver" a coisa chamada acontecimento educativo psicodramático. Fazer patente aquilo de que estamos falando, que nos intima a pensar com sua presença. Mas o patente - o que se mostra em si mesmo - é "fenômeno".

"Como significação da expressão "fenômeno" é necessário enfim que se fixe

esta: o que se mostra em si mesmo, o patente". (1)

Tal é nosso intento então: fazer patente, visível em si mesmo, constituir em fenômeno o que se dá com a ação do educador psicodramatista, pois o que se dá a conhecer na nossa experiência imediata e que estamos chamando de acontecimento educativo psicodramático é apenas "ainda" o fenomênico, ao menos para a pesquisadora que experiencia aqui a ação de pensar.

"Fenomênico se chama o que se dá e é explanável na forma peculiar de fazer frente ao fenômeno". (2)

Convocando desse modo o ente acontecimento educativo psicodramático para que surja em nossa presença, vamos nos colocando no caminho do pensar fenomenológico de Martin Heidegger, para quem fenômeno em sentido fenomenológico é:

...somente aquilo que é ser, mas ser é sempre ser de um ente: daí que quando se pretende pôr em liberdade o ser, seja

(1) Martin HEIDEGGER, El Ser y El Tiempo, p. 39.

(2) Ibid., p. 47.

necessário antes fazer comparecer na forma justa ao ente mesmo". (3)

A forma "justa" através da qual pensamos poder fazer comparecer o ente mesmo é nos debruçarmos sobre o relato da ação do educador psicodramatista e através dele, chegarmos ao que é ao que se dá nessa ação. Perguntamos pelo fundamento, pelo sentido, pelo que determina o acontecimento educativo psicodramático enquanto tal, portanto pelo seu ser.

No entanto já nos movemos num certo grau de compreensão com respeito a que este ente se refere. Reconhecemo-lo e nos reconhecemos na sua presença. Habitamos nele, estamos familiarizados com ele, vinculando-o ao Mundo da Educação e ao Mundo do Psicodrama, reconhecendo que emerge do caminho aberto por Moreno através do Psicodrama. Vemo-nos agindo em Educação no "papel" de educador psicodramatista - lançado nessa possibilidade de ser. Nosso buscar tem, portanto, uma direção dada previamente que tentaremos trazer à luz, ao mostrar a coisa mesma.

Da mera subsistência, da mera disponibilidade em que este ente se faz pre-s-ente, se faz pre-s-entar, na nossa lida cotidiana (e aqui já falamos de ser, embora não constituído em objeto temático) queremos dar o salto que nos coloca diante da - pergunta o que é isto - o acontecimento educativo psicodramático.

(3) Martin HEIDEGGER, El Ser y el Tiempo, p. 47.

Com isto perguntamos pela essência, pelo modo como o que se tem em mira, é, isto é, se apresenta.

CENA 2

Ente - ser - essência, de que estamos falando?

ENTE

"...entes chamamos a muitas coisas e em distinto sentido. Ente é tudo aquilo de que falamos, que pensamos, relativamente a que nos conduzimos de tal ou qual maneira; ente é, também, aquilo que somos nós mesmos e a maneira de sê-lo". (4)

SER

"O ser está implícito no "que é" e "como é"; na realidade no sentido mais estrito; no "ser ante os olhos"; no "constar que..."; no ser válido; no "ser aí; no "há que". (5)

O homem é chamado para reconhecê-lo e para abri-lo. É o ente destinado por excelência a reconhecer a presença do que se

(4) Martín HEIDEGGER, El Ser y El Tiempo, p. 16.

(5) Ibid., p. 16 - grifo nosso.

dá e a presentificar-se, uma vez que é o único que se apresenta perguntando pelo ser e sua questão é ser.

Do longo caminho que vai de SER E TEMPO: obra máxima de Heidegger, publicada pela primeira vez em 1927, onde em busca do sentido de SER, constrói sua Ontologia Fundamental, interrogando primeiro o homem (ser-aí) - espaço da pergunta pelo ser e o que já habita numa compreensão do ser para dar conta de ser João, José etc. no lidar com as cenas-situação de seu existir - até TEMPO E SER, conferência proferida em 1962, onde busca:

"...dizer algo sobre a tentativa de pensar o ser sem levar em consideração a questão de uma fundamentação do ser a partir do ente". (6)

Tendo no HORIZONTE a questão: DA-SE SER, Heidegger parte da tradição grega em que:

"Ser significa, desde a aurora do pensamento ocidental-europeu até hoje, o mesmo que presentar". (7)

Aqui falam juntos presente e presença. "Tempo e Ser". Embora o Pensamento pense o que se presente (o ente) não pensa o presentar mesmo. Heidegger se dispõe e se expõe nesse caminho.

(6) Martin HEIDEGGER, Tempo e Ser, Os Pensadores, p. 455.

(7) Ibid., p. 455 - grifo nosso.

Como neste trabalho não está em foco um estudo aprofundado sobre como se desdobra o pensamento do filósofo ao longo dos anos, mas visa um presentificá-lo a partir do mundo do Educador protagonista, atemo-nos às linhas gerais do seu pensamento, que se mantém, sempre a partir do mesmo locus de preocupação.

Vamos encontrar dito de outro modo, após a marcha de reflexão de toda uma existência, dedicada a pensar SER e indissociavelmente o HOMEM, o mesmo lugar para o ser-aí;

"... O homem, é abordado pela presença, o qual a partir de tal abordagem, se apresenta, ele mesmo, à sua maneira, a tudo que se apresenta e ausenta.

O homem está postado de tal modo, no interior da abordagem pela presença, que recebe como dom o apresentar que dá-se, enquanto percebe aquilo que aparece no presentificar. Não fosse o homem o constante destinatário do dom que brota do "dá-se presença", não alcançaria ao homem aquilo que é alcançado no dom, nesse caso o ser não apenas ficaria oculto na ausência deste dom, nem apenas também fechado, mas o homem permaneceria excluído do âmbito e do alcance do: DA-SE ser. O homem não seria

homem".(8)

" Ser quer dizer: pre-s-entar, presenti-
-ficar, pre-s-ença".(9)

" Presença significa o constante perma-
necer que se endereça ao homem, que o
alcança e é alcançado".(10)

" Quando, porém, se fala de pre-s-entar,
exige-se que percebamos no demorar en-
quanto aproximar-se pelo durar, o perma-
necer e o durar permanecendo. Presentar
se aproxima de nós; presente que dizer:
demorar-se ao nosso encontro, ao encon-
tro de nós os homens".(11)

Assim permitimo-nos dizer, "é", "foi", "é ainda", "será",
"poderia ser"... e nos colocamos diante do DA-SE presença, acon-
tece, re-união de TEMPO, SER e HOMEM.

Heidegger vai denominar o lugar que é próprio a tempo e

(8) Martin HEIDEGGER, Tempo e Ser, Os Pensadores, p. 461.

(9) Ibid., p. 460.

(10) Ibid., p. 462.

(11) Ibid., p. 461.

ser - que determina a ambos - de das EREIGNIS (o acontecimento apropriação) e vai vinculá-lo ao originalmente antigo que se oculta no nome de ALETHEIA - (A - Letheia) - DES-VELAMENTO.

"A palavra acontecimento-apropriação é tomada da linguagem natural, mas pensada originariamente "ER-EIGNEN" (acontecer), significa "ER-AUGNEN", quer dizer descobrir com o olhar, despertar com o olhar, apropriar".¹¹ Para Heidegger deve ela ser a palavra-guia a serviço do pensamento que se deixa traduzir tão pouco como a palavra-guia grega LOGOS ou a chinesa TAO . (12)

Num esforço de rompimento com o pensamento representativo-conceitual que herdamos da metafísica onde a linguagem se fecha no pronto-à-mão do conceito acabado quando não do pré-conceito e no esforço de transcender a ruptura de sujeito, de um lado, - objeto do conhecimento, do outro, onde os entes são recolhidos na perspectiva da funcionalidade técnica, Heidegger nos alerta para a possibilidade de irmos além do que chama GE-STELL (arrazoamento). Em alemão a palavra significa "armação", "estante".

(12) Martin, HEIDEGGER, O Princípio da Identidade, Os Pensadores, p. 383.

Nas palavras de Ernildo Stein:

"... proveniente do verbo stellen, que tem o sentido de pôr, apontar o lugar, fixar, regular, provocar, exigir contas, contestar etc. para definir aquele âmbito que se cria pelo confronto entre homem e técnica (homem e natureza a ser transformada pela técnica), na medida em que ambos se provocam, exigem contas um do outro, chamam-se à razão reciprocamente". (13)

No pensar que se desdobra como arrazoamento (GE-STELL), que é planejar, organizar, forçar os entes à entrada num prévio "armar" (entrar na conserva - cultural - diria Moreno) temos apenas o prelúdio do acontecer-apropriar. EREIGNIS não significa o que em geral chamamos qualquer acontecimento - uma ocorrência - um fato, mas designa o que se dá no singular - unicamente na co-pertença Ser e Homem, isto é, o mais próximo.

Nas palavras de Heidegger:

"Parece que agora corremos o risco de orientarmos, com demasiada despreocupação nosso pensamento para algum vago universal distante, enquanto que com a-

(13) Ernildo STEIN, nota no. 4 in Martin HEIDEGGER, O Princípio da Identidade, p. 382.

*quilo que quer designar a palavra a-
contecimento-apropriação somente dirige
seu imediato apelo para nós o mais
próximo daquele próximo em que já esta-
mos repousando"...*

*..."O acontecimento - apropriação é o
âmbito dinâmico em que homem e ser
atingem sua essência, conquistam seu
caráter historial, enquanto perdem
aquelas determinações que lhes emprestou
a metafísica". (14)*

Este rompimento chama o homem para habitar na verdade do Ser e de ser enquanto DES-VELAMENTO.

(A)LETHEIA, considerando que o homem está presente e ausente de si mesmo, e o Ser não é só presença mas ausência também, o que abre o âmbito do MISTERIO e o poder ser que interroga sobre homem e Cosmos.

Neste "presentar", não saltamos sobre o ente para dominá-lo, na cisão sujeito-objeto, mas nos colocamos em correspondência com o que se dá.

Conhecer (con-cebere) é assumido como modo de ser. Nes-

(14) Martin HEIDEGGER, O Princípio da Identidade, Os Pensadores. p. 383, grifo nosso.

sa clareira (LICHTUNG) presente e presença se recolhem e nos trans-forma.

Retomemos nossa interrogação:

O que é isto que se dá com nossa ação - o acontecimento educativo psicodramático.

Ao pensarmos SER e o fizemos trazendo junto TEMPO e HO-MEM, nos encontramos com o dom oculto no se dá: o pre-s-entado e o pre-s-enti-ficado mediante nossa ação - o acontecimento educativo psicodramático - ente em questão. E nos encontramos também com o acontecimento - apropriação - das EREIGNIS - como lugar de SER e TEMPO. Este, para nós, fala de um modo diferente do que simplesmente o acontecimento como fato - como ente meramente subsistente - mero estar aí, mas passa a falar desse acontecimento como pre-s-entar, des-velar, colocando-nos ante a maravilha de que este ente é - dá-se - no acontecer - apropriar (EREIGNIS) da nossa ação; se pre-s-enta.

Mas não é suficiente aqui nos mantermos na quotidianidade e familiaridade com nossa ação que produz este acontecer, regionalizado no que se entende por Educação e Psicodrama. Cabe MOSTRA-LO, torná-lo patente, isto é FENOMENO. Caminhar do fenomênico, presentificado pela nossa percepção, ancorada no saber Moréniano, no qual já nos relacionamos com seu ser, para o fenomenológico, o pre-s-entar ao modo de trazer à presença a coisa mesma no seu ser.

Da ingenuidade da admiração, para o tecer da admiração. Do conviver pré-ontológico com nossa ação, para uma tenta-

tiva de vê-la ontologicamente, isto é, constituindo-a em objeto temático onde se busca o seu ser.

Daí o modo peculiar de iniciar a nossa pergunta:

O que é isto que se dá com nossa ação - o acontecimento educativo psicodramático.

ESSENCIA

Estamos imersos na pre-s-ença do ente que se dá, perguntamos pela sua essência, tentando trazê-lo à luz.

"Já desde há muito tempo costuma-se caracterizar a pergunta pelo que algo é, como a questão da essência". (15)

Em grego: tí estin - modo peculiar do perguntar desenvolvido por Sócrates, Platão e Aristóteles.

"Aquilo que o "que" significa se designa o quid est, to quid: a quidditas, a quiddidade. Entretanto, a quidditas se determina diversamente nas diversas épocas da filosofia. Assim por exemplo, a filosofia de Platão é uma interpretação ca-

(15) Martin HEIDEGGER, O que é isto - a Filosofia, Os Pensadores, p. 214.

racterística daquilo que quer dizer o ti. Ele significa precisamente a idéia". (16)

E o que significa essência - do verbo latino *essere* - existir - para Heidegger? Ernildo Stein nos esclarece, em nota presente ao tratado "Sobre a essência do fundamento", surgido no ano de 1928.

"Ainda que WESEN designe, de per si, essência e UNWESEN (não essência) desordem, Heidegger carrega os dois termos com um sentido fenomenológico. De acordo com sua compreensão do método fenomenológico, passam a ter, força verbal. WESEN significa então: acontecer, imperar, revelar-se à manifestação fenomenológica; UNWESEN (treiben) frustrar e perturbar o acontecer, o imperar, dissimulação do que de si se revela, ocultação "fenomenológica". WESEN e UNWESEN exprimem assim de maneira decidida, um traço básico do pensamento heideggeriano. Apontam sobretudo também para a superação

(16) Martin HEIDEGGER, O que é isto - a Filosofia, Os Pensadores, p. 213.

da tradição essencialista. A nova carga semântica os transforma numa chave (ou clave) que desloca toda linguagem do filósofo para dentro de um novo horizonte conotador. Todo o conteúdo tradicional se torna fenomenológico. Ontologia se torna fenomenologia. Na nova postura se revela, já desde o início, seminalmente, a destruição, transformação, repetição em outro nível, de toda a metafísica ocidental. Esta violenta metamorfose das palavras transfere toda a linguagem filosófica para um novo começo, e dele emerge o impulso do pensamento existencial como Heidegger o compreende... Fala-se de fundamento não mais buscando razões, causas, mas descobrindo-se nele um acontecer originário ligado à transcendência, melhor à existência, ao ser-aí...

O método fenomenológico ocupa-se em desvendar o enigma do velamento e desvelamento que assim acontecem".(17)

(17) Ernildo STEIN. Nota nº 12 in Martin HEIDEGGER, Sobre A Essência Do Fundamento, Os Pensadores, p. 296, grifos nossos.

Portando - acontecer trazido para o âmbito do aberto, que se oferece ao apropriar do ser-aí. Reconduzimo-nos ao das E-REIGNIS (acontecimento- apropriação) lugar de Tempo e Ser, ao qual o homem pertence enquanto "abertura", "clareira", "pastor do ser" que abre o que se dá com sua transcendência na temporalidade, assinalando-a com sua "finitude.

Tendo trazido um pouco de luz sobre ENTE - SER - ESSENCIA, revelando seu entrelaçamento que se enfeixa no sentido do DES-VELAMENTO bem como clareando o intento de pensar que aqui se tece na senda da fenomenologia, vamos nos deter um pouco para circunscrever seu sentido para Heidegger.

CENA 3

A fenomenologia existencial hermenêutica

A palavra fenomenologia é composta como biologia, psicologia etc. que assim se abrem: ciência da vida, ciência da psique etc., portanto poderíamos desdobrá-la: ciência dos fenômenos - mas fenomenologia designa um método, um caminho:

"Fenomenologia não designa o objeto de suas investigações, nem é um termo que caracterize o conteúdo material deste objeto. A palavra se limita a indicar COMO mostrar e tratar O QUE deve tratar-se nesta ciência. Ciência "dos" fenôme-

nos quer dizer: TAL MODO de apreender seus objetos, que tudo quanto esteja em discussão sobre eles tem que tratar-se mostrando-o diretamente e demonstrando-o diretamente". (18)

Assim:

fenômeno - o que se mostra em si mesmo, o patente.

logus - o que encontra fundamento para ser entendido como "ciência", "percepção racional", "razão" no seu sentido primordial de FALA. No sentido de FALA, LOGUS quer dizer: fazer patente a - aquilo de que se fala na fala.

Trazemos a palavra do próprio Heidegger para torná-lo mais visível:

"O LOGUS permite ver algo (o que se mostra), a saber, aquilo de que se fala, e o permite ver ao que fala (voz média) ou aos que falam uns com outros. A fala "permite ver"... , partindo daquilo mesmo de que se fala. Na fala (...) se é ge-

(18) Martin HEIDEGGER, El Ser y el Tiempo, p. 45.

nuína, deve apreender-se o que se fala daquilo de que se fala, de modo que a comunicação por meio da fala faz naquilo que se diz patente, assim acessível ao outro aquilo de que fala". (19)

"Fenomenologia é a forma de aceder ao que deve ser tema da Ontologia e a forma demonstrativa de determiná-lo". (20)

"O conceito fenomenológico de fenômeno entende por "o que se mostra", o ser dos entes, seu sentido, suas modificações e derivados. É o mostrar-se não é um mostrar qualquer, nem mesmo o que se diz, um "aparecer". O ser dos entes é o que menos pode ser nunca nada "atrás do qual" esteja ainda algo "que não apareça". Atrás dos fenômenos da fenomenologia não está essencialmente nenhuma outra coisa, mas pode estar oculto o que deve tornar-se fenômeno. É justamente porque os fenômenos não estão dados ime-

(19) Martin HEIDEGGER, *El Ser y el Tiempo*, p. 43.

(20) *Ibid.*, p. 46.

diata e regularmente, requer-se a fenomenologia. Encobrimento é o conceito contrário de "fenômeno". (21)

Portanto, tomada por seu conteúdo, a fenomenologia é a "ciência do ser dos entes". *Permite ver* o dar-se do SER no seu *acontecer-apropriar* (EREIGNIS) pelo ser-aí. No que se entrelaça o jovem Heidegger de SER E TEMPO, ao velho Heidegger de TEMPO E SER.

Mas quem é o ser-aí? Este ente que já se relaciona com o SER e com o seu ser (embora nem sempre de forma temática na sua quotidianidade)?

É o ente que em seu "que é" (essência - acontecer) é sua *existência*: ex-sistencia; ec ou ek: além de, fora de; sistere: ser; portanto, sendo para fora de - sendo em relação a.

A fenomenologia de Heidegger vai se caracterizar então como *fenomenologia existencial*. De SER E TEMPO (1927) até TEMPO E SER (1962) *insiste* na co-pertença DASEIN (ser-aí) - SER.

*"Somente enquanto é ser-aí, dá-se ser".
(Heidegger cita a si próprio em SER E TEMPO). Isto significa: somente enquanto*

(21) Martin HEIDEGGER, El Ser y el Tiempo, p. 46.

se manifesta a clareira do ser, este se transpropria ao homem". (22)

Heidegger vai postular ainda que o trazer à luz o sentido de Ser e as estruturas existenciais do ser-aí, abrem caminho, abrem o horizonte de toda a investigação ontológica, mesmo para os entes que não têm a forma de ser do ser-aí. Colocação feita em SER E TEMPO a que vai se manter fiel por todos os anos subseqüentes quando pensa outros temas. É sempre à luz do aberto em SER E TEMPO sobre o ser-aí, revolvendo suas estruturas existenciais e situando seu alcance que prossegue a sua marcha de reflexão sobre SER.

Mas diz-se também que a fenomenologia existencial de Heidegger é hermenêutica. Em que sentido. o é? A palavra designa interpretação. E o que é interpretação? Como o constatamos nos parágrafos 31 e 32 de SER E TEMPO, é o desdobramento do compreender - uma das estruturas existenciais (condições de possibilidade) do ser-aí, junto ao encontrar-se (sentimento de situação) e à linguagem, que o assinalam como ser-no-mundo abertura ao ser.

No compreender, o ser-aí vê e o faz imediata e regularmente pelo seu MUNDO (todo de significatividade onde habita). Compreender a existência e o que ela cobre, seu dar-se e o que nela se produz, é sempre compreender o MUNDO. É sempre à luz do

(22) Martin HEIDEGGER, Sobre o Humanismo, Os Pensadores, p. 359.

seu mundo que o ser aí se lança adiante (transcende) - se projeta para com-preender o que se apresenta e se presentifica a si próprio. O que está ao seu alcance - o que aparece, surge numa referência de mundo, na teia das possibilidades (aqui não apenas o virtual, mas o que se dá) em relação a que está sempre lançado. A compreensão advém, pois, do ser pro-jectante do ser-aí.

Na interpretação, o compreender se apropria compreendendo do compreendido, que por sua vez é o desdobramento das possibilidades projetadas no compreender. Daí que a interpretação jamais é uma apreensão de algo levado a cabo sem supostos; cabe abri-los. Caracteriza-se como o "ver em torno" do ente, o seu como, que se funda:

- numa aquisição prévia (enquanto apropriação que se move num "ser relativamente a uma totalidade de conformidade já compreendida").

- num ver prévio (que "recorta" o tomado na aquisição prévia de acordo como uma possibilidade de interpretação, acentada por determinados conceitos prévios; apropriação do compreendido mas ainda velado, o desvela sempre sob o guia de "dirigir a vista" que marca aquilo por respeito ao qual deve interpretar-se o compreendido).

- num conceber prévio ou antecipação (que possibilita a articulação conceitual - daí que a interpretação pode extrair do ente mesmo que se trata de interpretar, os conceitos correspondentes- o VER FENOMENOLOGICO - em que as antecipações se fundarão na conformidade com as "coisas mesmas", ou

bem, forçar ao ente entrar em conceitos a que resiste, por sua forma de ser - os riscos presentes no VER POSITIVISTA - herança metafísica, fundada na cisão sujeito-objeto sob os auspícios da subjetividade: materialista ou idealista.

O "prévio" nos fala da estrutura do compreender em que o ser-aí sempre antecipa o sentido à luz da possibilidade em que está lançado, pois move-se sempre já, numa compreensão de ser, ancorada no seu mundo. A estrutura do ser-aí é circular e a da compreensão também o é. Do mesmo modo se dá os resultados do saber científico que se movem dentro do círculo da compreensão pré-suposta, dentro do conhecimento comum do mundo e dos homens. Segundo Heidegger, o decisivo não é sair do círculo, mas entrar nele de modo justo, evitando que as ocorrências e os conceitos já dados lhe imponham a aquisição prévia, o ver prévio e o conceber prévio ou antecipação, para desenvolver estes, partindo das coisas mesmas, assegurando-se do seu tema de pesquisa.

No tematizar - uma sinalada pre-sentação - tem-se por meta deixar em aberto - des-cobrir os entes que se encontram dentro do MUNDO de tal forma que possam ser "lançados" frente a um puro des-cobrir, tornando-se objectos recolhidos no dom do pre-sentar, assumindo pois o círculo hermenêutico - o círculo compreensivo-interpretativo, uma vez que para trazer à luz o Ser, já se sabe de antemão que o ser-aí se move numa compreensão (do ser).

Assumir a circularidade significa então que se pressuponha aquilo que deve ser atingido no caminho (método) antes de trilhá-lo explicitamente.

Mas o hermenêutico (o compreensivo-interpretativo) não se esgota no assumir a circularidade. É necessário olhar para dentro das estruturas existenciais do ser-aí, para descobri-lo num movimento de fuga em relação a si mesmo.

No dizer de Ernildo Stein:

"Mas já que o Ser somente se revela sob o ente num retorno sobre o ser-aí, torna-se decisivo perseguir e pôr a nu os modos de dissimulação em que primeiramente, e o mais das vezes, se situa o próprio ser-aí, na sua quotidianidade. Heidegger descobre o ser-aí, no movimento de fuga de si mesmo, numa tentativa de não se assumir na sua totalidade, como preocupação (zelo, solicitude) que se articula em existência, facticidade e decaída ou ser-adiante-de-si, já-ser em e junto-dos entes. O ser-aí se vela para si mesmo, encobre suas possibilidades e assim barra a possibilidade de uma revelação de ser. A atitude do filósofo, para contornar a fuga do ser-aí de si mesmo é partir da análise da quotidianidade e descobrir nela o homem no movimento de fuga. Somente, uma vez realizada a analítica do ser-aí



quotidiano, se descobre como o ser-aí pode assumir-se pela decisão enérgica, na sua verdade, para descobrir que sempre está simultaneamente na não verdade. Este interesse pela não verdade é o sinal da fuga de si mesmo". (23)

Na fenomenologia existencial hermenêutica heideggeriana -caminho em que se entrelaçam o método e o conteúdo pensado, faz-se presente um primado da tendência para o encobrimento, onde o homem e o essencial nas coisas tendem para o disfarce ou estão encobertos. Cabe abrir um âmbito em que o que está velado se mostre por si mesmo - o Ser sendo revelado sob o enté, na co-pertença, dasein e ser.

Segundo os dicionários, a significação de hermenêutica aparece como interpretação do sentido das palavras e dos textos sagrados, arte de interpretar leis ou do que está expresso em símbolos, interpretação filosófico-simbólica ou interpretação científica baseada na realidade humana.

Em todos esses sentidos, a palavra guarda a herança das origens - em grego: Hermeneutiké, a arte de interpretar, referindo-se a Hermes, o deus intérprete, portador das mensagens do destino, o qual compõe e impõe a história dos homens.

(23) Ernildo STEIN, Introdução Ao Método Fenomenológico Heideggeriano, Os pensadores, p. 287.

Segundo Heidegger, a existência só é ela mesma a partir de sua referência essencial com o Ser. O modo de ser do homem, abrindo espaços por onde o Ser se dá, se re-vela, faz do homem hermeneus, mensageiro do Ser, espelho e guardião da Verdade do Ser.

Estamos aqui diante de um postar-se que privilegia a preocupação ontológica à preocupação epistemológica e como tal se volta para um pensar originário. Aquele que desentranha as raízes das próprias possibilidades de pensar e daí é radical. Vai em busca dos modos de ser do que se dá, acontece e nos coloca diante do mistério.

Ouçamos a voz de um pensador radical:

"O mistério não é o misterioso, o estranho, o longínquo, o enigmático. Ao contrário. É a de-ferência mais íntima da interioridade de nós mesmos, dos outros ou de qualquer coisa".

Disso já nos fala a própria palavra.

Mistério vem do verbo grego μύω.

E μύω diz: trancar-se no centro, concentrar-se, diz encerrar-se no âmago, recolher-se ao íntimo. Aqui, centro, âmago, íntimo evocam a raiz da intensidade, o sumo de plenitude. Mistério não diz uma coisa, diz um movimento, o movi-

mento de con-sumar, de concentrar-se na origem, de recolher-se à natividade da raiz, de retornar ao sem fundo e fundamento, ao a-bismo de ser". (24)

Tal pensar, restitui à ciência, seu lugar de modo de ser do homem e aponta para um pensar mais originário que o representativo conceitual, marcado pelo esquecimento do Ser, convidando-nos ao *meditar*, deixar ser que é poetar e desentranhar o originário, aquém e além da *causa* e da *razão*. Remete-nos ao *dizer* - o logus heraclitiano e não simplesmente à lógica formal.

O dizer que é *Palavra* e *Silêncio* e como psicodramatistas, diríamos, é também *GESTO*, postando-nos na *Verdade do Ser* que habita a LINGUAGEM.

Nas palavras de Heidegger:

"... a linguagem é a casa do Ser; nela morando, o homem ec-siste enquanto pertence à Verdade do Ser, protegendo-a".
(25)

Chamando seu pensar de "lembrança do ser e nada além disso", situando-o num âmbito anterior ao "teórico" e "prático",

(24) Emanuel CARNEIRO LEAO, Heidegger e a Modernidade. A Correlação de Sujeito e Objeto, Tempo Brasileiro 50: 19.20

(25) Martin HEIDEGGER, Sobre o Humanismo, *Os Pensadores*, p. 357.

colocando-se como tarefa trabalhar na "edificação da casa do Ser", onde mora o homem, abre espaço para um pensar que se detém nos modos essenciais de ser do homem enquanto ek-sistente,- o que habita na proximidade do Ser - o que é vigilância, cuidado pelo saber.

Fenomenologia Existencial Hermenêutica - o pensar Heideggeriano que trazendo à presença Ser - e DASEIN é um anti-paradigma para nosso modo comum de fazer ciência, marcado pelo aparato técnico, retirando do quantitativo sua medida de verdade entendida como adequação.

A meditação que tal pensar nos desafia é sempre de olhar para o originário que precede todo pensar e fazer e nos convida a buscarmos explicitar a relação do da-sein com todo e qualquer ente, a partir do seu MUNDO aberto em modos de ser. Buscar a relação que os seus modos de ser essenciais guardam com todo desvelamento instaurado no seu ek-sistir, nos coloca diante da possibilidade mesma de re-visitar as categorias dadas, ditas como acentada e reabri-las, buscando o seu movimento mesmo de irromper. A ontologia fundamental de Heidegger abre novas possibilidades para a "pesquisa" em ciências humanas, uma nova perspectiva para a produção de conhecimento e uma nova perspectiva para o agir, para a praxis profissional. O pensamento que se tece em "Ser e Tempo" não só desvela o homem como aquele que emerge ao Ser, mas também busca explicitar o como emerge ao ser, abrindo novas perspectivas para o perguntar das áreas do saber ocupadas com o com-portar-se do homem.

Enquanto "lembrança do ser" nos alerta que o caminhar moderno não é um caminhar essencial, e sim funcional; estamos subjugados pela técnica que nos escraviza num frenesi do fazer, levando-nos à consumação e esquecimento do Ser.

Nas palavras de E. Carneiro Leão: Ser, pensar, sentir, saber, fazer ou se enquadram no serviço ou não tem nem hora nem vez.

Com o alerta Heideggeriano, como nos postar para sermos espaço, caminho e passagem para Ser-VIR?

E como enquanto psicodramatistas, comprometidos com a Educação não nos subjugarmos à escravidão do serviço funcional, mas sermos possibilitadores do habitar na Verdade do Ser ?

Cumpra-nos uma tarefa: elucidar os condicionamentos implícitos de nossos pensamentos, buscando colocá-los em liberdade. Pensar o presente e o apresentar, como re-colher.

CENA 4

Assumindo o círculo Hermenêutico

Do drama ao Meta-Drama - movimento de transcendência do ser-aí..

Lançadas as bases sobre o modo de produção de conhecimento que aqui vai se dando, cabe-nos "mostrar" as antecipações já feitas, em que a meditação se move no círculo compreensivo - interpretativo.

Fundamos o nosso modo de perguntar, assim expressado: Q que é isto que se dá com nossa ação - o acontecimento Educativo psicodramático. na abertura da fenomenologia existencial herme-

nêutica em que o pre-s-entar ao modo de trazer à presença o ente de forma temática, só se constrói olhando a co-pertença ser-aí - Ser, para trazer à luz a "coisa mesma" - o fenômeno.

Reconhecemos a direção vinda do ente - acontecimento educativo psicodramático que se circunscreve nos Mundos da Educação e do Psicodrama e que se pre-s-enti-fica pela ação do educador psicodramatista, lançado nessa possibilidade de ser. Queremos abrir esses dois mundos, olhando os relatos do trabalho do educador psicodramatista. No Encontro direto com o dar-se do ente, poderá se mostrar o antecipado na Introdução - 1º ATO, que vai ganhando novas articulações.

O PSICODRAMA - ciência que explora a "verdade" por métodos dramáticos - onde - δρᾶμα — drama como transliteração do grego significa ação.

- caminho que abre a possibilidade ao homem de se re-ver e de ver o que está em torno, de ser espontâneo e criativo como um modo de ser para que Educação aconteça, apropriando-se de situações (cenas vividas ou por viver) como ser- no- mundo.

- Psicodrama - um caminho da Educação.

EDUCAÇÃO - fenômeno cujo acontecer (essência) - se dá enquanto ato intencional, um cuidar, na relação de cada um com sua própria "cultura", com a "cultura" do seu grupo e com a "cultura" como um todo, mediado pelo educador e sua solicitude (a preocupação projetante no sentido heideggeriano). No espaço em que ela se dá, o homem caminha em direção a um ideal fático de ser-aí, assumindo novos modos de ser. (Lembremos que "cultura" a-

qui é assumida como modos de ser e o produzido que daí decorre, no Mundo do ser-aí).

Mas o que nossa articulação conceitual revela ?

Como colocamos na Introdução, assumíamos o movimento de existir, dentro do qual se dá o movimento de pensar, de drama e Meta-Drama, respectivamente. Cabe-nos agora chamar para o mesmo espaço o comum que se dá:

No drama se dá o confronto com os entes, o perpassar fenomênico, base para encontro com o fenômeno - o trazer à luz o ser dos entes- Meta-Drama.

No drama se circunscreve o pré-ontológico do ser-aí, o seu já habitar sempre numa compreensão do ser - este se transforma no fio condutor para o salto que o leva ao ontológico - o habitar na verdade do ser, trazendo o seu ser e o Ser da cena-situação, à linguagem - Meta-Drama. " 'Sentido do ser' e 'verdade do ser' dizem a mesma coisa". (26)

No movimento de existir e pensar, drama e Meta-Drama acontece EREIGNIS - o acontecer-apropriar - DES-VELAMENTO (Alethéia) - nome do Ser.

Mas no modo como nos deparamos com a palavra drama no quotidiano, tendo em vista o "encoberto" que ela anuncia, já se faz pre-s-entar o primado do encobrimento do Ser e do ser-aí que dele se apropria - a ocultação presente no ato de existir, no ato

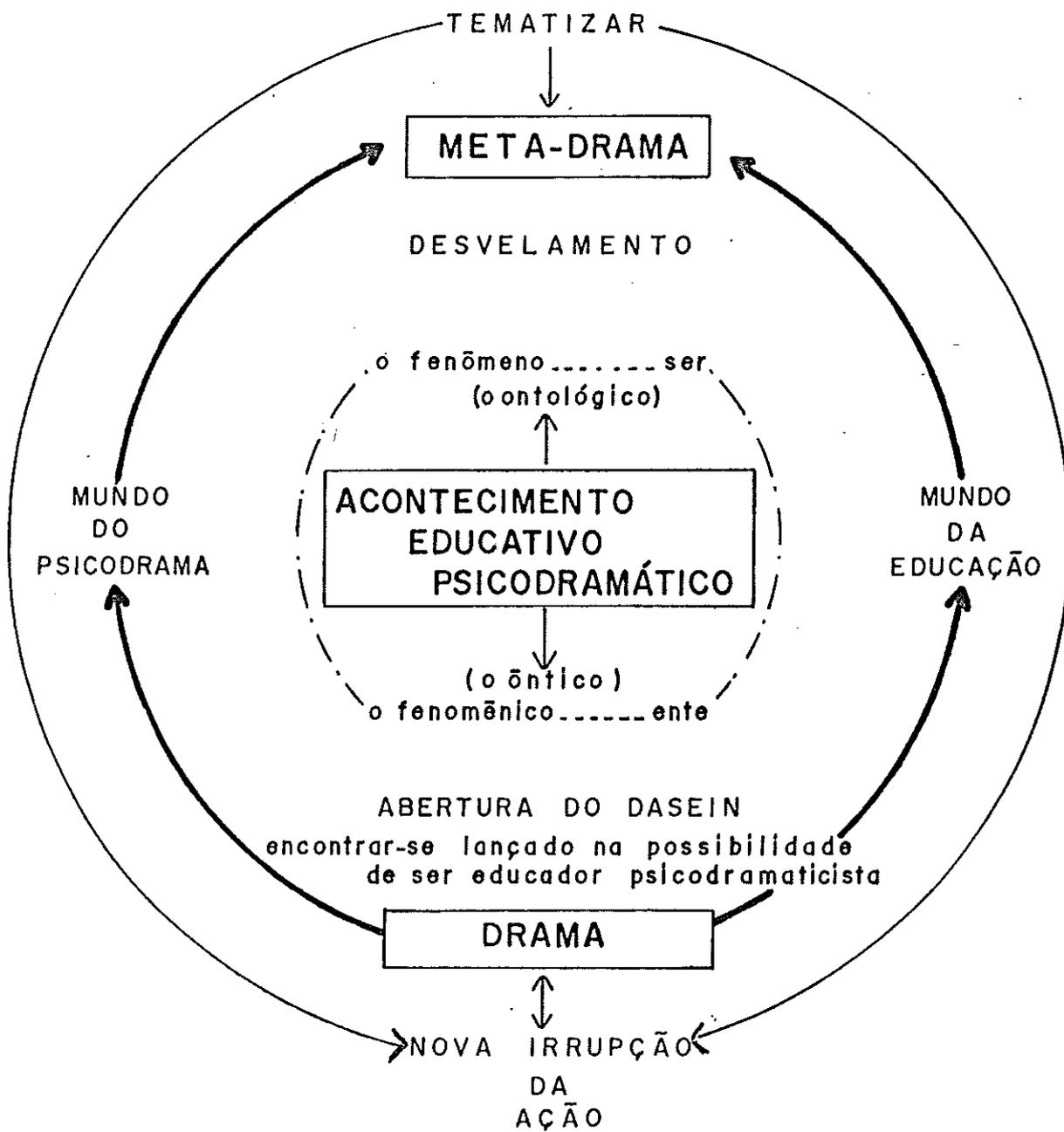
(26) Martin HEIDEGGER, O Que é Metafísica-Posfácio, Os Pensamentos, p. 259.

de pensar, no drama existencial.

Mas algo de mais fundamental ainda não foi dito.

O modo como adentramos à presente meditação, chamando o espaço deste trabalho de espaço de DES-VELAMENTO (palco ou tablado imaginário), chamando-nos de protagonista e diretor e a Heidegger e Moreno de egos-auxiliares, presenças em nosso Mundo pessoal-profissional, revela um assumir o Psicodrama (já que estes são alguns dos conceitos do mesmo) como um caminho para o encontro com Ser. Encontro do ser-aí consigo mesmo, com o outro e com o que se dá ao redor.

SITUAÇÃO HERMENÊUTICA



Embora, no contexto desta pesquisa, des-locado do seu elemento "atual" (existente), ocorrendo no plano imaginário, o Psicodrama nos fala de um modo peculiar de nos relacionarmos com a "cultura", onde se pre-s-enti- ficam as peçoas e suas obras, estas sendo re-abertas em novas cenas-situação, dentro de novos espaços-de-tempo, deslocando-as (a estas últimas) de serem vistas como "conservas culturais" (o ob-jecto já finalizado, pronto e acabado, disponível na cultura para Moreno) para se oferecerem à re-criação do ser-aí.

Dentro desse modo de ver é que falamos do encontro entre Heidegger, Moreno e o educador, no recorte específico de pensar o drama (ação) deste último. Como educador pesquisador, vamos reconhecendo a convergência de visada nos respectivos pro-jectos em que lançaram suas ek-sistencias. Heidegger, filósofo, perguntando pelo Ser e pelo ser-aí - perguntar sereno e persistente que tenta resgatar para a humanidade a sua morada na VERDADE (Ale-théia) do ser, verdade esta enraizada na possibilidade de ser verdadeiro do ser-aí. Moreno, médico educador, no encaço de uma existência (o atual, factível) mas autêntica - espontânea e criativa - para o homem e para a sociedade. No seu próprio dizer, o caminho criado é ciência (logos - fala) que explora a "verdade"... A palavra aparece entre aspas, abrindo a possibilidade de vermos no ser des-cobridor do ser-aí, uma interpretação possível. Nos protocolos de sessão, o que encontramos é a "verdade" descoberta pelos protagonistas como o patente, o demonstrado, encontrado, diretamente na experiência, nos seus vários modos de fala (verbal e corporal) - o que faz sentido e encontra fundamento

como re-revelação, desvelamento do que se dá, num des-cobrir acerca do seu se relacionar consigo mesmo, com o outro, com o que está ao seu redor - com o abrir o sentido dos conceitos, no contato que privilegia o aprender, pondo em liberdade o que se dá no Acontecer - Apropriar. Clareira.

Preocupado em responder à Ciência de seu tempo, Moreno vai em busca de um Con-validar como experiência da verdade e no que en-caminha o seu caminho criado, reconhece um con-validar estético, existencial e científico, não excludentes, mas podendo ser construídas num continuum:

" 1 - Em primeiro lugar situa-se a avaliação estética. O psicodrama destacou-se do teatro e do drama literário, acentuou e desenvolveu, entretanto, a influência de princípios estéticos (sobre a terapia).

2 - A avaliação existencial. Apesar de seu desenvolvimento como ciência, o psicodrama nunca abandonou suas raízes existenciais na vida. O existencial é ainda uma de suas características essenciais. A criação no encontro do "aqui e agora" é única e imediata. As vivências comuns... Elas possuem para os participantes a mais alta verdade interior e o mais alto valor existencial. Entre-

tanto, *valorização existencial e científica não se excluem. Essas duas formas de valorização foram unidas fertilmente na pesquisa sociométrica e psicodramática.*

3 - *Em terceiro lugar está a avaliação científica. Numa cultura dominada pela ciência, nenhuma forma de psicoterapia pode florescer se não procurar se ajustar às exigências de um método científico. O valor experimental dos métodos grupais psicodramáticos foi exaustivamente estudado e se mostrou verificável". (27)*

As regiões do estético e do existencial, como co-origi-nárias se re-unem mais visivelmente como modos de ser do ser-aí; o científico se torna problemático quando fundado no furor métrico. E Moreno se rende a esta sedução, ao menos parcialmente. Resta perguntar quando o medir ao modo do cálculo, se justifica, dependendo de como nos perguntamos o que queremos saber...

O que enraíza Moreno numa virada, quanto ao modo de ciencizar (tematizar) é o cuidado de construir o saber, a pesqui-

(27) Jacob Levy MORENO - *Psicoterapia de Grupo e Psicodrama*, p. 143.

sa, com a participação dos sujeitos envolvidos, onde o con-valor irrompe do vivido. Encontra legitimidade no encontro. Não trabalha com conceitos prontos, fechados num sistema explicativo.

Aponta para uma nova perspectiva onde saber e poder (ser) acontece na produção conjunta - pesquisador pesquisado.

É conhecida de todos a in-sistência de Moreno em Não aceitar o transplante de um sistema de conceitos "científicos" prontos, para nesse referencial se realizar a leitura fechada do "verdadeiro" que se dá na experiência do protagonista. (Suas discussões como a Psicanálise freudiana ortodoxa). Sua metodologia, originariamente voltada para o âmbito terapêutico, aos olhos do médico, que é, se encaminha no sentido de possibilitar que a "verdade" se enraíze no ser espontâneo-criativo do protagonista e seu grupo, do qual o "diretor" faz parte, e se des-vele como o chegar perto do patente (fenômeno) - perto do seu ser mesmo, abrindo suas dissimulações, desocultando-se e desocultando o que está ao redor. O Psicodrama instala o "ver fenomenológico".

O que encontramos então, são projectos complementares, aos olhos da protagonista pesquisadora resguardadas as diferenças das regiões ontológicas, para as quais se voltam os dois pensadores. Heidegger habita um lugar de onde se avista a co-pertença Ser ser-aí (este como o acontecimento de ek-sistir sempre numa compreensão do ser no homem). É o supra regional. Moreno, no seu pensar, habita uma forma de zelo (ser do ser-aí) que configuram várias Regiões Ontológicas - a da arte (o teatro espontâneo), da terapia e da Educação (o psicodrama, o sociodrama, a sociome-

tria) apontando para um novo fazer em ciências humanas - a Sociologia.

Como diz Heidegger:

"A única tarefa do pensar é trazer à linguagem, sempre novamente, este advento do ser que permanece e em seu permanecer espera pelo homem. Por isso, os pensadores essenciais dizem sempre o mesmo. Isto, porém, não quer dizer: o igual. Não há dúvida que eles só o dizem a quem se empenha em meditar sobre eles". (28)

Mas Moreno é um "pensador" essencial? Moreno é antes de tudo um "obreiro" essencial. Na nossa experiência nós o encontramos menos como o "cientista" articulador de uma rede conceitual, frágil algumas vezes, poderosa noutras, emprestando de vez em quando um ver funcionalista dos psicólogos do seu tempo, e mais como o criador de caminhos que reconduzem o *homem* e seus grupos, o *homem* e suas produções à sua dignidade propriamente dita, de *ator-criador* no palco da História; portanto expressando o eixo fundamental da relação entre ser e homem - a transcendên-

(28) Martin HEIDEGGER, Sobre o "Humanismo", *Os Pensadores*, p. 372.

cia do ser-aí, sua existencialidade. Tecelão de uma visão do Mundo, tomado de zelo pelo seu tempo, cuida da existência ôntica do ser-aí, visualiza novas possibilidades para o seu "ser social".

Moreno possibilita a quem dele se aproxima, o habitar na verdade do Ser (de ser e do sendo das coisas), pois no ser espontâneo-criador o homem irrompe na "diferença ontológica" (o esquecido da Metafísica - a diferença entre ente e ser); arranca do já pronto, do dado, do "conservado", possibilidades não vistas, perdidas, distorcidas, dissimuladas, não ainda alcançadas. Ilumina os entes e entre eles a si próprio, sob nova luz, "deixando-os ser", deixando que fale a "coisa mesma", na rede de articulação de significados do seu Mundo. E aqui nos encontramos com a essência da Verdade para Heidegger, que Moreno deixa entre aspas na sua afirmação do que é Psicodrama.

"A liberdade assim compreendida, como deixar-ser do ente, realiza e efetua a essência da verdade sob a forma do desvelamento do ente. A "verdade" não é uma característica de uma proposição conforme, enunciada por um "sujeito" relativamente a um "objeto" e que então "vale" não se sabe em que âmbito; a verdade é o desvelamento do ente graças ao qual se realiza uma abertura. Em seu âmbito se desenvolve, ex-pondo-se, todo o comportamento, toda tomada de posição do

homem. É por isso que o homem é ao modo da ek-sistência". (29)

Verdade - ALETHEIA: DES-VELAMENTO; opõem-se à Verdade entendida como "veritas":

" ...Veritas est adaequatio rei et intellectus. Isto pode significar: Verdade é a adequação da coisa com o conhecimento. Mas pode se entender também assim: Verdade é a adequação do conhecimento com a coisa. Ordinariamente a mencionada definição é apenas apresentada pela fórmula: Veritas est adaequatio intellectus ad rem. Contudo, a verdade assim entendida, a verdade da proposição, somente é possível quando fundada na verdade da coisa, a adaequatio rei ad intellectum. Estas duas concepções da essência da veritas significam um conformar-se com... e pensam, assim, a verdade como conformidade". (30)

(29) Martin HEIDEGGER, Sobre a Essência da Verdade, Os Pensadores, p. 337.

(30) Ibid., p. 317.

Retornamos à perspectiva do "ver fenomenológico", que prioriza a escuta da "coisa mesma" no seu se desdobrar em possibilidades, no espaço da co-pertença ser-aí/Ser, em oposição a um conformar-se que tem no conceito já dado, "conservado", no sentido Moreniano, "público, pronto à mão", no sentido Heideggeriano, a referência do que acontece, do que se dá.

Ao fundar a essência da Verdade, na liberdade, entendida como "deixar ser" do ente, nos encontramos com o sentido mais radical do ser espontâneo-criativo - transgredindo o costumeiro, o já dado, no exercício da transcendência do ser-aí: abertura para pôr em liberdade, des-cobrir, des-ocultar as possibilidade do acontecer (essência) dos entes.

Os pro-jectos de um e de outro se encontram num mesmo lugar; o do zelo e solicitude para com a Verdade do Ser e do homem - este para Heidegger é pastor do ser; para Moreno é o ator espontâneo-criador.

Com a aproximação de ambos, descobrimos uma interpene-tração nos movimentos de existir e de pensar, em que neste último se lida com o conhecimento como modo de ser do ser-aí - possibilidades de ser, (no "papel" de conhecedor para Moreno) em que este ser pro-jecta, enredado no seu drama, em direção ao Meta-Drama sempre possível - pela sua transcendência. Aí, o ser espontâneo-criativo nos fala de um modo de exercício da transcendência mais próximo do poder-ser-total (nas suas possibilidades mais autênticas) do ser-aí.

Seja no se debruçar sobre situações de vida em que o ser-aí se move, seja na busca temática explícita da investigação

"científica" como ensino ou pesquisa - ambos os locus surgem como cenar-situação em que o ser-aí está lançado no seu drama existencial de ser-no-mundo com os outros e se oferecem como caminho do Meta-Drama para "dramatizá-las" - trazer para a "ação" - presentificar-se para nela se recolher a Verdade do ser sempre (DES) VELAMENTO (A)LETHEIA. Dito de outro modo, as cenar-situação se oferecem para serem abertas ao modo "dramático" - peculiar apresentar, onde se traz para a "ação" a relação vivida com os entes na busca do seu o que é, na busca do seu sendo, do seu sentido, "explorando a verdade" a partir da sua possibilidade enquanto da-sein, ser-aí, de ser verdadeiro.

O que é a essência dessa "ação" específica? Diferencia-se da essência do agir quotidiano? E do agir re-soluto que provém de um pro-jecto? Corremos um perigo.

Diante do alerta Heideggeriano acerca do império da GESTELL - O arrazoamento encobridor do pensamento ao modo da técnica que tudo organiza e planifica a priori envaidecendo o homem enquanto senhor do ente e retirando-o de sua essência enquanto pastor do ser que habita EREIGNIS (o Acontecimento Apropriação), o caminho aberto por Moreno, pode ficar entregue a um ocupar-ser com a "armação" técnica e com a manipulação dos homens. Traíndo aí, seu carácter libertador, que visa o poder ser, do homem espontâneo-criativo. Quando técnica não se põe como fazer sábio, mas como dominação.

Enquanto linguagem (casa do ser) como estar alerta à perda de sua raiz? Perda tanto mais grave, quanto considerarmos que lidamos com o acontecer do homem ?

TERCEIRO ATO

DO DRAMA

- O homem - ser-aí (pastor do ser) para Heidegger
- ator espontâneo-criador para Moreno
- educando-educador na situação de aprender

CENA 1 - Irrupção do Drama

O mostrar-se do pré-ontológico no nível simbólico e da poiêsis

Nesse longo, tão só quase solilóquio (o conversar com seus botões - no Psicodrama) temos dado a palavra mais a Heidegger que a Moreno, embora ambos estejam se pre-s-entificando. Deslocados do contexto social onde se passaram seus respectivos dramas e onde estão suas obras, sempre abertas à releitura, onde ainda se passa o drama da educadora, são trazidos para o contexto grupal e deste ao contexto dramático, onde a educadora pesquisadora vai emprestando seus olhos para que o encontro se dê.

No entanto, quem está conosco? De Heidegger e Moreno só temos as falas "conservadas". É pouco. Visualizamos as suas respectivas presenças, sentadas no contexto grupal com a educadora protagonista. Surge uma imagem no tablado mental da educadora pesquisadora. Estamos numa sala de psicodrama. A educadora diretora, solicita à educadora protagonista que faça imagens com seu próprio corpo, que simbolize como vê o homem em Heidegger e em Moreno. É o Heidegger e o Moreno de meia-idade que nos chegam.

No papel de Heidegger, pomonos num canto do tablado, espaço cênico. Presentificamos o ser-aí. Estamos de pé, os braços descem ao longo do corpo. Paulatinamente se arqueiam, as mãos ficam em concha. Os olhos se ascendem, brilham e com eles habitamos o que está ao redor.

A diretora nos solicita que verbalizemos o que estamos sentindo:

--- "Faça um solilóquio".

Educ. Prot. --- "Está bom aqui. Sinto meus pés firmes no chão e com meus braços assim abertos, posso recolher e acolher o que está em torno de mim. É como se meus olhos acariciassem o que vêem. Minhas mãos estão quentes. Há calor para dar. Com minha presença ilumino essa sala. Ela ganha sentido. Serve ao nosso encontro."

Educ. Diret. --- " Que nome você daria a essa estátua?"

Educ. Prot. --- "Oferenda - Disponibilidade"

A educadora diretora solicita a Heidegger, companheiro de grupo, também ego-auxiliar, que ocupe o lugar do educador protagonista e pede a este último que faça a imagem do homem para Moreno.

No papel de Moreno, tiramos os sapatos (é gostoso sentir o contato direto com o chão do tablado). Mais ágil, pomonos do lado oposto do tablado. Colocamos que não dá para fazer uma imagem fixa, mas sim móvel. Andamos pelo tablado, pegamos almofadas espalhadas pelos bancos, fazemos uma pilha com elas, sentamos



em cima, levantamos, apalpamos, mordemo-las, e matreiramente tomamos uma e a atiramos para Heidegger que a agarra e sorri.

Fazemos uma pausa e olhamos para a diretora.

A diretora solicita que escolhamos da sequência de movimentos feitos, um movimento, que traduza mais o sentido de homem para Moreno.

Aguardamos...

Escolhemos o último movimento. Inclina-mo-nos, pegamos outra almofada, seguramos com as duas mãos; as pernas estão separadas, um dos braços fica ao longo do corpo, com o outro seguramos a almofada e a estendemos em direção a Heidegger. A expressão do rosto é tranqüila e travessa.

A diretora nos pede que coloquemos o que estamos sentindo:

Educ. Prot. --- "Estou revigorada pela energia dispendida no brincar e explorar as almofadas. Foi bom atirar uma delas para Heidegger. Sinto-me em relação."

Educ. Diret. --- "Que nome você daria para a estátua?"

Educ. Prot. --- "Acho que..." Relação."

Melhor, "Ação-Relação".

A diretora pede para que Moreno, ocupe o lugar da protagonista. Moreno o faz. Solicita para que Heidegger volte à sua postura original.

Em seguida solicita à protagonista, para que como educadora encontre o seu lugar considerando o que já está no tablado.

Volteamos pelo tablado. Ocupamos o espaço central, entre as duas imagens. Heidegger e Moreno estão de frente um para o outro.

Damos as costas para a parede e nos pomos de lado em relação a um e a outro. Com uma das mãos, seguramos a almofada estendida por Moreno e com a outra tocamos o ombro de Heidegger. A cabeça se move lentamente, olhando ora para um, ora para outro.

A diretora como ego-auxiliar entra no lugar da protagonista, para que esta visualize o conjunto. Pergunta se está bom assim, se é isso mesmo. A protagonista diz que sim e volta a ocupar o seu lugar no conjunto. A diretora pede para que feche os olhos, capte o que essa postura lhe fala.

Educ. Prot. --- "Sinto a presença de Moreno e Heidegger. Há afeto e dignidade no ar. Por um momento vi essa almofada como o saber que já está aí disponível e minha tarefa é possibilitar o encontro deste, com o educando, presentificado por Heidegger. A mão no ombro fala do meu carinho pela pessoa do educando que chega com seu mundo.

Abro os olhos. Mas não é só o encontro com o saber. É o encontro com as coisas, com as pessoas que estão aí, ou que já foram, fortemente tramadas na "realidade" sócio-cultural que com seu existir a constroem, deixam marcas...

Num lampejo me passa o contrário. O educando é representado por Moreno que chega com seu saber, com suas coisas, com sua exploração de

Mundo e eu faço a ponte entre ele e Heidegger,
que se presentifica como o saber.
Aprendo também.

Chega uma poesia, escrita há tempos onde fala o educando, ser-aí, ator, espontâneo-criador.

Aqui texto do educador aprendiz:

Da alegria do Mestre

(1982)

*Veja, algo de muito importante
Hoje aconteceu aqui
Juntos arrancamos pedaços de Mundo
Agora nosso Mundo
E ainda assim de cada um
E eu aprendi.
O que antes era informe
Não tinha nome, estava desgarrado
O que não era comigo
Agora é através de mim
Eu o reconheci
Você se fez ponte, caminho, passagem
E mediou a chegada,
Agora é presença o que antes era nada
que eu não via
que eu não queria ver*

de que eu fugia, temia...

*Você chegou engravidado
Portador de palavras, chegou
Não sei bem como
Mas algo me tocou
Quem sabe o que eu trazia comigo
E nem sabia
Pode sair a caminho
Na passagem que você criou
E da tua gravidez de mim e do Mundo
Veja, alguém que agora sabe
Se trazer à presença,
Com suas próprias palavras,
Ficou.*

Voltamos para o contexto grupal e no caminho vou pensando o nome que daria ao conjunto que se formou - a estátua - poderia ser "Encontro de Mundos: a experiência de aprender".

O encontro psicodramático imaginário que se dá no nível simbólico, se desvanece. É a educadora-pesquisadora que volta a falar. Afinal, o momento de compartilhar dá-se no íntimo da educadora pesquisadora que se desdobrou nas possibilidades vistas, para trazer mais para perto de si o compreender.

Estamos diante de um pensar que retira sua evidência, não do conceito já dado, pré-fixado, mas do que se faz presença, ganha sentido na totalidade de uma rede de relações de significa-

dos, que ganha vida na ação, no dramatizar - "fenomênico", para o Meta-Drama-"fenômeno".

Na possibilidade aberta pelo Psicodrama o homem se lança num modo de fala, numa relação com o ser, onde se põe como uma totalidade - pensamento/arte ENCARNADA.

Pensar, sentir, expressar, apreensão e expressão de significados, com palavras e gestos onde o sentido (verbo) vem junto. No dizer de Heidegger, o compreender é sempre afetivo.

Aqui o corpo é matéria pensante que desenha o ar, possibilitando vivenciar e trazer à luz o sentido (verbo) em novos significados. Estamos diante de um apresentar a coisa mesma.

Circundado o que se deu, que vai trazendo o Mundo do Psicodrama como modo de pre-s-enti-ficação e o Mundo da Educação como a protagonista educadora o experiencia no seu que fazer, passemos a trazer à luz os significados densamente condensados nas imagens de homem: ser-aí para Heidegger, ator espontâneo-criador para Moreno, educando-educador na situação de aprender.

CENA 2

Recolhendo o que se deu

O pré-anunciar do Meta-Drama, o ontológico no nível reflexivo-analítico

2.1. Como se dão a conhecer Heidegger e o ser aí

O ser-aí, aparece como "Oferenda-Disponibilidade" - campo onde se instala o sentido, de onde emerge a relação com o ser. (A sala ganha um significado com o encontro, ao se oferecer com sua presença.)

Nos pés, a consciência do apoio no chão, fala-nos do ser em situação, lançado sempre numa possibilidade. Remete-nos à estrutura fundamental de ser-no-mundo.

Nos braços arqueados, mãos em concha, o ser do ser-aí - o zelo, solicitude (sorge).

No olhar que acaricia o que vê, o habitar o que está aí, o sentido da situação, ancorado no que já foi, o sido dos momentos atrás e no por-vir dos momentos que se seguirão. Temporalidade no habitar o que se dá.

A dis-ponibilidade - a oferenda (no sentido daquele que se abre ao ser das entidades com as quais se vê às voltas no seu mundo, ek-sistindo - sendo além de (além do fechado em si como a coisa), responde com o pegar a almofada que lhe é atirada e sorri; como no ser interpelado pelo que se dá, abre possibilidades, modos de ser para si mesmo no ser-no-mundo-com-o-outro.

Heidegger desdobra a essência (acontecer do ser aí) na sua ek-sistencia; esta se funda no ser-no-mundo (com os outros) que por sua vez abriga a estrutura fundamental da pré-ocupação (cuidado, zelo, solicitude); em alemão: *sorge*; em castelhano: *cura*; em francês: *souci*; em inglês: *care*. No ser do ser-aí em autenticidade, Heidegger nos coloca diante da Temporalidade, como equação final que mostra, torna patente o ser-aí.

Ser e Tempo se entrelaçam...

Tempo como horizonte de possibilidades, para que na sua historicidade se faça presença como ser-no-mundo-com-o-outro, DASEIN (ser-aí).

Mantemos estas estruturas básicas (os existenciais) da Analítica do Dasein em suspenso, voltaremos a elas.

2.2. O homem Moreniano: ator, espontâneo criador

Voltemos o olhar para Moreno...

O tirar os sapatos...estar à vontade, entrar em contato com o chão mais diretamente..., entrar em sintonia com a atmosfera presente, preparar-se para andar do meu jeito, mas tendo presente uma tarefa... Não dá para fazer uma imagem fixa, ainda estamos no nível simbólico, mas a imagem precisa ser móvel... Irrompe ACAO.

Assumimos o papel de andador, de mexedor, de empilhador de almofadas, de sentador, de mordedor, de jogador...Entramos em relação, a partir do experienciar, do lidar com...

Fala o fundamento CORPOREIDADE.

Irrompe espontaneidade-criatividade. Surge a busca do ENCONTRO no atirar a almofada para Heidegger. "Este a agarra e sorri". Ocorre TELE (comunicação à distância) na sua amplitude plena: COMUM - UNICA - AÇÃO.

Busca do Encontro, momento escolhido para presentificar algo da visão Moreniana - Imagem de AÇÃO - RELAÇÃO.

Logo adiante trabalharemos os conceitos emergentes da Visão Moreniana.

2.3. O lugar do educando-educador

Recapitulando:

1a. Imagem: Heidegger e o ser-aí (pastor do ser)

"Oferecenda-Disponibilidade"

2a. Imagem: Moreno e o ator espontâneo criador - "Ação-Relação"

a) Sequência de imagens móveis

b) Imagem fixa

3a. Imagem: "O educando-educador na situação de aprender"

Heidegger e Moreno, mestres pensadores, tornam-se símbolos, expressão do Mundo da protagonista.

Primeiramente, Heidegger pontuando o lugar do educando, Moreno pontuando o lugar do educador; estou na perspectiva de Moreno. A almofada - o saber - ; minha tarefa é possibilitar o encontro.

A mão no ombro fala do meu carinho pela pessoa do educando que chega com seu mundo.

Este saber ganha contornos mais fortes, mais existenciais; a almofada de "saber" - enquanto conhecimento dado, produzido, fala de coisas, pessoas, situações macro e micro políticas que marcam as contingências da nossa condição humana... pessoas que estão aí, ou que já foram, tendo suas ek-sistencias forte-

mente tramadas na realidade sócio-cultural circundante ao mesmo tempo que a constroem, deixando marcas.

Viravolta.

Agora é Moreno que demarca o lugar do educando, que chega com seu saber, com suas coisas, com sua explicação de Mundo e eu faço a ponte entre este e o espaço do "saber" que Heidegger passa a presentificar, saber circunscrito ao seu tempo e Mundo...
Mundos ...

Aprendo também.

A poesia é expressão do ser ponte, passagem... fala da gratidão e irrompe da perspectiva do ser que aprende. Ao sair do "palco Imaginário", trago comigo o lugar do ensinar-aprender, ser educadora - sempre educanda. Reconheço os que foram para mim ponte e passagem. Estou diante de uma cadeia de elos sem fim...

O que se coloca como arquê - fundamento do MUNDO DA EDUCAÇÃO ?

Na tarefa de se dis-por a educar, com-por o espaço - clareira para que educação se dê, o ser oferenda, dis-ponível para o que já se deu, já aconteceu e continua a se oferecer para nascer de novo, ser recriado. Alcançar o âmago da perspectiva do pensado e do pensador, bem como alcançar o âmago da perspectiva do ser pensante que se apresenta para aprender.

Ser passagem, ser capaz de gravidez do pensado, do pensador e do pensante, para que este se traga à presença com suas próprias palavras.

"Encontro de mundos: - a experiência de aprender".

No nosso "palco imaginário" onde um drama se deu- expressão de mundo- nosso mundo- se presentifica a relação professor- aluno-conhecimento, em que este último se oferece à re-criação, na partilha de Mundos.

Tarefa de sensibilidade...

A poesia que encerra o drama (ação imaginária) foi produzida por nós nos idos de 1982, quando a questão que nos ocupava era: O que é Educação? E da intimidade com o dar-se do fenômeno ainda não desvelado, na nossa prática cotidiana bem como com o encontro com a tradição que se ocupa de tal questão, surge o poema. A poiésis como modo de pre-s-entificação do ser- fenômeno. O discurso de, ao invés do discurso sobre. O expor-se ao ser ao dar-se e recolher as palavras que chegam - a experiência de DA-SEIN (co-pertença entre ser e homem), rompendo a dicotomia do teorizar tradicional em que *homo intellectus* vai ao encaixe do *objectus*, fora de si no pensamento "representativo - conceitual". Início do clarear sobre o que é "educativo". Habitar sua essência-acontecer.

Mas não estamos nos movendo no terreno da ingenuidade? Como fica a "postura crítica"? E a "questão Ideológica"?

Para além e aquém do julgamento de "a-histórica" - "que esse pre-s-entificar psicodramático possa merecer do observador que permaneceu na observação à distância, trazer à presença o fenômeno da Educação de modo simbólico, enquanto busca da essência, do que se mantém e que aqui irrompe como IMAGEM E POIÉSIS, é uma condição de possibilidade para que através da expressão própria

(autêntica) ganhe-se o poder-ser se trazendo à presença com suas próprias palavras - tanto o educador, como o educando.

Não é esse o sentido mais profundo que atribuímos à palavra LIBERTAÇÃO ? Este não se inicia com um esforço por pensar que pôr em liberdade o que se dá, nos liberta também e nos convoca para repensarmos a cidadania no nosso que fazer "político", no nosso que fazer "científico" ?

As muitas horas de meditação investidas para construir a última etapa da sessão imaginária, o compartilhar/comentários e análise, a partir do acontecer de IMAGENS E POIÉISIS, nos possibilitaram maior compreensão da "viravolta" Heideggeriana - o pensar a questão do sentido do ser, buscando primeiramente DASEIN e na desconstrução da metafísica, o fundamento, para continuar a pensá-la a partir do DA-SE SER. E é na ARTE, no SIMBOLO que se dá por excelência o seu mostrar-se. No GESTO, o en-caminhar do DIZER. No fenomênico, algo se dá. O que se dá traz a possibilidade de tornar-se fenômeno; cabe trazê-lo à luz em movimentos aproximativos...

No pré-ontológico, já habita o ontológico. Muitos níveis para o transcender... Muitos modos de tematizar. O drama e o Meta-Drama reunidos no nosso psicodramatizar imaginário. Dramas dentro de Dramas em movimento circular, reunindo agir e pensar no ek-sistir.

O nosso interrogar vai se esclarecendo

Protagonista, Diretora do Encontro, Pesquisadora - modos de ser com visada peculiar, se re-unem nesse clarear.

Como ganho da caminhada nos aproximamos também do MUNDO DO PSICODRAMA. Vemos surgir a própria arquitetura do Psicodrama, colhido em seu ARQUE fundante, onde sou educando-educadora deste acontecimento, denominado por nós "educativo- psicodramático".

A poesia marca o movimento de passagem do contexto psicodramático - "o como se", para o contexto grupal, onde estão os que se relacionam conosco, tramados todos nós no contexto social que fala de um DRAMA HISTORIAL da caminhada humana.

Vamos nos preparando para o encontro com nossos pares educadores no próximo Ato, onde vamos trabalhar relatos de sessões acontecidas, dentro do MUNDO DA EDUCAÇÃO, na via do psicodrama.

Mas antes, uma tarefa se impõe. A voz da pesquisadora se faz ouvir. Revisitar as estruturas existenciais que abrem o sentido de ser do dasein (ser-aí), se põe como necessidade. Compromisso que emerge deste terceiro Ato, pela irrupção do drama imaginário, onde atendemos ao apelo do simbólico e nos encontramos com a Imagem "Oferenda-Disponibilidade", mostrando o mais íntimo e mais próximo, que se faz presença no homem, visto como pastor do Ser.

Mais uma cena se abre então. Adentremos "Ser e Tempo".

CENA 3

Em solicitude com Heidegger

Mas quem é o ser-aí ? Este ente que se relaciona com o Ser e com o seu ser (embora nem sempre de forma temática - reflexiva - na sua quotidianidade)?

Remetemo-nos a SER E TEMPO, obra basilar do filósofo, onde partindo da pergunta sobre o SER, remete-nos à pergunta por aquele a quem cabe todo o perguntar.

No parágrafo 9 onde se dá propriamente o início da analítica, Heidegger coloca que o ente que se tem a tarefa de analisar, somos nós mesmos; o ser deste ente é sempre e em cada caso o "meu" ser. Cabe a este ente a responsabilidade de assumir seu próprio ser. Comportar-se com seu ser.

Desta primeira caracterização do ser-aí, Heidegger aponta para duas implicações que se interpenetram. Nas suas próprias palavras:

1. "A "essência" deste ente está em ter de ser". (1)

"La "essencia" de este ente está en su "ser relativamente a". (2)

"The "essence" (Wesen) of this entity lies in its "to be". (3)

(1) Martin HEIDEGGER, Ser e Tempo, Parte I, p. 77.
 (2) Idem, El Ser y El Tiempo, p. 54.
 (3) Idem, Being an Time, p. 67.

Temos aqui, como primeira implicação o primado da "existência" sobre a "essência". A quiddidade "essência", nos termos já colocados anteriormente - o acontecer - deste ente, só pode ser concebida, a partir de sua existência. E se a ontologia tradicional designa com o termo existência o ser "ante os olhos", o ser simplesmente dado, ou o que está "presente à mão", o que não caracteriza o ser-aí (por este ter de dar conta de ser), a expressão existência é que vai designá-lo em seu ser; existência advém de ek-sistere, onde (ek) nos fala, no sentido de além de, fora de e (sistere) quer dizer ser; portanto sendo para fora de - sendo além de (do fechado em si como a coisa) - sendo em relação a.

"Ek - sistencia é algo que emerge, se manifesta, de desvela". (4)

A verdade primeira que vai traduzir a palavra ek-sistencia, é então, não o fato constatável, mas um acontecimento vivido, a experiência extraordinária da irrupção (surgimento) do ser. Presença fundamental na qual o conhecimento é uma das expressões privilegiadas, mas que já se instaura antes mesmo do pensar e do falar e se mostra nas relações que estabelecemos com as coisas, com o outro, com o Mundo.

(4) Solon SPANOUDIS, in D.M.CRITELLI, Todos nós Ninguém, p. 11.

Assim, *dasein* (ser-aí) - presença, não expressa o seu "o que é", como o expressam mesa, casa, árvore etc., *nomes* que evocam objetos com determinadas propriedades e peculiaridades, estes sim, entes "ante os olhos", "presenças à mão" - simplesmente dadas aí, na tecitura de significados de uma cultura. A expressão *dasein* (ser-aí) expressa o ser se fazendo, deste ente. Todo ser peculiar deste ente. O ser de um jeito ou de outro, é um modo de seu ser, ser-sendo, dar-se. Ek-sistir não indica o fato de ser, mas a maneira de ser.

2. "O ser, que está em jogo no ser deste ente, é sempre meu". (5)

"El ser que le va a este ente en su seres, en cada caso, mio". (6)

"That Being which is an issue for this entity in its very Being, is in each case mine". (7)

Aqui temos como segunda referência apontada do *Dasein* (ser-aí), o ser em cada caso meu. Eu sou, tu és...

Se os entes simplesmente dados aí, "ante os olhos", presentes à mão, até onde nos é permitido ver, não se interrogam sobre seu próprio ser, seu ser lhes é indiferente, podem ser ca-

(5) Martin HEIDEGGER, Ser e Tempo, Parte I, p. 78.

(6) Idem, El Ser y el Tiempo, p. 54.

(7) Idem, Being and Time, p. 67.

tegorizados em gêneros, podem ser tomados um e outro como exemplos de um gênero, são um o que e para conhecê-los para desvendar seu ser, buscam-se categorias (caracteres de ser) que os mostram no seu dar-se.

Tal não é a situação do ser-aí, daí estar sempre subentendido o pronome pessoal.

Definindo-o em referência à Humanidade (enquanto gênero), fixa-se uma essência geral - a de animal racional - por exemplo, cuja existentia (no sentido de ser ante os olhos) individual, irá precisar contornos empíricos. No entanto, fica-se, apenas, ainda, diante de abstrações.

Ao vê-lo como ek-sistente, considera-se o ser-aí como aquele que a cada instante emerge ao Ser. É um quem e para conhecê-lo faz-se mister não se valer das categorizações genéricas mas des-velar as condições de possibilidade, onde se acenta o seu acontecer fenomênico. Este acontecer se mostra em modos de ser, acerca dos quais o ser-aí, sempre guarda alguma compreensão.

Categorias para os entes que não tem a forma de ser do ser-aí, existenciais para o que diz respeito ao ser do ser-aí. Um e outro, caracteres de ser. Este primeiro achado vai nortear todo desdobramento da ontologia fundamental em busca de outros existenciais, num movimento regressivo e que retomaremos a seguir. Cabe antes precisar um segundo nível de diferenciação.

Heidegger vai pontuar que a relação entre esses dois modos de desvelamento, precisa ser considerada, à luz da pergunta que interroga pelo ser. Nossas reflexões aqui nos remetem à consideração da importância de se por à escuta do que vem com o ente

a ser desvelado, o âmbito em que surge, para o que aponta e aí, realizarmos a experiência de recolher o que se dá na proximidade - EREIGNIS - a co-pertença DASEIN e SER, onde o homem não instaura o SER, mas o recolhe, no seu ser con-vocado pelo que se dá.

Diante das duas pontuações feitas acima, quais sejam: o primado da existência sobre a essência e o ser em cada caso o meu (ser) - a voz ou a direção que vem do ser-aí, nos defrontamos com o existencial primordial - a existencialidade do DASEIN (SER-AI). O homem é ao modo da ek-sistencia. O primeiro, e referência de conjunto para os demais existenciais que dele ad-vem.

Ser, sempre num modo de ser, guardando alguma compreensão desse dar-ser, eis a mais peculiar possibilidade do ser-aí. E vai se constituir na sua tarefa.

A partir do rigor que marca todo movimento da indagação heideggeriana, uma outra diferenciação deve ser feita. Ao falarmos em acontecer fenomênico, os contornos empíricos à luz dos quais o ser-aí se mostra, estamos diante do contingente que nos marca a todos, no labor quotidiano de ek-sistir - são os existenciários: estes se diferenciam do que se mantém, como fundamentos possibilitadores deste ente que se vê às voltas com a questão de ser - os existenciais. (8)

Somos presença, uns para os outros, sempre num modo de ser; na nossa existenciaridade nos mostramos como baixo, gordo,

(8) Martin HEIDEGGER, Ser e Tempo, Parte I, p. 80.

petista, capitalista, enfermeiro, filho de fulano de tal, esperto, ingênuo... De vários âmbitos trazemos as marcas, através das quais nos presentificamos em modos de ser, marcados pelas contingências sócio-políticas-econômicas de nossa cultura... Estamos diante do nível ôntico, o que diz respeito ao entes - revestidura com que nos pres-enti-ficamos uns para os outros, enquanto "características"- vias de acesso à penetração de uma cena-situação, à luz da qual alguém se apresenta.

Na nossa lida quotidiana o quanto permanecemos aí, tomando a roupagem pelo quem. Fechando a relação de conhecimento nas rotulações e categorizações que perdem de vista o por-vir, a condição de ser-sendo do homem, que vive sob a solicitação do SER, guardando alguma compreensão desse dar-ser, na sua existencialidade.

Mas se as referências de situação, modos de ser contingenciais de um espaço e de um tempo emolduram o que se apresenta e nos permitem tomadas de decisão no nosso ser com as coisas e com o outro-tramados em "cenas-situações", buscar os fundamentos possibilitadores do existir (os existenciais) numa aproximação essencial, abre-nos o âmbito ontológico, que busca o conhecer das condições de possibilidade em que cada com-portar-se do homem, se funda.

No que diz respeito ao ser-aí, os existenciais expressam pois os Modos de ser essenciais que lhe asseguram a condição de ser ek-sistente; não apenas existe mas pergunta pelo seu existir, pergunta pelo SER e por seu ser. Vê-se às voltas com a questão de ser - com a questão de fazer-se, com a questão do sentido.

Ser, sempre num modo de ser, guardando alguma compreensão desse dar-se (sendo portanto pré-ontológico) eis a mais peculiar possibilidade do ser-aí. E vai se constituir na sua tarefa. Estamos diante do existencial primordial - a existencialidade do ser-aí. O primeiro e referência de conjunto para os demais que dele advém. O homem é ao modo da ek-sistencia.

Em sucessivos movimentos regressivos e olhando o homem na sua cotidianeidade, Heidegger vai em busca de onde se acenta o ser do homem, ao modo da ek-sistencia e o encontra no ser-no-mundo. Só há realização humana como presença, sob a forma de ser-no-mundo, onde mundo não é o receptáculo exterior à espera do homem, mas nexo de significatividade. Como aquele que habita o sentido, o homem se experiencia em situação e guarda alguma compreensão do que se dá e de si mesmo a partir dessa situação. O da-sein se descobre num ver em perspectiva. Revela-se no impulso e na ultrapassagem de um pro-jeto (de pro-jectare - lançar-ser à frente).

E aí nos deparamos com uma retomada da antiga palavra "transcendência" compreendida à luz da existencialidade do ser-aí - emergência e ultrapassagem num reposicionar-ser a si mesmo, continuamente, no eixo das suas possibilidades de ser, considerando a lida com o que se oferece ao seu redor: desvelando o ser por ser abertura.

O da de dasein (o aí) é abertura que nos remete para um aqui e para um lá e nos fala de um "lugar" (espacialidade) que só pode ser compreendido dentro de um "mundo", considerando que da-sein é mundaneidade - traz consigo a possibilidade de "abrir" e

"constituir" Mundo; no seu ser-no-mundo se mostra enquanto ser-em.

Considerando as possibilidades que a tradução para o vernáculo de da-sein por pré-sença abrem, trazemos as palavras do próprio Heidegger:

"O que se constitui essencialmente pelo ser-no-mundo é sempre em si mesmo o "pré" de sua pre-sença. Segundo o significado corrente da palavra, o "pre" da pre-sença remete ao "aqui" e "lá". O "aqui" de um "eu aqui" sempre se compreende a partir de um "lá" à mão, no sentido de um ser que se distancia e se direciona numa ocupação. A espacialidade existencial da pre-sença que lhe determina o "lugar" já está fundada no ser-no-mundo. O Lá é a determinação daquilo que vem ao encontro dentro do mundo. "Aqui" e "lá" são apenas possíveis no "pre" da pre-sença, isto é, quando se dá um ente que, enquanto ser do "pré" da pre-sença, rasgou espacialidade. Em seu ser mais próprio, este ente traz o caráter de não fechamento. A expressão "pre" refere-se a essa abertura essencial. Através dela, esse ente (a pre-sença)

está junto ao pre-sente do mundo e se faz pre-sença para si mesmo". (9)

"A presença é a sua abertura". (10)

Este ser-em do dasein que "rasga espacialidade", entendida como possibilidade de "aproximar-se" e de "distanciar-se" por sua vez, se mostra enquanto: encontrar-se numa disposição afetiva (estado de ânimo), enquanto compreensão (significativida-
de, poder-ser projectante) e enquanto linguagem (fala-discurso).

Dimensões co-originárias que revelam o ser, ao dasein, no seu ser pré-ontológico e o revelam a si mesmo.

Mas se o dasein como ser-no-mundo se explica enquanto ser-em, também se mostra co-originariamente como ser-com (mit-sein) - o outro.

E como aparecem "os outros" no existir quotidiano do dasein? O outro vem ao encontro em sua co-pre-sença (mit-dasein) no mundo. No andar ocupado do dasein, na lida com as coisas, na lida com os entes intra-mundanos, os outros aparecem como aqueles a quem as coisas se referem, sempre numa circunvisão. São o que empreendem... Risco de nivelamento, indiferenciação, impessoalidade nas relações - modos do ser com, que também podem se mostrar em modos positivos, no cuidado com o outro, na procura do outro, na solicitude.

(9) Martin HEIDEGGER. Ser e Tempo, Parte I p. 186.

(10) Ibid., p. 187.

Nas palavras de Heidegger:

"Ser-com é sempre uma determinação da própria presença; ser co-presente caracteriza a presença de outros na medida em que, pelo mundo da presença, libera-se a possibilidade para um ser-com. A própria presença só é na medida em que possui a estrutura essencial do ser-com, enquanto co-presença que vem ao encontro de outros". (11)

Pontuada a existencialidade do dasein, referindo-a ao ser-no-mundo (enquanto ser-em e enquanto ser-com) como abertura que põe em liberdade o que se dá, avançamos com Heidegger na sua analítica, para encontramos o dasein num estado de ultrapassagem tolhida. Condenado ao seu poder ser, experienciando retraimento de possibilidades, se vê lançado aí, exposto ao que se dá, se encontrando simplesmente assim, aí. Estamos diante de um outro existencial básico: a facticidade do dasein.

Ouvindo Beaufret:

"Longe pois, de despontar de imediato para a consciência autêntica da sua condição, o homem começa por se extraviar

(11) Martin HEIDEGGER, Ser e Tempo, Parte I, p. 172

no labirinto de seu próprio destino".

(12)

O dasein é sempre sua possibilidade e como tal pode em seu ser sendo "escolher-se", ganhar-se ou perder-se ou ainda nunca ganhar-se, ou só ganhar-ser "aparentemente". Este poder ser, ocorre ao modo da Impropriedade (inautenticidade) ou ao modo da Propriedade (autenticidade). (13) Respectivamente, pode ser ao modo da distância de si mesmo, no distraído, no dissolvido em meio aos entes, no diluído do "impessoal" - sob a ditadura do "todo mundo" é assim, faz assim, no encoberto, no movimento de fuga de si mesmo, ou ao modo da proximidade de si mesmo, onde responde ao chamado de apropriar-se a si mesmo.

Movimentos que marcam sua existencialidade - abertura, mas também sua facticidade - tolhimento, onde decai, onde se experiencia enquanto queda, em que de-cai de si mesmo enquanto presença.

Heidegger vai mostrar o ser-decadente, e em inautenticidade do dasein no seu ser em (o) mundo, ao modo da impessoalidade em que sua abertura enquanto: disposição afetiva, compreensão, discurso e interpretação se extraviam em:

- falar por falar (o falatório). Aqui a expressão do discurso se retira da sua essência de COMUNICAR. Enquanto repeti-

(12) Jean BEAUFRET, Introdução às Filosofias Existenciais, p. 22/23.

(13) Martin HEIDEGGER, Ser e Tempo. p 78.

ção e passar adiante a fala, perde-se o possibilitar que o interlocutor participe do ser que se abre para o referencial a que nos remete o discursado no discurso.

O dasein perdido no impessoal, se entrega ao caráter autoritário das coisas são assim porque delas se fala assim. E de abertura, que é, este se revela fechamento. Já decidiu a priori como se deixar tocar de um determinado modo (disposição afetiva). Já se entregou a um quê e como ver, sob o domínio do público já interpretado e passado adiante. O que se faz patente na nossa experiência cotidiana da "fofoca".

- a curiosidade. (a avidez de novidades) - Aqui o encontro perceptivo com o "mundo", se vê marcado pelo distanciamento e des-compromisso da auto-referência; apreendido enquanto configuração, aproxima os entes, não para compreendê-los mas apenas para espiar, não para ser e estar na verdade, através do saber, mas de um abandonar-se.

Daí a impermanência excitada e inquieta no novo; a dispersão que providencia um conhecimento apenas para tomar conhecimento, longe da admiração e espanto que nos remete ao não compreendido para des-velá-lo; gerando um nunca habitar em lugar algum. A curiosidade está em toda parte e em parte alguma, e o dasein na sua quotidianidade, se mostra desenraizado.

Segundo Heidegger, o falatório rege os caminhos da curiosidade também; determina o que deve ser lido e visto. Enquanto modos de ser quotidianos do discurso e da visão, não estão apenas um ao lado do outro, mas se arrastam um ao outro, iludindo o dasein de "uma vida cheia de vida" (parágrafo 36) pretensamente au-

tênica, mostrando-se um terceiro fenômeno característico da abertura do dasein perdido em sua quotidianidade:

- a ambigüidade - diluída no impessoal, a relação do dasein com as coisas, com o outro e consigo mesmo está afastada de uma compreensão originária e singular. Deixando-se levar pelo que todo mundo já sabe (conhece e discute) o que se dá e vai se dar, ou o que deve ser feito, deixa-se levar no parece ser assim, despojando-se de suas possibilidades mais próprias. Interessando-se apenas até onde o falatório e a avidez de novidades plantam o seu domínio. Desinteressando-se pela realização e compromisso que o remeteria a si mesmo, numa busca originária do ser.

Na relação com o outro, no "ser em comum" o outro se faz presença apenas pelo que se ouviu falar dele, pelo que se sabe a seu respeito, num convívio ambíguo e tenso onde sob a máscara do com-pôr, está na verdade o se o-pôr ao outro.

O falatório, a avidez de novidades, a ambigüidade, enquanto modos de ser "em queda" do dasein, explicitam o seu movimento de impropriedade ou inautenticidade e marcam o seu estar lançado no mundo.

E o que possibilita o despertar da queda no inautêntico, no distante de si mesmo?

Segundo Heidegger, o toque de despertar é dado por um "encontrar-se peculiar" - o sentimento de angústia. Nela experimentamos a falha de nossos pontos de apoio, experienciamos carência e desterro - toda precariedade de nossa condição. Arranca-nos da banalidade da vida quotidiana e nos reconduz ao encontro de nossas possibilidades mais radicais - a apropriação ou reapropriação de

nossas possibilidades mais radicais - a apropriação ou reapropriação de um pro-jectare em resolução em vida autêntica, fazendo a escolha de si mesmo. Para tanto se requer que o Dasein se abra ao ouvir legítimo de um clamar - o clamar (vocare) da "preocupação" - cuidado que se faz ouvir enquanto voz da consciência. Esta o re-envia a considerar o dar-se do seu poder-ser - abre a compreensão de si num querer ter consciência.

O termo final da existência de-caída é a morte - que está em maturação no homem - é um a priori da nossa condição. Morrer é ser suprimido do ser-no-mundo, no ser-em e no seu ser com, enquanto ser situado. Experiência de finitude radical, acena com o chamado para apropriar-se em existência autêntica, assumindo com radicalidade o seu poder ser.

No entanto, a angústia não funda regras de boa conduta. Enquanto movimento que advém do se deixar tocar pelos entes no seu ser em e no seu ser com (o outro), simplesmente desvela e deixa à consciência resoluta a tarefa de orientar-se no labirinto do possível. A ela pertence a indeterminação.

No encalço dos movimentos regressivos que vimos realizando em busca do dasein, temos nas palavras de Beaufret, o homem enquanto ser-no-mundo, visto como:

"Existencialidade ou projeto de si mesmo no sentido de sua possibilidade, facticidade ou consciência de achar-se simplesmente lançado aí, queda em si mesmo até a perda de si no anonimato do "im-

peçoal" reversível porém em vida autêntica pela ascese da angústia, eis pois, o homem como ser-no-mundo". (14)

Existenciais fundamentais que se entrelaçam, localizando elementos originários da nossa condição.

Mas há um eixo ao redor do qual todos esses elementos se re-unem ?

Heidegger des-vela o homem na sua quotidianeidade trazendo à luz a experiência da pré-ocupação, onde recria em si mesmo, a cada instante a unidade fundamental da existencialidade, da facticidade e da queda. Em latim, "cura" - modo de ser primordial - existencial referente, que se dá entre os movimentos: o da inautenticidade enquanto ser insatisfeito e atarefado, "*no todo mundo é assim*" (Besorgen) e o da autenticidade, em que a pré-ocupação abre ao homem o universo da presença no seu poder ser mais próprio - no cuidado em relação ao que está ao seu redor (Sorge) - na solicitude do ser-aí com.

Heidegger vai buscar na antiga fábula de Higino a confirmação da interpretação existencial de dasein como pré-ocupação a partir da própria interpretação pré-ontológica nela presente:

"Certa vez, atravessando um rio, "cura" viu um pedaço de terra argilosa: cogi-

(14) Jean BEAUFRET, Introdução às Filosofias Existenciais p. 25.

tando, tomou um pedaço e começou a lhe dar forma. Enquanto refletia sobre o que criara, interveio Júpiter. A cura pediu-lhe que desse espírito à forma de argila, o que ele fez de bom grado. Como a cura quis então dar seu nome ao que tinha dado forma, Júpiter a proibiu e exigiu que fosse dado o seu nome. Enquanto "Cura" e Júpiter disputavam sobre o nome, surgiu também a terra (tellus) querendo dar o seu nome, uma vez que havia fornecido um pedaço de seu corpo. Os disputantes tomaram Saturno como árbitro. Saturno pronunciou a seguinte decisão aparentemente eqüitativa: "Tu, Júpiter, por teres dado o espírito, deves receber na morte o espírito e tu, terra, por teres dado o corpo, deves receber o corpo. Como porém, foi "cura" quem primeiro o formou, ele deve pertencer à "cura" enquanto viver. Como, no entanto sobre o nome há disputa, ele deve se chamar "homo", pois foi feito de humus (terra)". (15)

(15) Martin HEIDEGGER, Ser e Tempo, Parte I. p. 263/264.



A determinação pré-ontológica da essência do homem expressa na fábula, visualiza o modo de ser que o vincula à sua origem, dando-lhe do ser a medida, ao modo da cura. Esta o mantém e o domina no seu percurso temporal no mundo.

Saturno, o senhor do tempo, é o árbitro e é justamente na temporalidade que Heidegger prosseguindo em sua analítica, num movimento regressivo radical, funda o ser do dasein como ser-no-mundo enquanto, "CURA".

Como chega a este fundamento primordial ?

Buscando a articulação dos fenômenos já abertos na análise do ser-no-mundo:

EXISTENCIALIDADE (pré-ser-se - em finitude, tendo a morte por horizonte derradeiro).

FACTICIDADE (o estar lançado aí sempre aberto a um estar em débito).

DE-CAIDA ou queda (no perdido de si mesmo, no atarefado e sobrecarregado que se compreende à luz, do já interpretado no "público"-impessoal.

O dasein pode buscar seu ser-total em propriedade, num querer-ter-consciência (esta clama e con-clama) em estado de decisão ou re-solução antecipadora, que acolhe a angústia. A decisão constitui o modo da "cura" em autenticidade.

Recuperemos PRÉ-OCUPAÇÃO (cura) na sua estrutura essencial:

Mais uma vez nos valem da citação em três línguas para melhor apreendermos o seu significado ontológico:

... "o ser da pre-sença diz preceder a si mesma por já ser em (no mundo) como ser junto a (os entes que vêm ao encontro dentro do mundo)". (16)

... "El ser del "ser ahí" quiere decir: "pre-ser-se - ya - en (el mundo) "como ser-cabe (los entes que hacen frente dentro del mundo)". (17)

... "The BING of Dasein meann ahead-of-itself - Being - already-in (the-world) as Being-alongside (entities encountered within-the-world)". (18)

Poderíamos desmembrar assim:

- ser-para-frente-de-si: pré-ser-se, antecipar-se, projetar-se, à luz do seu poder-ser - das suas possibilidade que em de-cisão antecipadora, em autenticidade, se abre para um deixar-se VIR-A-SI. Aí no encontramos com o por-*vir* (ZUKUNFT).

- já lançado-em-um-mundo: já sendo aí, em e com - herdeiro de situações, escolhidas e não escolhidas, o assumir-se no modo em que já foi. Em de-cisão antecipadora, compreendendo o seu ser e estar em débito essencial no movimento de vir-de-volta. Aí nos encontramos com o que vai se dando no vigor de ter sido. (GEWESENHEIT).

(16) Martin HEIDEGGER, Ser e Tempo, Parte I, p. 257.

(17) Idem, El Ser y El Tiempo, p. 213.

(18) Idem, Being and Time, p. 237.

- onde-se-deixa-tocar-por-objetos-de-encontro: junto aos entes que vem ao seu encontro dentro do mundo, num tornar atual, num apresentar, o que surge na ação dentro de uma circunvisão. O próprio estado de de-cisão só pode ser o que é, no seu esforço de deixar vir ao encontro, sem deturpações o que apreende na ação, a partir de um pre-s-ente, apresentar. (GEGENWART).

Em estado de de-cisão ou resolução antecipadora, apresentar se abre para o instante.

Estamos diante dos três movimentos em que experienciamos temporalidade - fundamento de "CURA", em autenticidade. Heidegger se vale da palavra grega EKSTASIS - ex-tase (transportar-se) para sinalar o temporalizar-se da temporalidade nos modos da futuralidade, o por-vir (o pré-ser-se); do tendo sido, o vigor de ter sido (o já-ser-em) e da presentidade, a "atualidade" em português, (o ser-junto-a).

Vindo-a-si mesma, num por-vir, a de-cisão (pré-ocupação em autenticidade) se "presentifica" na situação. O "tendo-sido" surge do por-vir de tal modo que o por-vir do "tendo sido" origina o apresentar-se na situação.

Nas palavras de Heidegger:

"Chamamos de temporalidade este fenômeno unificador do por-vir que atualiza o vigor de ter sido". (19)

"A este fenômeno unitário de esta forma, como "advenir presentando que va sendo sido", lo lhamamos la temporalidad". (20)

"This phenomenon has the unity of a future which makes present in the process of having been; we designate it as 'temporality'". (21)

Temporalidade é o "fora de si", "em si" e "para si mesmo" originário, que funda a compreensão ôntica de futuro, passado e presente, nossa experiência vulgar do tempo, compreendida em impropriedade, segundo Heidegger, no que fazer da quotidianidade em CRONOS.

O existencial derradeiro e primordial em que se enlaçam SER E TEMPO. Aqui tudo se enfeixa de ponta a ponta nas várias equações regressivas que vimos abrindo na tentativa de compreender o ser do dasein ao modo da EK-sistencia.

Ser-em o (no)-mundo-com-os-outros, ao modo da Pré-o-ocupação.

É a pre-ocupação (cura) que abre ao homem o universo da presença, nas suas duas acepções de ocupação em relação aos entes (besorgen) e de pré-ocupação em relação à co-presença dos outros (sor-

(20) Martin HEIDEGGER, El Ser y El Tiempo, p. 354.

(21) Idem, BEING and Time, p. 374.

ge) - abrindo-se esta última ainda, na possibilidade da solicitude (fur-sorge). Encontrar o outro é então integrá-lo ao universo da minha pré-ocupação - esta me abre a via do encontro.

Referenciar a existência como Pré-ocupação que se temporaliza é reverter a imagem clássica de um "cogito" isolado, recolhido sobre si, sem mundo e sem historicidade. O ser humano está em ex-tase no mundo - lançado numa das possibilidades do seu poder ser, enquanto ser temporalidade.

No movimento inesgotável de vai e vem entre o "real pré-dado" na situação e a "realidade" desvelada num sentir, num compreender, num falar (que também pode ser calar), equiprimordiais. Eis aí o horizonte da sua transcendência que o possibilita empreender o aproximar-se da liberdade para se deixar ser - apropriar-se considerando a angústia, em resposta ao apelo da consciência que sinaliza o estar em débito, de-caído no Impessoal. Pode então res-ponsabilizar-se, dando-se conta da sua finitude, num pro-jetar-ser em decisão, em re-solução que é abertura para re-colher o que se dá e habitar na verdade do ser, à luz de sua historicidade, enquanto Pastor do Ser.

QUARTO ATO

DO MOVIMENTO CIRCULAR: DRAMA E META-DRAMA

CENA 1 - O dar-se do acontecimento educativo psicodramático

No ato anterior, a partir da irrupção do acontecimento educativo psicodramático enquanto drama imaginário, aproximamo-nos do mundo da Educação e do mundo do Psicodrama, clareando a nossa condição de Educadora-educanda com que adentramos essa meditação.

Olhamos para dentro das estruturas fundantes do dasein em busca de nos certificarmos de um conhecer, como modo de ser.

Novas possibilidades se abrem para o educar quando na relação com o conhecimento sobre si, sobre o outro, sobre o mundo, nos implicamos educador e educando, enquanto ser-descobridor.

Nessa relação, podemos nos diluir na impropriedade (inautenticidade) no quotidiano estar com o "pronto-a-mão" ou "ante-os-olhos" dos conceitos e categorias, na pré-ocupação (cura) do tempo inautêntico, senhores que dominam os entes e se impõem, ou enquanto solicitude, ser pro-jectante que em busca da autenticidade (o próprio) se temporaliza no pre-s-entar enquanto pastor do ser, relacionando-se com os entes na guarda de sua compreensão de ser. De seu ser.

A diferenciação feita entre categorias e existenciais - respectivamente as primeiras para investigação dos entes para os quais nos expressamos através de um o que e os segundos para nos expressarmos em relação a um quem, constituem um marco referen-

cial para nos orientar em toda e qualquer investigação sistemática, na medida em que nos desafia para buscarmos explicitar a relação do *dasein* com todo e qualquer ente, a partir do seu MUNDO aberto em *modos de ser*.

Buscar a relação que os seus modos de ser essenciais, (os existenciais) guardam com todo des-velamento instaurado em seu ek-sistir, coloca-nos diante da possibilidade mesma de re-visitare as categorias e os conceitos dados, ditos como acentados e reabri-los no seu movimento mesmo de irromper. A ontologia fundamental de Martin Heidegger, abre novas possibilidades para a pesquisa em ciências humanas, uma nova perspectiva para a produção de conhecimento e uma nova perspectiva para o agir - para a praxis profissional do educador.

A luz dessa perspectiva tentamos uma aproximação das sessões-encontro a seguir.

Educadores psicodramatistas cuidam da própria educação. O "*psicodramático*" e o "*educativo*" se apresentam como acontecimento que se oferecem à hermenêutica — ἐρμηνεύειν. — . Remetendo-nos à origem primeira da palavra, traz-se uma mensagem. O que se regionaliza como mundo da Educação e mundo do psicodrama podem ganhar novo vigor no se pôr à escuta dos modos de ser do *dasein* - que surgem no seu ser espontâneo-criador, no contexto do psicodrama, onde um tematizar se aclara, des-velando também o ser dos tematizantes.

Os relatos das quatro sessões que se submetem à hermenêutica, fazem parte de um total de dez encontros que tiveram lugar no GETEP (Grupo de Estudos de Técnicas Psicodramáticas) no

ano de 1984, dentro do Projeto da Equipe de investir no desenvolvimento de seu papel de Educador.

A equipe nos autorizou a trazer a público, quatro desses encontros. Trabalhamos com os três primeiros encontros na ordem em que se deram e com o último deste conjunto.

A direção, os relatos e ilustrações, são de Maria Alice Vassimon, psicodramatista, uma das fundadoras do GETEP, responsável pela formação dos membros da equipe.

Os participantes, num total de aproximadamente doze pessoas, integrando a equipe nesse período, já tinham concluído sua formação como psicodramatistas e como profissionais da Educação, traziam experiências de vários âmbitos e de instituições diversificadas.

Nesse grupo, somos uma dentre os participantes.

Preparemo-nos para tomar lugar no contexto grupal.

A voz dos pares faz-se ouvir, num mostrar do contexto social onde Educação se dá e do qual proviemos com nossa condição existencial de Educador/Educando.

CENA 2 - Sessões-Encontro e Compreensão hermenêutica

Em tele com Moreno

Desenvolvimento do papel do educador psicodramatista

Sessão dirigida e relatada por Maria Alice Vassimon

Primeiro Encontro

Os educadores do Getep decidiram desenvolver o seu papel de educador psicodramatista, em encontros quinzenais, a partir de temas surgidos da prática de educação de cada profissional.

Os assuntos seriam tratados de forma psicodramática.

E como 1984 foi um ano escolhido para registro da ação educativa do grupo, a coordenadora dos trabalhos decidiu relatar cada vivência e devolver para os membros do grupo as riquezas, as trocas, o trabalho teórico-prático realizado nessas ocasiões.

Os relatos que se sequeem são o resultado dessa experiência, ponto de partida para outras vivências e reflexões, e, quem sabe, objeto de trabalho para outros grupos.

Primeiro encontro - sexta-feira 23/3/84

O encontro teve início a partir da pergunta: o que é que cada uma esperava daquelas reuniões? Cada pessoa com calma foi se colocando verbalmente e o clima era de seriedade. As expectativas resumidas foram as seguintes:

- Gostaria de me reciclar, gostaria de mexer comigo, me desenvolver como educadora.

- Poder aprender mais algumas poções mágicas e mexer esse grande caldeirão que é a Educação.

- Não tenho expectativas, estou aqui, quero viver a experiência.

- Eu, nem sei o que é educação. Estive dentro da máquina de educação e fugi de lá correndo, mas, não sei mais se o que faço é educação ?!

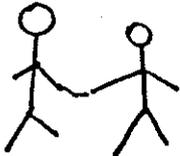
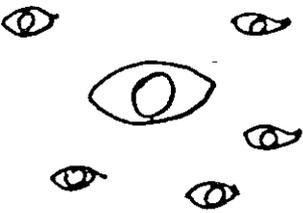
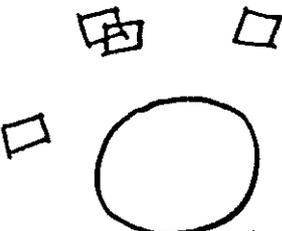
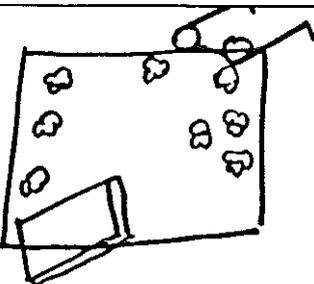
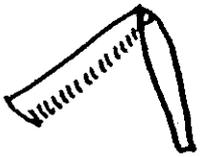
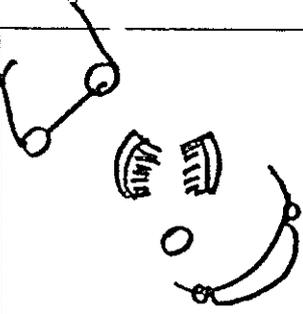
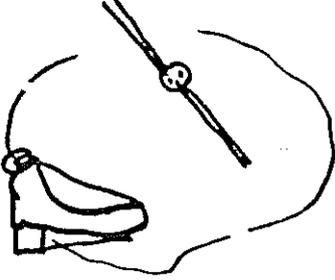
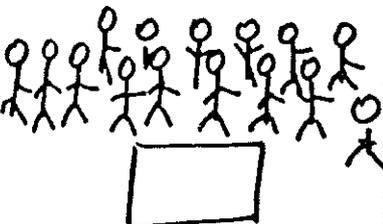
- Quero poder trazer minhas dúvidas de trabalho como professora psicodramatista. Faz tempo que trabalho com os mesmos conteúdos, quero ouvir outras maneiras de trabalhar, quero poder dizer também sobre outros cursos.

O grupo passou a discutir a pergunta: "Mas o que é mesmo educação? Será que o que se faz no Getep é educação? Será que o que eu faço é educação?"

A coordenadora pediu nesse momento que cada um apontasse com objetos concretos algum elemento, algum fator que no Getep fazia com que se remetesse para si mesmo. Algo que tivesse sido percebido como educativo para si mesmo.

Esponaneamente, sem mesmo ter pensado em algum material para se expressar, uma das pessoas disse: - Vale o abrir da porta? O simples fato de abrir a porta já me deixa bem, bem comigo mesma. As vezes venho cansada, amolada, e é só virar a chave na porta e já vou me retomando. Não sei, mas a casa, o clima, o espaço aqui.

Os outros membros do grupo, se aquecendo começaram devagar escolhendo material e iniciaram os trabalhos.

<p>o abriu da porta</p>		
<p>no 1</p>		<p>no 2</p>
		
<p>no 3</p>	<p>no 4</p>	<p>no 5</p>
		
<p>no 6</p>	<p>no 7</p>	<p>no 8</p>
		
<p>no 9</p>	<p>no 10</p>	<p>no 11</p>

O primeiro quadro, representa uma pessoa, a educadora dando a mão a uma menina. Esse trabalho foi realizado com massa de modelar. A mesma é uma criança da favela que brigou com a educadora, discutiu, ficou brava e fez com que ela repensasse seu papel, sua atuação, sua relação com a menina e com os outros alunos.

O segundo, representa olhos e no centro um enorme olho azul que muito ajudou a educadora, quando aluna, a se perceber, a se encontrar, a poder se abrir. Esse olho azul é de uma das pessoas que também faz parte do grupo. Foi um momento de muita emoção. Ser olhada com respeito, com profundidade, foi muito importante.

O terceiro, são quadrinhos e uma bola. Os quadrinhos representam um trabalho de redação com prazo curto, a faxineira que não tem vindo, os alunos do curso. E a bola, uma bola maleável que se movimenta, que precisa ter cintura para atender cada pessoa, cada situação. Essa bola é a própria educadora e a vivência do dia a dia no movimento da bola.

O quarto, uma orelha grande aberta. O Getep é um lugar de ouvir, ouço muito aqui. Fora, às vezes, falo mais do que ouço. Mas aqui, estando a serviço dos grupos, ouço, e me faz bem, é muito importante ouvir.

No quinto, um lençinho com flores. Cada flor é um membro do grupo. Antigamente não conhecia todas. Hoje já sei quem são, já as distingo. Conheço umas, mais do que as outras, mas transo todas. Uma agenda: que representa o meu lugar, o meu espa-

ço, onde posso organizar o meu trabalho do meu jeito, sem interferências familiares e os óculos para enxergar melhor.

O sexto quadro. A educadora pegou um copo cheio de água e bebeu diante de todos. Depois deu de beber, e disse: O Getep é água, eu gosto muito de água, de tomar banho, de beber, de nadar. Nada é melhor do que água quando se tem sede. É simples, é água.

No sétimo, uma escovinha de cabelo que abre e pode se fechar. A capa e a escovinha estão presas por um ponto que é a relação. É importante esse ponto. O encontro entre dois elementos diferentes se dá na relação.

O oitavo, um molho de chaves. O grupo do Getep está sempre em movimento, não pára; exige sempre uma reacomodação, amplia, abre caminhos, está sempre criando. Estar aqui vivendo tudo isso é um privilégio.

O nono, uma aliança que é o sentido do encontro entre pessoas (os dois pentinhos), para chegar a uma humanização básica (o colar). Estou atenta para viver isso, sempre procurando mais esse sentido. Os óculos, representam a possibilidade de reflexão que se dá aqui e que espero intensificar com nosso trabalho.

O décimo, um sapato, um relógio. Para mim o grupo é muito estimulante, às vezes, de forma difícil. Por isso esse sapato meio amassado, para representar o pé no chão. Sou mais de abstrair. Acho importante fazer esse esforço. O grupo me ajuda, mas nem sempre é agradável. O relógio, também complementando essa idéia do concreto, o compromisso com o tempo, é difícil, mas estimulante - Tenho valorizado muito tudo isso e levado para fora.

Décimo primeiro. Resolvi pegar uma fotografia com bastante gente para representar o calor humano. É ele que me toca aqui. Voltei, para participar das reuniões, apesar do pouco tempo que eu tenho, por causa do calor humano, diferente aqui de qualquer outro lugar. Trabalho em outros lugares mas não é assim.

Cada relato foi feito com muita emoção. Falar de si, ter um espaço para se retomar nas mãos e simplesmente se enxergar e se mostrar, emociona.

O grupo comentou as semelhanças entre as diferentes formas de expressão. O clima do trabalho, os sentimentos de cada um.

Concluimos que a criança, o olhar azul, o trabalho a ser feito com prazo curto, a faxineira, aquilo que ouvimos das pessoas, uma agenda, a água, a relação entre pessoas, as diferentes estimulações dos grupos, a busca da relação humanizada, os limites do dia a dia, o calor humano são todos agentes de educação. Naquele momento, aquele grupo, os reconhecia como fatores que os remetiam para si mesmos, ampliando a percepção de si mesmo, o que leva à ampliação da percepção do outro. E todos esses agentes fazem parte da realidade. Podemos então dizer que educar e ser educador é estar aberto, presente à relação com a realidade. É estar disponível, no aqui e agora, para a dificuldade, a criança, a água, as pessoas, o calor humano, os limites.

O clima no Getep é favorável a esse tipo de postura. E nos perguntamos: o quê, no clima? Talvez a possibilidade de estarmos mais livres, sendo nós mesmos, sem uma certa ameaça, cons-

tante e velada que sentimos em outros ambientes de trabalho. A conquista do espaço de cada um, é propósito de todos.

Compreensão Hermenêutica

1º Encontro - Vivenciando o "educativo" - o que remete para si mesmo.

O grupo se dispõe a um trabalho de desenvolvimento de seu papel de educador psicodramatista, utilizando o psicodrama como abordagem para tratar os assuntos surgidos. A coordenação pontua o propósito dos encontros, inclusive a preocupação com a documentação. O grupo se aquece.

A questão que inicia os trabalhos - a questão das expectativas, abre espaço para o compartilhar desse propósito comum, abre espaço para a comunicação se dar.

Um mundo comum se forma. Todos são co-responsáveis.

- "Reciclar-ser, mexer comigo, me desenvolver como educadora, aprender poções mágicas e mexer o caldeirão da Educação, viver a experiência não tendo expectativas a priori, o fugir da máquina da educação e a questão: o que faço é educação? Trazer dúvidas de trabalho como professora psicodramatista, retrabalhar conteúdos, ouvir acerca de outras maneiras de trabalhar".

O grupo encontra o eixo norteador da discussão:

"Mas o que é mesmo educação?" "Será que o que se faz no Getep é educação?" "Será que o que eu faço é educação?"

A coragem de se por em questão. A sensibilidade e intuição do Diretor Psicodramatista, entrevê a possibilidade da ação dramática. Ao invés do discurso conceitual e abstrato, o convite para "abrir um mundo" - mundo de cada um, referenciado na experiência vivida.

Advém a proposta: "... que cada um apontasse com objetos concretos, algum elemento, algum fator que no Getep fazia com que se remetesse para si mesmo. Algo que tivesse sido percebido como educativo para si mesmo".

Inicia-se o aquecimento específico, tendo em vista a ação dramática em forma de expressão com objetos simbólicos.

Num gesto de liberação da espontaneidade, quase simultânea, advém a expressão de um dos membros do grupo:

O gesto simbólico de abrir a porta - carregado de sentido - "passagem" para uma disposição afetiva que permite o "já vou me retomando".

"A casa, o clima, o espaço aqui".

O educativo se mostra numa possibilidade de ser-aí-com, onde fala o encontrar-se - um dos existenciais que marcam a "abertura" do dasein.

Vejamos as outras expressões, dos demais membros do grupo:

1. Em massa de modelar, a educadora dando a mão a uma educanda, criança da favela que através de manifestações agressivas a mobiliza para repensar seu papel, sua relação com a menina e com outros alunos.

O educativo se mostra na possibilidade de recolher a expressão agressiva (o "deseducativo" em termos do senso comum) como um mobilizador para repensar-se num novo compreender de sua atuação enquanto educadora no contexto da favela. Espaço aberto pela equipe que o acompanha e sobre o qual reflete.

O conduzir um trabalho que propicia manifestações de vida - o expressar-se que mesmo questionando a autoridade do educador, lhe permite reformular situações de relação e auxiliar o aluno. Zelo, solicitude - o ir em busca do encontro.

2. Em desenho, o olho azul no centro, cercado por outros olhos. A experiência da convalidação existencial vivida na situação de ensino-aprendizagem, quando o membro do grupo fazia curso no Getep. O ser reconhecida enquanto Dasein, presença, confirma o "sendo" educadora da primeira presença referida, através do olhar de uma determinada maneira. Presenças apreendidas em autenticidade, na reciprocidade.

Ouçamos Heidegger:

"A convivência recíproca daqueles que se empenham na mesma coisa, alimenta-se muitas vezes, somente de desconfiança. Inversamente, o empenhar-se em comum pela mesma coisa determina-se a partir da presença apreendida, cada vez, em sua propriedade. É essa ligação própria que possibilita a justa inserção, que

libera o outro em sua liberdade para si mesmo" (1)

Estamos diante de que o "educativo" se dá, no ser "olhada" de determinado modo - como pre-sença em autenticidade, ser, no seu poder ser.

3. Quadrinhos de papelão colorido e uma bola maleável que se movimenta. Os quadrinhos representando as dificuldades, desafios do cotidiano, situações que pedem a flexibilidade da Bola (esta representando a própria educadora) em exercício de "jogo de cintura".

Situações que poderiam "sufocar" pelo aumento da ansiedade, mas que são vistas como mobilizadoras da espontaneidade e da criatividade.

O "educativo" vai se mostrando num modo diferenciado de se lidar com os desafios do cotidiano.

4. O desenho de uma orelha grande, aberta, traz a importância da escuta. Um ouvir que é ser-vir, num vir-a-ser-com.

O "educativo" presente na atitude de se pôr à escuta, "em solicitude, zelo, cuidado" - essência do ser-aí (dasein).

5. O lenço com flores, cada uma, um membro do grupo, agora pre-senças diferenciadas, embora com níveis diferentes de conhecimento.

(1) Martín HEIDEGGER, Ser e Tempo, Parte I, p. 174.

"... *transo todas*". Nesta expressão o dizer da possibilidade de proximidade e troca.

A agenda, que fala do lugar, do espaço próprio para se organizar em termos de trabalho, sem interferências.

O óculos, o enxergar melhor - possibilidade de maior acuidade de percepção, reflexão.

Cada membro do grupo, o espaço próprio, o zelo no apuro perceptivo, mostra-se aí o "educativo".

6. O copo d'água. O beber e o dar de beber. O espaço de Educação (GETEP), visto como água, simbolicamente, evocando o tomar banho, o beber, o nadar. "... *Nada é melhor do que água quando se tem sede*".

O "educativo", o que remete para si mesmo como elemento primordial para que VIDA surja, respondendo a necessidades básicas. Imagem forte, reforçada pelo gesto singelo de ser-vir-se e de ser-vir.

7. A escovinha de cabelo que abre e fecha. O ponto que une escova e capa, tomados como elementos diferentes, é a relação. O encontro possível.

O "educativo" como relacionar-se, encontro.

8. O molho de chaves - o grupo em contínuo movimento, exigindo "*reacomodação, amplia, abre caminhos, está sempre criando*". O reconhecimento do "*privilégio de estar aqui, vivendo tudo isso*".

Estamos diante do "educativo" como riqueza de vivências que a dinâmica criativa do grupo possibilita. A valorização do espaço.

9. A aliança falando do sentido do encontro entre as pessoas (os pentinhos), em direção à meta comum: "*humanização básica*" entre os membros do grupo e no que o grupo se propõe como tarefa de Educação.

Os óculos pontuando a reflexão constante que se dá e que o trabalho intensificará.

Aliança, encontro, humanização - como pro-jecto; reflexão - o "*educativo*" que se mostra.

10. O sapato e o relógio. O primeiro, meio amassado, falando de pé no chão. "*O grupo é muito estimulante, às vezes de forma difícil*". "*O grupo me ajuda, mas nem sempre é agradável*".

O segundo, complementando a idéia do concreto, o compromisso com o tempo. Limites.

"*Acho importante fazer esse esforço*".

O "*educativo*" como o andar nem sempre agradável em meio às dificuldades da dinâmica do grupo. Lidar com os limites.

11. A foto com bastante gente, expressão do calor humano. O que toca, o que faz retomar as reuniões do grupo.

O "*educativo*" como calor humano.

A direção encerra o relato como o fez na condução da sessão, incentivando o compartilhar de sentimentos e percepções acerca do que emergiu. Ressalta os elementos surgidos em cada montagem, chamando-os de "*agentes de educação*".

"*Naquele momento aquele grupo os reconhecia como fatores que os remetiam para si mesmos, ampliando a percepção de si mesmos o que leva à ampliação da percepção do outro. E todos es-*

ses agentes fazem parte da realidade. Podemos dizer que educar e ser educador é estar aberto, presente à relação com a realidade. É estar disponível no aqui e agora para a dificuldade, a criança, a água, as pessoas, o calor humano, os limites".

Encerra o relato considerando que o clima nesse espaço de trabalho favorece essa postura, pontuando o quê neste clima:

"Talvez a possibilidade de estarmos mais livres, sendo nós mesmos sem uma certa ameaça, constante e velada que sentimos em outros ambientes de trabalho. A conquista do espaço de cada um é propósito de todos".

Aí se expressam os fundamentos essenciais da postura psicodramática: a liberdade como experiência de um poder se expressar em espontaneidade e criatividade, podendo ser si mesmo. O ser em relação, em que cada um vê seu poder ser tramado no poder ser do outro. Co-responsabilidade para o desenvolvimento recíproco.

Estamos diante de um trabalho de educação - o acontecimento educativo psicodramático - que se faz conjuntamente. Onde a autoridade educacional, recoloca o contrato do encontro, incentivando que cada um coloque suas expectativas para que um mundo comum se dê.

A direção é atenta para intuir a temática e encaminhar a ação dramática, que aqui envolve todos os participantes do grupo. O grupo, é protagonista. Todos buscam um *pensar* que vai na direção de pôr em questão a própria identidade do grupo e a sua própria identidade enquanto educador.

Uma pesquisa espontânea e criativa tem lugar, ao se abrir espaço para que esse pensar sobre o educativo se faça através de objetos intermediários que trazem o simbólico.

O contato com o fenômeno do educar se dá, mobilizando o intuitivo - o pré-reflexivo que remete ao "ontológico", para além do simplesmente "lógico" dado como conserva cultural no dizer Moreniano, enquanto regras e conceitos prontos. O trabalho possibilitou que cada um saísse da sessão refletindo sobre o educar e ser educador sob a ótica das condições de possibilidade para que se dê Educação, sempre um educar-se também.

A direção parte de uma possibilidade intuída - o educativo como o que remete para si mesmo e nesse ser em propriedade, na proximidade de si mesmo, vemos a mundaneidade do ser-aí, no seu ser-no-mundo-com, ser-em relação com as coisas, consigo mesmo, como o outro. Relação des-velada e presentificada através do simbólico.



Desenvolvimento do papel do Educador

Sessão dirigida e relatada por Maria Alice Vassimon

Segundo Encontro: 06/04/84

Iniciamos a sessão retomando o encontro de quinze dias atrás. O que tinham sentido, o que tinham pensado, como haviam elaborado o vivido?

- Quando você diz quinze dias atrás, não sinto assim, para mim o encontro continuou. Achei o trabalho muito intenso e gostei muito de ter lido o texto inteiro; gostei de ter lido o texto sobre a sessão. Me dá a sensação de pertencer a um grupo que eu escolhi e escolho, em quem já confiava e que me mostra que eu posso confiar mais ainda.

- Achei muito bom, muito simples e para mim foi importante ter o texto para recuperar o vivido e refletir em cima.

- Depois de tudo percebi, de repente, que eu sou uma educadora, não aquela das estruturas, mas sou e é só, uma educadora.

- Só e tudo.

- Para mim foi muito bonito, gostoso, sensação boa, gostosa, de estar junto. Foi o que ficou e permaneceu durante essas duas semanas.

- Foi bonito, muito bonito, simples, concreto.

- Quando li o texto e já o li duas vezes, fiquei feliz de poder contar com ele, perceber que como membro do grupo, tenho

uma visão parcial do trabalho. Por um lado é ótimo ser membro de grupo e por outro, contar com a visão geral; lembrar o que nos escapou inevitavelmente durante o processo, completa o trabalho.

- Para ler aquilo que foi construído por nós, ler um texto significativo, não precisam nos pedir duas vezes.

- O meu é leitura de cabeceira para curtir devagar.

- O meu está debaixo de minha cama; lugar onde tenho acesso rápido e fácil.

Uma das participantes mexia com certa constância o seu pé. Perguntei o que é que aquele pé estaria dizendo?

O pé estaria expressando a interrogação existente entre o contato simples com a realidade e a elaboração ao nível das idéias. Vem então a pergunta: o que é a realidade? O que é o sonho?

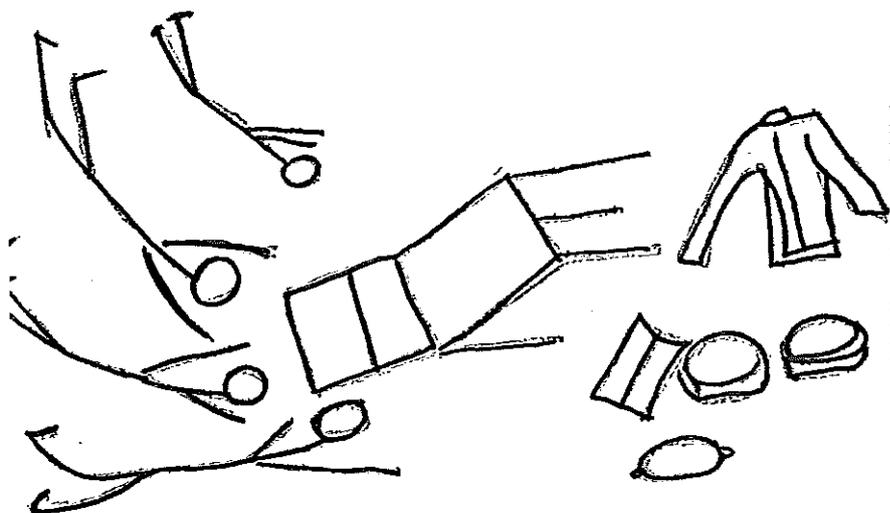
Realidade é realidade. Sonho é sonho.

Mas quando olho a realidade eu a organizo segundo uma elaboração de idéias, de significados, será ela então sonho ou não?!

Parece que o caminho para o trabalho de hoje estaria aparecendo; pesquisar o que é "realidade" e qual é nosso contato com ela. Todos concordaram.

Para mim é como se fosse um caleidoscópio que giramos e que movimenta tudo em volta. Pedi a essa participante que viesse colocar o caleidoscópio no tablado. Ela chamou mais três pessoas, pegou uma cadeira que seria o caleidoscópio, tentou colocá-la numa forma x mas a cadeira não ficou na posição que ela queria. Por fim, a cadeira foi colocada numa forma possível e os demais

participantes deitados, em frente à cadeira, usando-a como caleidoscópio.



Diante da cadeira foram colocados alguns objetos, representando a realidade. Os participantes começaram a atuar, girando a cadeira, que tinha espaços vazios, permitindo a percepção da realidade e espaços vedados, impedindo a visão dos objetos. O jogo se desenrolou por algum tempo. Alguns dos participantes começaram a se irritar por ter que olhar através da cadeira.

- Vamos tirar a cadeira.

Jogaram um pouco mais, até que a pessoa que construiu a cena, saiu de onde estava e foi ter com a "realidade". Todos a seguiram e iniciou-se um novo jogo de relação com os objetos, no tablado. O grupo deixou o caleidoscópio de lado e começou a pegar, a cheirar, mexer nos objetos da "realidade". E de repente foi se estabelecendo uma dinâmica entre os diferentes membros

desse grupo, uma dinâmica mais perceptível do que no primeiro momento.

Pedi para cada um dos participantes escolher um objeto. Desencadeou-se nesse momento, uma disputa pela "realidade". Uma das participantes, tomou prontamente o casaco vermelho dizendo ser seu. As outras foram escolhendo devagar, ora pela cor, ora pelo uso:

- Quero esse porque é azul.
- Quero esse porque é uma agenda.

Mas aos poucos o brilho vermelho do casaco, sua maciez, sua beleza, foram empolgando as participantes que não o escolheram. Aos poucos todos foram se voltando para ele.

- Quero esse casaco também. Você não o partilha comigo?
Isso, essa manga pode ficar para mim.

- Deixa ver o casaco.
- Eu não o quero porque não me serve.
- Serve sim.
- Deixe-me ver o casaco.
- Deixo não, você vai ficar com ele.
- Eu não fico, prometo que não fico.

O casaco foi então entregue por sua dona. A pessoa que o pegou mexeu nele, fez, quem disse que não entraria nele, experimentá-lo e depois de algum tempo, como o prometido, o devolveu.

Pedi então ao grupo que levasse seus objetos para casa. A disputa se intensificou. - Vamos partilhar o casaco (que a essa altura era o aspecto da "realidade" mais significativo).

- Não, ele é meu. Não pode ser cortado, partido, vou levá-lo para casa!

As outras participantes tiveram que voltar para seus antigos objetos e a cena se encerrou.

Comentário do vivido:

- De início foi engraçado, gostoso jogar com a cadeira, caleidoscópio, para enxergar a "realidade". Mas através dela era muito difícil ver. E a realidade não se mexia.

- Aos poucos fui me irritando, quis tirar a cadeira.

- E eu achei que seria mais fácil ir direto aos objetos.

- Quando o grupo deixou a cadeira de lado, era cedo para mim; tive vontade de ficar mais no primeiro momento, estava gostoso deitada no chão, jogando.

- Foi melhor para mim tocar nos objetos, embora a realidade fosse bem pobre. Cinzeiro com cheiro de cigarro, hum!! E o casaco realmente era o elemento mais significativo, mais brilhante e mais colorido. Não deu jeito de pegá-lo. Fui tentando parlamentar, devagar, mas não deu jeito.

- Foi interessante, para mim o casaco soou bem como as uvas verdes. Não o quis de cara, disse que não cabia em mim.

- A cadeira complicou bastante o contato com a realidade. Era um anteparo entre os participantes e a realidade. Quantos anteparos usamos! O anteparo pode ser um preconceito.

- Por que é que você não ficou com o casaco? Foi a única que pode pegá-lo! Por que é que você não fugiu com ele?

- Não fiquei com o casaco porque tinha prometido, disse de verdade que eu o devolvia e cumpri. Quando dou minha palavra aconteça o que acontecer, posso me danar, mas eu cumpro.

- Essa forma, se levada com rigidez, pode ser um anteparo também, não?!

- Para mim estava claro. O casaco era meu e eu não ia reparti-lo. Eu tinha que levá-lo para casa.

- É, de fato, você não quis repartir mesmo.

- É, realmente, nós intelectuais usamos muito esse anteparo, esses conceitos até chegar na "realidade". O povo está muito mais perto da realidade, ele tem a miséria ali, a fome. Ele trabalha com as suas mãos.

- Como assim? (de todos os lados o grupo começou a discutir).

- Só a miséria é que é realidade? Para mim não está claro. Precisamos retomar o tema de novo. Trabalhei com uma mulher do povo que estava muito distante de seu próprio corpo, por exemplo.

- Mas o que se está falando, me parece, é da nossa mania de conceituar, de lidar com os conceitos, como se fossem a realidade. Dizemos não me importo que meu marido ande com quem quer que seja mas, quando isso acontece, nos desesperamos. Com o povo, as coisas são mais diretas; eles percebem que não dá, brigam, batem.

- Gente, para mim realidade é estar num grupo, num contexto determinado e realizar algo palpável, concreto.

- Vamos então viver essa proposta.

A participante do grupo chamou mais quatro pessoas e pediu que, à medida da vontade de cada um, sem falar elas fossem se tocando, se conhecendo. O grupo devagar, começou a se explorar, a se tocar, uns deitando no colo dos outros. Uns, propondo toques, outros se deixando tocar. Uma das participantes rompeu o silêncio e falou também. A cena se desenrolou com tranqüilidade.

Foram os seguintes os comentários depois do vivido.

- Escolhi para viver essa cena comigo, umas pessoas, porque não as conhecia bem e outras porque já me sinto próxima delas, e com elas quis viver a experiência.

- Entrei um pouco tensa e fui me relaxando, foi bom. Escolhi as mãos para poder através delas tocar e ser tocada; foi bom, foi quente. Não são sempre agradáveis; prefiro falar, verbalizar, é uma forma mais perto de mim. Quando deitaram no meu colo, foi bom, me senti participante. Não me incomodou. Foi bom ter retomado contato com as pessoas aqui.

Eu fiquei com medo de incomodar; deitei no chão e na perna de alguém, mas como não me mandaram sair, imaginei que devia estar bom. Foi interessante, quente.

Até aquele momento, muita riqueza tinha sido levantada sobre o assunto proposto; resolvemos recolher alguma delas para voltar numa outra ocasião, a discutir o assunto.

O caleidoscópio serviu como anteparo, impedindo mais do que permitindo o encontro com a realidade; tanto é, que num dado momento, foi deixado de lado. Os momentos se sucederam e os participantes responderam a eles com ritmos diferentes. A posição deitada para ver no caleidoscópio, era incômoda para a maioria. No momento que se estabeleceu a dinâmica do grupo com os movimentos de dar e receber, partilhar, competir, ficou mais difícil cada pessoa identificar o que queria naquele momento; o que era um desejo real para si. Apareceram várias formas para cada um, de conseguir realizar o seu desejo e muitos, não chegaram a alcançar o seu objetivo. O nosso corpo é um fator importante na relação com a realidade. A última cena pareceu um jogo de crianças curiosas se explorando. O que nos faz pensar que não é próprio dos "adultos" estar abertos para uma relação simples, sensorial, direta, com a realidade. Deixarmos de lado essa forma, substituindo-a por abstrações constantes, às vezes, pré-conceituosas que nos distanciam de nós mesmos e do mundo que nos cerca. Esse caminho simples, concreto sensorial pode ser retomado para nos ajudar na aproximação com a realidade.

Compreensão Hermenêutica

Segundo Encontro: Entrando em contato com a "realidade"

A sessão se inicia com a estimulação da direção, no tocante à elaboração do vivido, o pensado, o sentido em relação ao último encontro.

Em todas as falas que se seguem constata-se a valorização do trabalho como algo que mobilizou a reflexão - permaneceu, possibilitou descobertas, como: "*Depois de tudo percebi de repente que eu sou uma educadora, não aquela das estruturas, mas sou e é só, uma educadora.*"

Aparece a satisfação pelo trabalho documentado (entregue ao grupo com antecedência), que possibilita a consideração: "*Por um lado é ótimo ser membro de um grupo e por outro contar com a visão geral, lembrar o que nos escapou inevitavelmente durante o processo, completa o trabalho.*" A fala da participante nos coloca diante da possibilidade de uma visão mais abrangente.

O texto atua como condição de possibilidade para a expressão da coesão grupal - a partir da tele (capacidade de sentir o outro) : "*...Me dá a sensação de pertencer a um grupo que eu escolhi e escolho, em quem já confiava e que me mostra que eu posso confiar mais ainda.*"

O aquecimento geral vai se mostrando.

A atentividade do Diretor se faz sentir ao constatar o mexer do pé de uma das participantes. Linguagem não verbal, cheia de significado. Fala da inquietação gerada a partir do encontro anterior e que o texto sobre o mesmo ratifica: "*Podemos dizer que educar e ser educador é estar aberto, presente à relação com a realidade...*" Colocação da direção que se permite colocar-se no compartilhar-processar (última etapa do encontro psicodramático).

Como possível protagonista, gostaria de ter completado: *"Meu pé expressa a interrogação existente entre o contato simples com a realidade e a elaboração ao nível das idéias"*.

O tema é de todo o grupo e outros membros entram efusivamente.

Vem então a pergunta: O que é a realidade? O que é o sonho?

A palavra sonho, pontua mais que o *"estar em vigília"* ou *"estar sonhando"*, fala de fantasia, estereótipos, ideologias...

"Mas quando olho a realidade eu a organizo segundo uma elaboração de idéias, de significados...".

A direção *"saca"* o tema : *"O que é realidade e qual é o nosso contato com ela"*. Há consenso.

Um dos membros do grupo, traz a imagem do caleidoscópio, *"que giramos e que movimenta tudo em volta"*. Essa imagem aciona a pesquisa no tablado. A ação dramática é de todo o grupo. Participo com outros membros no contexto grupal.

Uma cadeira, no contexto do *"como se"* - o contexto psicodramático, simboliza o caleidoscópio. Três pessoas deitadas no chão, vêm através dela, nos vãos que dão acesso, *objetos*, representando *"realidades"*.

Ocorre irritação por se ter de olhar através do caleidoscópio e surge a idéia: *"Vamos tirar a cadeira."*

A pessoa que montara a cena, toma a iniciativa e parte para estar com a *"realidade"* em forma de objetos, no que é se-

guida por todos. Inicia-se um segundo momento de jogo, onde se pontua o início de maior interação entre os membros.

De uma perspectiva de mera observação, em que os entes intramundanos se oferecem simplesmente "*ante os olhos*", a relação com os mesmos vai se dar na perspectiva da "*manualidade*", do "*à mão*", no se ocupar à luz de um nexo de significatividade dado pela direção: os objetos devem ser escolhidos. Um mundo comum se abre.

É mobilizada a disposição afetiva - desejo, posse, no manuseio e escolha desses "*entes intramundanos*", "*úteis à mão*", no dizer Heideggeriano.

Disputa-menosprezo pelo casaco vermelho, é o "*aspecto da realidade*" mais significativo. Contenda acirrada com a fala da autoridade: "*Levar para casa seus objetos*". O compartilhar despeçando o casaco vermelho, é firmemente rejeitado por quem se apodera do mesmo.

O contato com a "*realidade*" vai se dando ao modo da posse e da luta. Dá que pensar.

No compartilhar (etapa que se segue à ação dramática), os participantes falam de seus sentimentos na ação dramática, de alto teor simbólico. A questão partilhar-disputar não é encarada de frente. Possivelmente o grupo não tivesse condição de lidar com esse tema, nesse momento e o processado vai na direção de ver a cadeira/caleidoscópio (realidade) como anteparo entre os participantes e os "*objetos-realidades*".

Gera para cada um, o estar diante de seu ser-descobridor no contato com a "*realidade*" e no que aparece de si mesmo.

- o difícil de ver através de
- a irritação
- querer entregar-se mais ao lúdico, num ritmo diferenciado dos demais
- o melhor de tocar os objetos diretamente
- o tentar parlamentar
- o casaco como as uvas verdes...
- o se ater à palavra (que também pode soar como rigidez - anteparo de forma diferente)
- o não querer repartir.

Segue-se a discussão acerca do modo como nós "intelectuais" usamos conceitos como anteparos em oposição ao modo como o "povo", premido por necessidades mais imediatas... *"está mais perto da realidade, ele tem a miséria ali, a fome. Ele trabalha com as suas mãos."*

Reações de todos os lados diante do que é percebido como reducionismo: o se referir à realidade como manualidade, o ente à mão na ocupação, ligado à sobrevivência do povo. Redução de "realidade" à miséria.

A fala:

- *"Gente, para mim, realidade é estar num grupo, num contexto determinado e realizar algo palpável, concreto"*.

Abre a possibilidade de nova proposta vivencial, reintroduz a questão do modo de se entrar em contato com o "real"; o que se dá, acontece, em que participamos.

Nasce a segunda cena, da fala citada e tem lugar um jogo corporal onde o conhecimento recíproco e a expressão de

afeto mútuo, falam da "realidade" possível para aquele momento em que cada um é "realidade" para si e para o outro, na interação - no encontro existencial, ou simplesmente no encontro moreniano, onde cada um se posta na sua verdade existencial, em abertura para a verdade existencial do outro.

As falas que comentam a vivência, vão na direção de confirmar a significatividade do entrar em contato, inclusive consigo mesmo, percebendo-se no "relaxar". Espontaneidade recuperada na experiência da "validação existencial" do encontro.

No final, a direção sintetiza aspectos essenciais vividos e elaborados conjuntamente. Vamos tê-los presentes, uma vez que no próximo encontro, o compartilhar sobre os mesmos, ainda vai ter lugar.

- " *O caleidoscópio como anteparo impedindo mais que permitindo o encontro com a realidade*".

O caleidoscópio sofre uma mudança de significação - de imagem da "realidade", passa a representar idéias, pré-conceitos, obstruindo o encontro com o que se dá, e que aparece sempre numa perspectiva.

- " *No momento que se estabeleceu a dinâmica do grupo, com os movimentos de dar e receber, partilhar, competir, ficou mais difícil cada pessoa, identificar o que queria naquele momento, o que era um desejo real para si.*"

A direção pontua modos de entrar em contato com a "realidade" expressa pelos objetos: dar, receber, partilhar, competir querer e a dificuldade de saber o que seria desejo real para si -

desejo, parte integrante de como a "realidade" aparece, falando de um "encontrar-se", "estado de mente", equiprimordial a um "com-preender" e a um "falar", configurando a "abertura" de "dasein-presença" no dizer heideggeriano.

- "O nosso corpo é um fator importante na relação com a realidade."

Toda sequência de considerações que vem a seguir, remete para a importância da redescoberta dos modos simples, corporais, de exploração da "realidade", que na nossa cultura fica reduzido e permitido à infância.

Estamos diante de um dos fundamentos essenciais da abordagem psicodramática: a corporeidade. Ambito para o qual nos remetemos, para desenclausurar a espontaneidade e nos re-ligarmos ontologicamente ao que se dá, no reencontro com a "autenticidade" - ser-si-mesmo, reaproximando-nos de nossa verdade existencial.

Do pé balançante, ao "toque" que nos devolve "a realidade de nós mesmos".

Do "penso logo sou" cartesiano, como ponto de partida para dar conta da questão da realidade, à mais que a inversão dessa colocação como propõe Heidegger (Ver parágrafo 43 de Ser e Tempo) - Eu sou e porque sou me abro a diferentes modos de ser - (pensar, sentir, falar, partilhar, competir, tocar) no mundo-com-os-outros. Em que os entes que me vem ao encontro, aparecem sempre numa circunvisão, onde fala o fenômeno do cuidado, como essência do dasein.

Quando se é tocado pela visada filosófica e se coloca a questão do SER, só escrevendo essas palavras, "*meu pé realmente pára de balançar...*"

Recuperar o habitar no SER.

É o mais próximo, mas quanto o caleidoscópio estéril das idéias e sistemas prontos, nas suas dicotomias, separando Mente e Corpo, nos separa dessa entrega, que no "*deixar-ser*" e aprender a ouvir nos faz criativos, como pastor do SER!

Desenvolvimento do papel do Educador

Sessão dirigida e relatada por Maria Alice Vassimon

Terceiro Encontro - 27/04/84

Iniciamos o nosso encontro perguntando ao grupo o que tinham sentido, pensado, a partir do nosso encontro passado. Alguns dos participantes não puderam vir, telefonaram justificando sua ausência.

- Para mim foi interessante, estive aqui, parecia que tudo se desenrolou devagar; para mim, começou a aquecer mesmo, em um dado momento e logo terminou o trabalho, mas, não sei o que aconteceu comigo que ao sair daqui escrevi dois textos. Um é bem curto, sobre o grupo, o outro é em capítulos, escrevi o primeiro. E é interessante estou me retomando como educadora.

As outras participantes pediram para ouvir os textos, meio sem jeito, a autora começou a ler o primeiro.

- Prá nós, esta realidade -

*Pequeno doce grupo, não só doce quanto cítrico com
dúvidas cozidas em banhos-maria de afeto*

*e as alegrias que se abrem feito bandeirolas no vento
destas caras
tão lavadas*

do ir se alinhavando em desenhos de pode ser.

Quanto dizer!

Quanto prá contar!

Tanta coisa prá repartir

eu te dou uma figurinha

você pode me dar sua bolinha?

*olha, alguém precisa de uma mesa de
jacarandá?*

...Mas a periferia...

*meu coração voa contente na tua
risada*

imagina quanta estrada!

(Nada cresce de repente)

(mas pode vir pacificamente

como a lambida quente e áspera da gata)

Quem não gostar de gato me desculpe, eu gosto.

6 de abril de 84

*O grupo gostou muito, ficou emocionado e em seguida,
quis saber sobre o segundo texto.*

Mas nesse momento a autora se negou.

- Tenho muita vergonha, não consigo ler.

*De imediato uma das participantes se ofereceu ler o
texto, assim ficaria mais fácil para a autora e o grupo poderia
partilhar desse primeiro capítulo. Não o pudemos transcrever aqui
porque ainda estava no rascunho e algumas partes precisavam ser
organizadas.*

*Nesse primeiro capítulo a educadora fazia referência à
sua vida de menina, na escola Caetano de Campos e os sentimentos*

em torno dos acontecimentos vividos lá. Sentimos que permaneceram até hoje quando ela passa pela Praça da República. Foram momentos de aperto no coração, mas também, de muita alegria.

Havia um colega seu, o Poti, um indiozinho que era um verdadeiro educador. Ele a iniciava nas particularidades de uma cidade como São Paulo.

- Você já andou de porta rotatória, aquelas redondas que giram?

E lá iam eles girar nessa porta estranha, repetir várias vezes a façanha, para aprender a rodar e usar a porta.

Quando fui à, o Poti renasceu em mim; na eu fico em estado de férias.

Não sei porque é que isso acontece. Lá todos trabalhavam muito mas, eu não. Fico de férias, não entendo. Ando e aprendo com o que acontece nas ruas e aí lembrei do Poti. Havia também um outro menino, na escola, um paraguaio mas que não tinha nada de indígena, com cabelos vermelhos, sardinhas, uma peste. Esse também me mostrava a vida, mas de outra forma, diferente do Poti. Eram mais iniciações com conotação sexual, não eram agradáveis, eu era muito reservada e ele com insistência me invadia. Com o Poti não, tudo era muito agradável.

Minha mãe trabalhava e, entre o meu horário de chegar em casa e o dela, sobravam umas horas em que eu podia fazer o que eu queria. Era nesse período que eu e o Poti íamos conhecer São Paulo. Um dia ele me levou para ver uma exposição sobre o câncer, na Galeria Prestes Maia. Vi coisas tão terríveis, órgãos cancerosos e fotografias tão impressionantes que cheguei em casa sem

fala, literalmente sem fala. Minha mãe já tinha chegado em casa nesse dia e eu não consegui dizer o que estava me acontecendo.

Ela então fez daquelas coisas de mãe.

- Não é nada, vou fazer um mingauzinho

- Eu tomei o mingau e minha fala voltou.

No próximo capítulo penso que falarei sobre a, não sei bem o que eu vou falar de lá. Na me sinto em férias realmente como já disse. E a única vez que quis trabalhar foi-me dito para relaxar e curtir. É um estado que eu nunca senti em outro lugar, a não ser perto do, Foi assim na, foi assim no, E foi na que renasceu o Poti que está dentro de mim e me faz tão bem. Tenho tido sensações semelhantes na Praça da Sé, coração de São Paulo, onde tudo acontece e me encanta. No dia seguinte à votação da Emenda Dante de Oliveira, o povo se reuniu lá na frente da escadaria da Igreja. Subi a escadaria para ver de cima e depois desci para estar junto a todos. A realidade ali em volta de mim e eu dentro da realidade.

- Que bonito tudo isso, estou curiosa sobre os outros capítulos.

- E as outras? Que pensaram e sentiram a partir do nosso encontro?

- Para mim, também ficou muito forte o sentimento de estar dentro da realidade e a realidade forte e barulhenta em volta. Na véspera da votação da emenda, às oito horas eu estava dando aula aqui no Getep. O grupo combinou parar um pouco antes das oito. Um dos nossos alunos pôs o relógio de pulso para despertar pouco antes das oito, para fazer barulho. Trouxeram fo-

guetes e nós descemos para ocupar todo o espaço do Getep com o barulho. Nem sei se incomodei os outros professores.

- Como não sabe?! Ouvimos sim todo o barulho, pois vocês saíram da sala de aula e percorreram a casa toda. Mas para nós foi difícil participar, esperávamos que os alunos tomassem alguma iniciativa e o interessante é que ficaram pregados às cadeiras, fortemente paralizados.

Para nós não foi possível sair e deixar a turma assim.

- Foi realmente impressionante vê-los paralizados, ouvindo o barulho. E, nesse momento, se desencadeou uma discussão sobre educação, muito interessante, muito rica; mas levantar não levantaram.

- Nós e o grupo de alunos, fomos até o jardim; lá o pessoal de psicopedagogia também se expressou batendo na porta, eram poucos e voltamos para a sala de aula. Nós sentimos todos participantes, juntos, junto dos outros paulistas que também faziam barulho, nós dentro da realidade e a realidade em torno de nós.

- E as outras, como sentiram o que vivemos aqui?

- Para mim o que foi vivido aqui, me fez pensar os quinze dias. Quando eu comecei a falar o que pensava da realidade e eu sei que tem coisa minha em tudo isso. Nessas horas, eu penso e não consigo dizer com clareza o que estou pensando. E quando vi a reação do grupo, então, foi muito forte, não consegui mais falar. Para mim foi muito difícil.

- Interessante não percebi o que é que o grupo fez.

- O grupo pulou, eu mal comecei a falar e o grupo fez assim (nesse momento a participante mostrou com as mãos o que queria dizer, as duas mãos partindo do ar e de repente, voltando para baixo, com um movimento de pressão para baixo).

- É eu percebi, umas das participantes, inclusive, veio em teu auxílio, tentando explicar o que você estava dizendo. Pensei comigo, ela não está ajudando a esclarecer. Eu conheço a opinião de quem não estava conseguindo se fazer entender. Não a deixaram falar. Ela não quer dizer isso que está parecendo. A tradução não foi facilitadora. O meu movimento foi esperar para entender melhor. Mas aí, você não falou mais.

- De fato, nessas situações, sinto dificuldade de me expressar; vi todo mundo pulando, inclusive pessoas mais chegadas (com quem aliás já conversei para esclarecer). Então me atrapalhei. Vejo que tem muita coisa minha misturada, mas toquei num ponto quente para o grupo, o nosso jeito de intelectualizar e na hora de viver, a coisa é diferente. Na hora também de pegar o casaco, me percebi tentando seduzir para conseguir o casaco e não consegui.

- É de fato, eu quis muito aquele casaco, eu não ia entregá-lo mesmo.

- Interessante, eu não percebi tudo isso. No nosso encontro passado me senti espectadora. Mas alguma coisa aconteceu em mim, pois foi depois que saí daqui que escrevi os dois textos. Achei o pessoal muito educado, percebi alguns momentos de espontaneidade, quando você agarrou o casaco e quando uma das

participantes não quis ser tocada na segunda dramatização. Mas o mais, todos muito educados.

- Não, não concordo com essa educação. De fato agora, retomando, percebo que o grupo caiu matando em cima de uma opinião.

Eu, da última vez, tive muita vontade, em diferentes momentos, de entrar em cena e não entrei.

- Não te passou pela cabeça entrar?

- Não, não me passou, fiquei com vontade e não fui.

- É, eu também quis entrar e não entrei, me perguntei se em termos de técnica de psicodrama isso era bom?!

- Sinto nesse momento, que recuperando o que foi vivido e não claramente dito ou percebido, ficamos mais perto da realidade. A questão não é de definir a realidade, mas como vocês já disseram, é de se relacionar com ela. E esse recuperar do que sentimos e pensamos, nos colocando mais perto de nós mesmos, mais reais com relação a nós, ao mesmo tempo oferece um maior número de dados para todos, aprofundando assim a qualidade da percepção.

- É, a propósito de recuperar, de estar inteira me lembro agora da sessão de psicodrama no curso de Formação, segunda feira, onde eu como ego auxiliar, vivi uma mãe muito aflita com a doença do filho. Tomei tudo que tinha dentro de mim e vivi esta mãe.

- É, você foi um ego incrível, foi importantíssimo para a protagonista, a tua atuação.

- É, eu estava inteira naquele momento.

- Para mim, foi gostoso participar, foi mesmo fácil.

- É, é mesmo, você mal começou a falar e já estava fazendo tudo aqui no tablado.

- Você de fato estava muito quente, pronta para trabalhar. Na minha opinião você foi um suporte da protagonista que na realidade era aquele pé que se balançava e não dizia nada.

Embora você estivesse envolvida, estava suficientemente solta para ter a idéia concreta do caleidoscópio que nos ajudou tanto a vivenciar e trabalhar no último encontro. Depois a outra participante trazendo a segunda cena veio também a colaborar com a protagonista.

- É de fato, o assunto era bem uma questão minha; me lembro de ter feito referência a níveis de percepção, segundo diferentes esquemas significativos que elegemos.

É, foi isso que você disse que me fez lembrar do caleidoscópio; dependendo do seu movimento, enxergamos de um jeito ou de outro.

- Gostaria de propor para hoje, já que estamos processando nosso último encontro que, em vez de trabalhar levantando mais material, colocar para vocês alguns pontos em forma esquemática que pudessem ajudar no processo de nosso trabalho. Esses pontos são fruto de minha elaboração mas a partir de tudo que vemos. O que acham dessa proposta?

O grupo concordou que caminhássemos por aí.

- Não quis escrever um texto, o assunto é assunto de vida inteira. No entanto alguns tópicos poderão servir de patamar para novas vivências e novas buscas.

A - O nosso enfoque sobre o assunto realidade, a meu ver, foi um enfoque muito audacioso.

Como vocês já disseram, a questão não é bem de definir a realidade mas sim de se relacionar com ela. Definir, me dá a sensação de controlar, esgotar, possuir; em contrapartida se relacionar, é dinâmico, é um vai e vem, mutável, estimulante, não fecha, abre, pressupõe infinitos jeitos de acontecer.

B - Da última vez, vimos que colocamos parâmetros entre nós e a realidade. E no decorrer da sessão, tiramos os parâmetros, como se tivéssemos ficado livres de qualquer limite.

Ora, na relação com a realidade, temos sim nossos limites: os corporais, de sentimento, de cabeça, de história, de status e outros. É a partir da percepção desses limites que vamos poder nos relacionar com a realidade e não negando esses limites. Nessa questão, entra toda a postura do educador, os valores assumidos, o distanciamento da ciência...

- Mas tenho uma dúvida: há momentos, que o anteparo pode vir a facilitar o contato com a realidade. No caso do material concreto em psicodrama, ele ameaça menos e possibilita a expressão, ajuda a clarear.

- Pessoalmente, não vejo o objeto intermediário como um anteparo, mais sim, como um suporte facilitador para estimular a expressão. Ele não se coloca entre eu e a realidade, me impedindo de ver. Mas sim, como veículo, através do qual eu posso ver melhor.

C - O psicodrama é um instrumento que nos permite detectar os anteparos que nos distanciam da realidade, os preconceitos que nos impedem de ver mais claro. Amplia portanto o nosso campo de visão.

O caminho traçado pelo diretor e o ego auxiliar é um caminho empreendido às cegas. O único dono do tema é o protagonista.

O grupo e os coordenadores, estão a serviço dele, para que explicitando seus sentimentos, fantasias, dúvidas, todo seu mundo interior, sua cultura, ele possa perceber melhor, atuar mais livremente e se relacionar. Quando digo caminho empreendido às cegas, quero dizer que, por mais sensibilidade que

tenha o diretor e o ego auxiliar, não tem sentido a sessão de psicodrama acontecer, para justificar uma interpretação feita de ante-mão pelos coordenadores do grupo. O movimento é inverso, toda a percepção e a habilidade do diretor e ego-auxiliar devem ser portas, a serviço da busca de caminhos, para que o protagonista possa se expressar.

E assim, reconhecer o seu mundo, recuperar o seu espaço e poder se relacionar consigo mesmo e com os outros.

*- O ver é sempre um ver situado, diz Bustos.
- Para os nossos próximos encontros, se fizer sentido, penso que poderíamos trabalhar o seguinte tema: como é que estamos nos relacionando com a nossa realidade de educadores psicodramatistas, com os nossos alunos, com os assuntos que trabalhamos, com as nossas dúvidas, as nossas indagações.*

Gostaria de ler para vocês, uma poesia de Fernando Pessoa que me chegou às mãos esses dias e que tem tudo a ver com nosso trabalho.

*O universo não é idéia minha
A minha idéia do universo é que é uma idéia minha
A noite não anoitece pelos meus olhos,
A minha idéia é que anoitece pelos meus olhos*



Fora de eu pensar e de haver quaisquer pensamentos

A noite anoitece concretamente

E o fulgor das estrelas existe como se tivesse peso

*Assim como falham as palavras quando querem exprimir
qualquer pensamento*

*Assim falham os pensamentos quando querem exprimir
qualquer realidade*

Mas como a realidade pensada não é a dita mas a pensada

Assim a mesma dita realidade existe não o ser pensada

Assim tudo que existe simplesmente existe

O resto é uma espécie de sono que temos

*Uma velhice que nos acompanha desde a infância da
doença*

Pessoa, Fernando

Obra Poética - Novo Aguilar - Rio de Janeiro

1981

- *Que bonito !*

- *Gostaria de copiar.*

- *Passa o texto, é de fato tem tudo a ver.*

- *E para finalizar, gostaria que cada pessoa me
disse uma palavra, a respeito de toda a vivência hoje.*

*O grupo ficou em silêncio retomando o vivido e devagar
foram surgindo as palavras: beleza, privilégio, sossego, vida,
sensação, pessoa.*

Compreensão Hermenêutica

Terceiro Encontro: O compartilhar de Cenas Vividas no
tablado da Vida

A sessão se inicia com a fala da direção remetendo ao "sentido" ao "pensado" a partir do último encontro.

Os ausentes avisam acerca do seu não comparecimento, revelando "*compromisso de grupo*".

Ocorre a primeira fala, com referência ao trabalho anterior; a participante comenta sua percepção "*que tudo se desenrolou devagar*"... "*após seu aquecimento, o trabalho terminou logo*"... "*mas, não sei o que aconteceu comigo que ao sair daqui escrevi dois textos*".

... "*Um é bem curto, sobre o grupo, o outro é em capítulos, escrevi o primeiro. E é interessante, estou me retomando como educadora*". (Grifo nosso).

A elaboração sobre o vivido, abrange as temáticas dos dois encontros anteriores.

A poesia que se segue intitulada: "Prá nós, esta realidade", fala do "sentido do grupo" para a participante e retoma a problemática sobre "realidade" já na perspectiva da verdade existencial - assumindo a intenção de convalidação existencial.

Tentemos uma hermenêutica.

"*Pequeno doce grupo, não só doce quanto cítrico com dúvidas cozidas em banhos-maria de afeto*".

O grupo é percebido à luz de duas imagens: *doce* e *cítrico*. Pontua opostos, convivendo no velamento da dinâmica grupal, como nos fala o que vem a seguir: ... "*com dúvidas cozidas em banhos-maria de afeto*". Densa terceira imagem que nos remete ao modo como o grupo lida com suas questões. Aponta para a possibilidade de des-velamento, ex-pondo a trama das relações presentes no contexto grupal.

Vejamos o segundo e terceiro versos:

... "*e as alegria que se abrem feito bandeirolas no vento*

destas caras

tão lavadas

do ir se alinhavando em desenhos de poder ser."

Ocorre a referência aos participantes do grupo em seu modo de ser: "*caras lavadas*", "*do ir se alinhavando em desenhos de poder ser*". Os membros do grupo são percebidos como pré-senças em seu sendo enquanto possibilidades - daí sem retoques, sendo simplesmente como são; a participante percebe seus pares sem máscaras e numa atitude de aceitação, abre-se à disposição afetiva da alegria, confirmada nos versos que se seguem: "*meu coração voa contente na tua risada*

imagina quanta estrada!"

Estrada, caminho de *poder-ser-com-o-outro-no-mundo*, possibilitando um entrever da riqueza presente na vida do grupo:

"Quanto a dizer!

Quanto prá contar!

Tanta coisa prá repartir".

E vamos adentrando ao sentido do "*clima do grupo*", referido no primeiro encontro. Nas imagens pueris, mas fortes no seu significar "*troca*"-tele-relação:

*"eu te dou uma figurinha
você pode me dar sua bolinha?"*

No trazer à presença, falas que contam do quotidiano existencial-profissional do grupo, "*realidades*" experienciadas:

*"Olha, alguém precisa de uma mesa de jacarandá?
...mas a periferia..."*

.....

"imagina quanta estrada!"

Na última estrofe, vemo-nos diante de um modo de tri-lhar a "*estrada*".

"(nada cresce de repente)

(mas pode vir pacificamente

como a lambida quente e áspera da gata)

Quem não gostar de gato me desculpe, eu gosto".

Um experienciar temporalidade que se abre num pro-je-tar-se...

Estamos diante de uma expressão poética, poiesis que fala da "*realidade*" como sendo-no-mundo-com-o-outro, ao modo do encontro existencial.

O que o grupo ratifica, como expressão sua ao se mostrar emocionado.

No segundo texto, do qual a diretora-relatora apresenta uma síntese, vemo-nos diante de um trazer-se enquanto mundo, sinalando o "*em que de fato uma pré-sença "vive" como pré-sença*" (Heidegger, 1988: 105 parágrafo 14) - o pré ontológico, o existencial - recuperado da história de vida da participante, nessa sua trajetória de se redescobrir como educadora.

Somos reconduzidos a estar diante do "*educativo*" como eixo que nos remete ao "*Mundo*" da Educação - "*Mundo*", aqui entendido como região dos objetos possíveis - no nosso caso, da Educação, donde tal fenômeno emerge do *ser-aí-com-o-outro* e nos traz o aprender simples, espontâneo, da relação entre duas crianças, "*no curriculum da vida*" e que no trato com a questão da Educação, no seu acontecer intencional-formal desconsideramos.

... "Poti... era um verdadeiro educador. Ele a iniciava nas particularidades de uma cidade como São Paulo".

Ele próprio, a porta giratória, a cidade, o museu, se revelam "*agentes de Educação*", numa relação significativa que põe em liberdade "*educabilidade*" - um poder ser da pré-sença, onde para si mesma se vê remetida num des-cobrir e descobrir-se.

A experiência do museu, "*traumatizante*" a ponto de deixar a participante sem fala, e a presença afetiva e acolhedora da mãe, falam da importância, no processo de educação intencional, do cuidado em *frente a que* colocamos o "*educando*". Consideração à luz da qual o menino paraguaio também nos chega. *... "Eram mais iniciações com conotação sexual, não eram agradáveis, eu era muito reservada e ele com sua insistência me invadia".*

A questão do Educar, vê-se às voltas com o "valorar" inevitavelmente.

Presenças, lugares por onde viajou, Praça da Sé - cadeia de vivências que a figura de Poti articula em nexos de significatividade (mundo) do ser educador, em momento de redescoberta.

Do existenciário, o vivencial, ao existencial estar diante do ser educador. Do pré-ontológico, ao ontológico se esboçar do *fenômeno da educação* - recuperado de um aprender existencial, des-velado no cotidiano ek-sistir em propriedade.

...*"Tenho tido sensações semelhantes na Praça da Sé, coração de São Paulo onde tudo acontece e me encanta"*. A partir de um abrir-se ao acontecimento - apropriação - EREIGNIS.

Do âmbito do grupo, experienciado como "uma realidade", à retomada de cenas da *história de vida*, que vão na direção de um pôr em liberdade o horizonte de onde brota o se retomar como educadora, "outra realidade" - somos conduzidos a um outro contexto, o da *cidadania*, "nova realidade", através dos fatos que se seguiram à aprovação da Emenda "Dante de Oliveira" - prelúdios do grito pelas *diretas-já* que uniu o povo brasileiro.

...*"A realidade ali em volta de mim e eu dentro da realidade"*.

Esse âmbito, toca de modo especial o grupo que passa a relatar suas experiências frente a esse acontecimento de cunho político. Um experienciar a realidade que é feito de participar, de modos diferentes, respeitando com quem se está, no "panelaço" ou abrindo-se para refletir sobre educação.

E a constatação: "*Nós dentro da realidade e a realidade em torno de nós*".

Segue-se a intervenção da direção:

- "*E as outras, como sentiram o que vivemos aqui?*"

Abre-se um diálogo entre a Diretora, a participante "*autora*" que brindou o grupo com suas criações, a participante que desencadeou a ação com a imagem do caleidoscópio no encontro passado e outros membros do grupo. (vide pág. 127 e seguintes do protocolo).

Momento em que o grupo olha o encaminhar do trabalho e joga luz sobre aspectos de sua dinâmica, na leitura do que se deu e que sempre parte de um recuperar *onde se anda consigo mesmo*.

Aparece a situação diferenciada de cada membro para se colocar diante do tema: "*O que é realidade*", quanto a disposição afetiva, compreensão e linguagem - existenciais que fundam a *abertura* do dasein, na sua relação com o ser.

Ocasião privilegiada, pelos reveses de se chegar a ela, para reconhecermos a emergência do Fator E (espontaneidade) - enquanto *modo de ser* que tem na abertura do dasein, sua condição de possibilidade de emergir enquanto um comunicar-se em contato consigo mesmo e com o que se dá ao redor, desencadeando a criatividade, num maturar próprio de cada um, na sua temporalidade própria.

Na constatação da diferença de prontidão para a ação, aparece a queixa:

" - *O grupo pulou, eu mal comecei a falar e o grupo fez assim (nesse momento a participante mostrou com as mãos o que*

queria dizer, as duas mãos partindo do ar e de repente voltando para baixo, com um movimento de pressão para baixo)".

A participante traz a questão do seu ponto de vista não ter recebido a devida atenção dos outros participantes, o que parece à mesma, uma desconsideração à sua pessoa, dada a forte imagem de "pressão para baixo".

Impulsividade do grupo? Lembremos que impulsividade se opõe à espontaneidade, enquanto um encontrar-se em autenticidade.

No dizer de Moreno:

"A raiz da palavra 'espontâneo' e seus derivados é o latim sponte, com o significado de por livre vontade. A espontaneidade tem a tendência inerente para ser experimentada por um indivíduo como seu próprio estado, autônomo e livre - isto é, livre de influências exteriores e de qualquer influência interna que ele não possa controlar. Para o indivíduo, pelo menos, tem todas as características de uma experiência livremente produzida. A espontaneidade também é a capacidade de um indivíduo para enfrentar adequadamente cada nova situação. Ela (a espontaneidade) não é apenas o processo dentro da pessoa mas também o fluxo de sentimentos na direção do estado de espon-

taneidade de uma outra pessoa. Do contato entre dois estados de espontaneidade que, naturalmente, estão centrados em duas pessoas diferentes, resulta uma situação inter-pessoal. (A reação interpessoal dá-se o nome de tele). (2)

Presenta-se na situação, um ser-com em de-caída. Está em questão o perceber-se, a partir *do lugar* do outro.

Mas a que momento do 2º encontro a participante que apresenta a queixa, se refere? No protocolo do 2º encontro, página 113, encontramos a pontuação da direção: " - *Como assim? (de todos os lados o grupo começou a discutir)*".

" - *Só a miséria é que é realidade?*"...

Voltemos ao 3º encontro.

Saltam a vista, aspectos do dar-se do fenômeno da comunicação, através do esforço de se recuperar o que se tentou dizer e o que foi compreendido. A disposição afetiva como interferente no expressar e no compreender, face à reflexão do tema em questão.

O movimento de esperar para entender melhor, disposição

(2) Jacob L.MORENO. Psicodrama, p. 132.

da direção, que pontua: " *Ela não quer dizer isso que está parecendo*", redobra a Atentividade diante da constatação de que a tradução da fala, tentada por outra participante, não foi facilitadora, contrasta com a disposição afetiva do grupo que vem retratada nas falas: "...*vi todo mundo pulando*" "...*o grupo caiu matando em cima de uma opinião*"...

Pulando, cair matando, fala do clima agressivo e asfixiante desse momento, solapando as condições de expressão de quem ainda tenta recuperar sua contribuição:

"...*toquei num ponto quente para o grupo, o nosso jeito de intelectualizar e na hora de viver, a coisa é diferente.*"

" *Vi todo mundo pulando, inclusive pessoas mais chegadas (com quem aliás já conversei para esclarecer). Então me atrapalhei.*"

A questão da disposição afetiva interferindo na compreensão se confirma, à luz da consideração do peso que tem a reação da "*pessoas mais chegadas*" e também nos remete para a trama relacional (matriz sociométrica) subjacente nas relações grupais como fenômeno presente e interferente na elaboração de qualquer temática. Questão importante na compreensão da estrutura e dinâmica de todo grupo e de forma particular aqui, o grupo de aprendizagem.

Não podemos deixar de pontuar aqui a contribuição Moreniana em seu projeto socionômico, onde a sociometria abre novas possibilidades para a investigação do ser-com e do ser-aí-com (em propriedade) que está subjacente em todo relacionar-se. Do

âmbito mais próximo, inter-pessoal, ao grupal, até o institucional.

A voz que advém do *ser-com* e do *ser-aí-com*, seu experienciar, assinala a possibilidade do grupo fazer tema de si mesmo - um outro contrato - sociodramático/sociométrico. O que se vê aqui é um ir se des-velando do con-texto grupal, como instância que em todo psicodramatizar se põe como articuladora do que se tematiza e como se dá esse tematizar, des-velando o ser do tematizante, sempre um ser-no-mundo-com-o-outro.

Seguindo a reflexão do grupo, nos deparamos com uma outra consideração sobre a questão da educação.

Na fala da participante que apresentou os textos, sentiu o grupo "*devagar*" e se colocou mais como espectadora no encontro passado, segundo suas próprias palavras, vem a enunciação: "*Achei o pessoal muito educado*", "*percebi alguns momentos de espontaneidade, quando você agarrou o casaco e quando uma das participantes não quis ser tocada na segunda dramatização. Mas o mais todos muito educados.*"

Advém a fala que interpola tal afirmação:

- "*Não, não concordo com essa educação, De fato agora, retomando percebo que o grupo caiu matando em cima de uma opinião*".

Estamos diante de percepções divergentes sobre o comportar-se do grupo, onde as expectativas (que falam de um conceber prévio da compreensão) acionam diferentes interpretações e nos remetem para a consideração do que se faz presente na palavra

"educado", nesse contexto. Ela nos fala de um agir e re-agir em conformidade com a norma esperada, onde se faz presente - contenção, quando não artificialismo - o permanecer no "todo mundo" em impropriedade, espontaneidade inibida. Seria o lugar para reconhecermos a que se refere a imagem de cozimento em "banho-maria"?

Na voz do membro do grupo que discorda, com a aquiescência do restante do grupo, a pontuação do outro extremo:

- "*Não, não concordo com essa educação...*"

Fica assinalada a impulsividade - o atropelo presente na expressão "*o grupo caiu matando em cima de uma opinião.*"

Está em questão o modo de expressão do grupo, sua espontaneidade, ainda o tateio para o encontro existencial face às diferenças individuais diante da contradição contenção-impulsividade.

As falas seguintes confirmam o âmbito para o qual apontamos:

- "*Eu, da última vez tive muita vontade, em diferentes momentos de entrar em cena e não entrei.*"

- "*Não te passou pela cabeça entrar?*"

- "*Não, não me passou, fiquei com vontade e não fui.*"

- "*É, eu também quis entrar e não entrei, me perguntei se em termos de técnica de psicodrama isso era bom?!*"

A última fala, segue a direção do âmbito apontado acima - a expressão espontânea dos membros do grupo e aqui a contenção se revela sob uma nova ótica - a preocupação com a adequabilidade técnica. Nessa voz, o grupo se traz na sua condição de quem é

psicodramatista e está envolvido no desenvolvimento do seu papel, também sob o prisma do aprimoramento técnico. Cabe a indagação: Qual o sentido de tal preocupação suplantar a livre expressão de um participante, ou sua intervenção como ego auxiliar? Pode-se sempre consultar a direção em tal situação. Por que não ocorreu? O grupo ainda tateia no reconhecimento de sua dinâmica?!

A colocação (última fala) fica sem resposta... Como se não provocasse *eco* nos outros participantes, *nesse momento*.

A direção faz uma pontuação (pag. 130 do protocolo) que vai recuperar a temática sobre "realidade" que tem ocupado o grupo desde o encontro anterior, articulando-a às percepções sobre o vivido que o grupo vem trazendo.

" - *Sinto nesse momento que recuperando o que foi vivido e não claramente dito ou percebido ficamos mais perto da realidade. A questão não é de definir a realidade, mas como vocês já disseram, é de se relacionar com ela. E esse recuperar do que sentimos e pensamos, nos colocando mais perto de nós mesmos, mais reais com relação a nós, ao mesmo tempo oferece um maior número de dados para todos, aprofundando assim a qualidade da percepção.*"

Nesse enunciado, a direção põe em evidência a produção de conhecimento que se vem construindo em conjunto.

Vai se desvelando a visada moreniana em que saber e viver se entrelaçam num ir e vir do homem espontâneo-criador: ser em relação. Conhecer como modo de ser, para Heidegger.

"- *A questão não é de definir a realidade, mas como vocês já disseram, é de se relacionar com ela.*"

O definir nos coloca na perspectiva do "filósofo observador", ou do "cientista acadêmico". Traz a cisão entre fazer e pensar. Visada do distanciamento, no pôr "*ante os olhos*".

O se relacionar, abrindo-se à lida ao que se mostra como fenômeno, a partir de um "*habitar*", evidencia a condição pré-ontológica do *dasein*, que é capaz de *tematizar*, sobreassumindo sua historicidade - ser que se dá no tempo - *num tempo vivido*.

Os parágrafos que se seguem, mostram os participantes envolvidos nesse tematizar - releitura que vai aproximando a dimensão conceitual, no colocar a importância da *espontaneidade* como modo de ser que possibilita ao "*ego-auxiliar*", colaborar no nascimento de nova compreensão do protagonista, para que esse retome por sua vez, a sua própria espontaneidade - condição de possibilidade para novos modos de relação com o ser.

Tal mostrar acontece no relato do ego-auxiliar que viveu uma mãe aflita, em cena psicodramática, no que é confirmada por outro membro do grupo.

O vivenciar "*inteireza*" nos fala de um modo de ser, em proximidade consigo mesmo e em sintonia sensível com o que se dá ao redor, clarificando nossa compreensão do fenômeno espontaneidade.

Tal mostrar acontece também nas considerações que se seguem, ao se retomar as condições desencadeadoras da montagem da cena do caleidoscópio, trazendo nova luz ao fenômeno espontaneidade, vivido nas relações grupais.

Aqui, quem monta a cena é protagonista e ao mesmo tempo ego-auxiliar: - do grupo, com uma indagação a ser trabalhada;
- do membro do grupo que se comunica através do pé balançante.

A direção poderia ter jogado o foco nesse pé... Encaminhar uma expressão dramática dessa comunicação velada. Teríamos então, um psicodrama clássico, com protagonização no "como se". Mas, seria esse membro do grupo, o protagonista? Estaria em condições de protagonizar desse modo, nesse momento?

A prontidão (aquecimento) do membro do grupo que traz a imagem do caleidoscópio, encaminha o trabalho noutra direção. Este assume um caráter sociodramático. A ação é dos sócios, na clarificação de uma indagação conceitual-existencial, que mobiliza a todos.

O foco está centrado na exploração da relação do HOMEM com o que está ao redor - com o ser... e menos no trabalho que colocaria a questão a partir do eigenwelt - relação do dasein consigo mesmo, de um participante.

O grupo repõe o foco, através do membro do grupo que traz a imagem do caleidoscópio, em umwelt - relação do dasein com o que está ao redor e em - mitwelt - relação entre daseins.

O trabalho traz a marca de um contrato que se firma como grupo de aprendizagem, onde cabe a protagonização centrada no papel que se busca desenvolver - no caso o papel de educador-psicodramatista. "O pé balançante" poderia estar abrangendo aspectos mais amplos e mais íntimos. Dado o potencial terapêutico do psicodrama clássico - com protagonização no "como se" - supõe

criação de *continente grupal* (o espaço psicológico de acolhimento ao desvelar-se profundo de um membro do grupo) - e quanto a isto, o grupo se mostra a caminho.

Concordamos com a leitura da direção (pag. 131 do protocolo, parágrafo 39) considerando o membro do grupo que traz a imagem do caleidoscópio, como suporte do possível protagonista. Espontaneidade aliada a tele, ao co-consciente e co-inconsciente grupal.

A condição de "*suporte*" se explicita a seguir: na vivência de "*soltura*" - o campo relaxado que permite o insight e a ação espontânea - a possibilidade da produção da imagem do caleidoscópio, a partir da fala da protagonista: "*É de fato o assunto era bem uma questão minha, me lembro de ter feito referência a níveis de percepção, segundo diferentes esquemas significativos que elegemos...*"

E a fala da protagonista/ego-auxiliar: "*É foi isso que você disse que me fez lembrar do caleidoscópio, dependendo do seu movimento enxergamos de um jeito ou de outro.*"

Complementariedade identificada. Encontro educativo psicodramático se desvelando na construção conjunta do saber e de ser.

No que se segue, a direção se assumindo como coordenação do grupo de aprendizagem, pontua o encaminhamento dos trabalhos, na linha do processamento do último encontro e propõe que ao invés de se levantar mais material, possam discutir alguns pontos "*que pudessem ajudar no processo de nosso trabalho*",

pontos que " - *são frutos de minha elaboração, mas a partir de tudo o que vivemos*"...

Apresenta três aspectos essencialmente:

A . Retoma as considerações já feitas que contrastam definir e se relacionar.

B . Aqui, se reflete sobre a questão dos parâmetros entre nós e a realidade, parâmetros estes, "*tirados*" no decorrer da sessão, " - *como se tivéssemos ficado livres de qualquer limite.*"

A direção considera então, alguns dos limites a partir dos quais nos relacionamos com a "*realidade*" : "*...Os corporais, de sentimentos, de cabeça, de história, de status e outros*".

A enunciação que vem a seguir evidencia a postura fenomenológica-existencial do psicodramatista:

" - *E é a partir da percepção desses limites que vamos poder nos relacionar com a realidade e não negando esses limites. Nessa questão entra toda a postura do educador, os valores assumidos, o distanciamento da ciência...*"

O buscar explicitar a partir de que parâmetros a percepção se constrói, nas situações concretas de existência, fala de um pressuposto assumido, que é o ver situado - traz o *dasein* enquanto ser-no-mundo-com-o-outro, capaz de mundaneidade, o sendo com sentido num nexó de significatividade que pode vir a ser desvelado, re-descoberto, abrindo-se a novos modos de ser.

Advém, nos parágrafos que se seguem, considerações acerca do sentido do objeto intermediário - recurso de expressão dramática, mobilizador do pensar simbólico, em sua essência, como

pudemos ver no 1º encontro (protocolo e compreensão hermenêutica).

Anteparo e facilitador da expressão? Como dar conta dessa contradição? O membro do grupo parece se referir à utilização dos objetos intermediários no 2º encontro: cadeira como caleidoscópio e objetos de "realidade" - casaco, cinzeiros etc.

Aí a cadeira - signo, adquiriu dois sentidos simbólicos - o 1º, o caleidoscópio; o 2º, qualquer anteparo intermediador da percepção.

A questão é recolocada ao se considerar: *"...não vejo o objeto intermediário como um anteparo mas sim como um suporte facilitador para estimular a expressão. Ele não se coloca entre eu e a realidade, me impedindo de ver. Mas sim como veículo através do qual eu posso ver melhor."*

O psicodramatizar nos coloca diante da riqueza simbólica do ver, na perspectiva do sendo-no-mundo, do dasein. E este vai se percebendo como construtor de mundos.

É para onde nos remete o item C.

C . Nesse item, são tecidas considerações acerca do psicodrama como instrumento: *"... nos permite detectar os anteparos que nos distanciam da realidade, os preconceitos que nos impedem de ver mais claro. Amplia portanto o nosso campo de visão."*

Há um outro núcleo ideativo presente nesse item, sintetizado na fala da direção:

" - O único dono do tema é o protagonista".

A partir desse ponto de referência, cabe ao grupo e aos coordenadores, estar a serviço dele para que:

"... explicitando seus sentimentos, fantasias e dúvidas, todo seu mundo interior, sua cultura, ele possa perceber melhor, atuar mais livremente e se relacionar".

Poderíamos complementar: recuperar sua espontaneidade.

O estar a serviço, como postura, encaminha o modo de ser-aí-com, onde não cabem interpretações prévias como verdades absolutas, "condutoras", no sentido de se mostrar coisas ao protagonista, abrindo um fosso nas relações de poder. Seria o anti-psicodrama:

- O diretor - o que sabe, o que conduz.
- O grupo o que julga.
- O protagonista, entregue, à mercê de ambos.

Modelo autoritário, que se distancia do projeto Moreniano. A luz deste, explicitando o estar a serviço, podemos conceber o exercício do poder, como poder ser:

- O diretor - levanta possibilidades a serem investigadas, a partir do se fazer presença do protagonista.
- O grupo - de onde emerge o protagonista, é potencial de egos-auxiliares, e se abre ao compartilhar.
- O protagonista - o que primeiro agoniza, se des-vela enquanto mundo, trabalha sua "abertura" a novas possibilidades de ser, no se expressar.

Embora possamos questionar a força de expressão utilizada nas palavras da direção: "... o caminhar às cegas do dire-

tor", podemos também com ela recuperar o sentido de que o caminhar é do protagonista.

Toda sensibilidade da direção é posta a serviço para o reencontro, à luz de novas possibilidades, com a "*realidade vivida*" pelo protagonista. O reencontro se dá com seu próprio mundo.

Finalizando o encontro, esse grande compartilhar, a direção traz o poema de Fernando Pessoa. Mais uma vez, fala a poiesis, na aproximação do pensar o ser, no palco do mundo, no tablado da História.

Silêncio...

Beleza, privilégio, sossego, vida, sensação, pessoa...

Palavras que fecham a sessão e reabrem para cada um, seu próprio ser.

Desenvolvimento do papel do Educador

Sessão dirigida e relatada por Maria Alice Vassimon

Décimo Encontro: 30/10/84

O grupo retomou a sessão anterior que parecia estar longe. Algumas pessoas que não puderam comparecer mostraram vontade de saber o que tinha acontecido.

-- Passei os olhos sobre o texto que foi distribuído fiquei morrendo de inveja de não estar aqui, mas foi realmente impossível. Até um certo momento pensei que poderia sair da outra reunião e vir mas quando percebi que não ia dar resolvi não ficar dividida e continuar minha reunião. Gostaria de saber o que é que aconteceu.

-- Quem quiser conta como foi.

-- Trabalhamos a nossa relação com duas facetas nossas: a faceta de seriedade e a faceta da fantasia. A luta entre essas facetas, a nossa busca de integração e depois o uso que fazemos de uma e de outra.

-- Para mim foi muito interessante convivi muito com a minha faceta de seriedade o que me foi muito útil nesse período. Estou alugando um apartamento e o meu lado sério me ajudou muito apesar de eu ter dado um "tchauzinho" no final da sessão para ele. O rapaz da imobiliária gostou daqui da casa. Achou tudo muito limpo. E com ele usei bem o meu lado senhora fina, séria, educada, foi ótimo.

-- É interessante, para mim foi exatamente o contrário. Tenho deixado de lado o meu lado "sério" e estou soltando o lado fantasia, lodo jogo, brincadeira tem sido ótimo.

-- E para os outros como foi o trabalho da quinzena passada? O que elaboraram a partir do vivido aqui? E para você como foi?

-- Por que é que você está me perguntando diretamente?

-- Eu estou te perguntando porque você me disse na sessão passada que tudo tinha te tocado muito.

-- Lembra, aquela estátua da "estreita" te angustiou muito.

-- É de fato, me senti muito tocada. É que estou vivendo uma situação na escola onde trabalho, onde o meu espaço é tão estreito quanto esse. Estou muito aflita. A diretora é uma pessoa tremenda. Não dá para ter uma relação profissional madura. Ela realmente pisa nas pessoas, cutuca aquele ponto específico para machucar. Eu tenho vivido tantas situações aflitivas que vocês não podem imaginar. Eu estava aquele dia, muito aflita, pois ela me pediu para fazer uma avaliação com os alunos sobre a escola, os professores. Conversei com você que me abriu os olhos, "veja o que você vai entregar por escrito". Depois falei com você que me abriu os olhos mais ainda. Resolvi fazer uma avaliação da escola toda, da organização, da direção, dos professores, colegas, etc.

E é interessante, percebi como os alunos não são bobos. Peguei uns questionários onde os alunos não tinham se colocado,

perguntei por que, eles me responderam: -- "Você acha que dá para dizer o que se pensa nessa escola ?!"

Tenho que aprender a me proteger. Já passei tantas coisas lá. Preciso contar para vocês, a última que me aconteceu. Tinha uma aula vaga no magistério e eu fui para substituir, os alunos já estavam meio cheios, pois era a terceira aula sem professor. Resolvi então a partir desse descontentamento fazer uma avaliação. Após a avaliação tive uma conversa com a diretora, com o objetivo de contribuir para um aprofundamento do magistério. Muitos pontos colocados pelos alunos, valiam a pena serem discutidos. A diretora me pediu que colocasse esses pontos no papel. Escrevi e assinei, como assinaria de novo. Sabem o que a diretora fez? Entregou o papel para a coordenadora do magistério, que o entregou para uma professora, que foi até a sala de aula tomar satisfação dos alunos.

Aonde fica a ética profissional desse pessoal? A minha avaliação foi feita num momento de orientação. Como falar com os alunos, tomando satisfação e como fica a minha relação com eles?!

Fiquei uma fera. Comecei a perceber o problema, porque um dos professores veio brigar comigo, a respeito dessa avaliação: Como é que eu fazia uma coisa dessa com eles. Não tive dúvida chamei todos os alunos na minha sala e fui clara, disse o que tinha se passado.

Resolvi abrir o jogo com eles, porque os prezo muito. Quando fui falar com a diretora, ela saiu com evasivas, passou o papel para a coordenação e ela é que foi imprudente. Não tem solução aquilo lá, é uma loucura. Estou lá porque preciso.

-- Não estou acreditando em tudo o que estou ouvindo?!
Deve ser terrível trabalhar lá.

-- É já não disse para vocês ?!

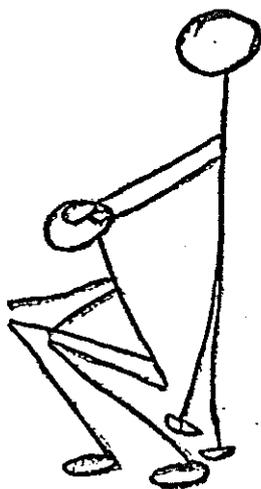
-- Ela entregou material de orientação dessa forma ?

-- Penso que poderíamos trabalhar tudo isso que você nos trouxe. Você gostaria ?

-- Eu gostaria, se o grupo quiser, gostaria.

-- Então vem cá, faz uma imagem de como você se sente diante de tudo isso que você nos contou que você vive lá, e mais de uma série de coisas que você não disse.

A protagonista fez um gesto com o pé, de apagar e esmi-
galhar o cigarro e disse: é isso aí. Pedi que me colocasse essa
relação numa estátua:



Colocou uma pessoa de pé,
pressionando a cabeça de outra
que estava agachada sem e-
quilíbrio.

A pressão era forte.

A protagonista viveu os dois
papéis e ficou muito tempo no
papel de pessoa pressionada
sem se movimentar.

Numa posição de aceitação.

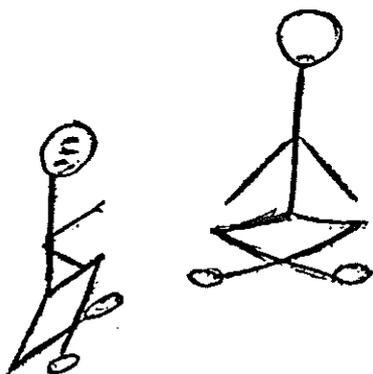
Perguntei à protagonista que situação concreta a lem-
braria esse sentimento vivido na estátua anterior.

Uma conversa com a diretora, sobre qualquer assunto da escola. Encenamos essa conversa.

A protagonista chamou algumas pessoas para serem a diretora.

As pessoas se recusaram. Não dava para ser essa mulher.

Um dos membros do grupo, aceitou e se realizou a conversa na sala da diretora.



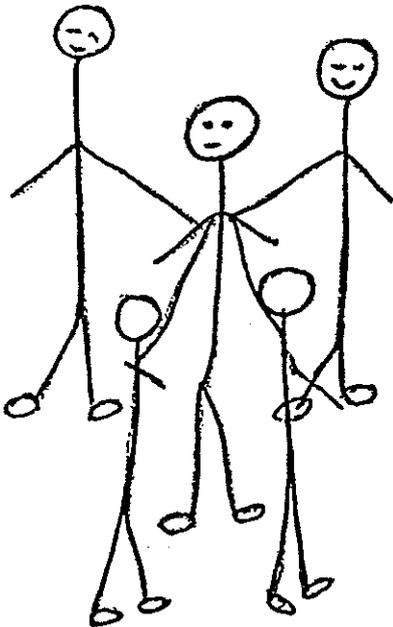
Esta, com uma postura de cobrança invasiva, perguntou sobre o trabalho: - como estava, parecia não muito bem, com algum problema e a orientadora numa posição defensiva, dando respostas mais para se livrar da conversa do que propriamente para estabelecer um diálogo.

No meio da conversa, a protagonista sorriu. Cortei a cena e pedi um solilóquio. "Era exatamente assim que se passava o encontro com a diretora; ela tentando saber de tudo, invasiva, insistente e eu sem saber o que dizer, perdida".

Pedi à protagonista, depois de encerrar essa cena que colocasse no tablado com objetos concretos facetas do seu papel profissional. A Protagonista olhou os objetos na sala, pensou,

andou um pouco e acabou dizendo que não conseguia. Pedi então que me fizesse uma estátua do seu papel profissional.

A Protagonista colocou uma pessoa no centro que era ela profissional e várias pessoas em volta:



Nas suas costas a diretora e os alunos. Na frente os pais e professores com os quais ela trabalha.

Essas quatro pessoas, a pedido da protagonista puxavam-na cada uma pro seu lado. Essa dinâmica se estabeleceu durante um tempo, até que a protagonista a interrompeu e saiu do circuito.

Estava difícil, cansativo. Não dava para continuar vivendo aquilo.

Pedi então que a protagonista encenasse uma conversa com a diretora, oferecendo uma profissional orientadora que era ela. A protagonista assumiu o papel de uma das técnicas da escola e foi oferecer a profissional conhecida. Já de início a protagonista disse à diretora que a nova orientadora era recém formada, competente, porém recém formada, e durante toda a conversa não conseguiu valorizar-se o necessário para que fosse empregada.

Perguntei à protagonista se podia pedir-lhe mais um trabalho, ela disse que sim.

Insisti que colocasse no tablado com objetos concretos, suas características como profissional. Que profissional era ela. A protagonista, devagar, foi pegando as almofadas, se ajoelhou no tablado, mas não conseguiu. Começou a chorar, estava muito difícil. Me aproximei dela e junto, conversando, fui colocando no tablado as características que iam aparecendo na conversa.

No tablado foi surgindo uma série de almofadas que aos poucos, a protagonista ia mexendo e colocando numa escala de proximidade com relação a si mesma: sua capacidade de trabalhar com os alunos, de escutá-los. Seu trabalho com os professores, devagar, a serviço deles, ouvindo o que tinham a dizer.

As entrevistas com os pais novos, na escola, faziam parte de seu papel de coordenação. São momentos agradáveis, onde se pode receber os alunos e introduzi-los numa escola muitas vezes maior do que a de onde eles vêm.

-- Tem mais coisa, o que está me vindo agora é isso, mas diante da diretora nem isso sou capaz de ver.

-- Você se lembra, em outros momentos de vida, ter sentido esse tipo de coisa, e diante de quem ?

-- Claro e até sei; diante de minha mãe que não me dá espaço até hoje. Eu fico assim nesse branco. Incapaz de perceber o que é meu, o que estou sentindo.

-- Você gostaria que as pessoas que viveram tudo isso conosco, falassem o que sentiram para você?

-- Gostaria.

-- *Prá mim, que fiz a primeira imagem, pressionando a sua cabeça, fiquei impressionada de ver como você aguentou a pressão. E eu apertei forte, como você fez, quando eu estava no seu papel.*

-- *Eu como diretora, te senti logo de cara, na defensiva. Sabe, prá louco, louco e meio; é importante você soltar a cachorrada de vez em quando. Dá um limite prá ela.*

-- *Não, não é assim, ela pode perder o emprego, a mulher é dona da escola.*

-- *Você precisa do emprego ?*

-- *É, por isso que eu aguento trabalhar com ela.*

-- *Mas, sabe, às vezes pensamos que temos que aguentar porque não vamos achar outro emprego. Mas não é bem assim. Você já experimentou mandar seu curriculum para outros lugares ? De repente pode pintar alguma coisa.*

-- *É.*

-- *Prá mim, tudo isso foi muito importante. Você se tocou com o meu trabalho e o seu me prendeu muito.*

-- *Mas, sabe, a gente, às vezes, tem que entrar de sola. Comigo aconteceu coisa semelhante num cartório onde eu trabalhava. Um dia me deu a louca, eu virei o cartório todo e soltei toda a cachorrada no advogado. Foi ótimo, acabei conseguindo o que queria. Sinto você muito na defensiva.*

-- *Percebo que está muito difícil para você, tomar na tua mão, o teu papel profissional, diante dessa diretora. Na primeira estátua, realmente te senti com pouca reação. Você se colo-*

cou de cócoras, numa posição muito incômoda e aguentou durante bastante tempo a pressão. Por que ?

Na conversa com a diretora, você se colocou muito pouco, parecia que ela ia te acuando, à medida que a conversa prosseguia.

E afinal ela não te disse tanta coisa assim.

Não havia na cena tanto motivo para se defender. Depois, quando te pedi para fazer uma imagem de teu papel profissional, ele apareceu com muitos referenciais externos que o puxavam, eram os papéis com que você deveria ser relacionar. Mas, ele, o que continha, independente desses outros papéis ? Não ficou claro. No momento em que você foi apresentar a "tua colega" para trabalhar na escola, você o fez de tal maneira, que eu pessoalmente não a contrataria.

-- Eu também não.

-- Você de cara, falou que ela era recém formada, achei que já não ia dar.

-- Não havia necessidade de dizer que ela é recém formada.

-- Foi difícil, mas no final, você conseguiu colocar algumas das facetas do seu papel profissional. Sei muito bem que há muitas outras a serem colocadas. Seria importante você recuperar tudo isso, sobretudo para se relacionar com a diretora dessa escola. Não dá para você deixá-la nas suas costas, como fez na imagem do seu papel profissional.

Dar as costas, é estar muito à mercê da pessoa e nesse caso você pode menos ainda.

Você também está colocando nessa relação, uma história e sentimentos de outra relação que não tem nada a ver com ela. Isso te impede de estar disponível e agir diante da diretora.

Pense que com tudo isso, vai dar para você elaborar e fluir de forma mais satisfatória para você e o teu trabalho. Você está bem ?

-- Tô, foi bom. Vou pensar nisso tudo. É muita coisa, mas foi bom.

Décimo Encontro: Vários encontros depois...

Uma protagonização.

A ponte entre o último encontro e esse novo encontro, vai se fazendo a partir da retomada entre os que estiveram ausentes e os que o vivenciaram.

No relatar o vivido, vai se dando o aquecimento, o clima de proximidade se instalando.

O drama do ausente que resolve o conflito, recuperando sua integridade ao se fazer presente onde está. O sentimento de "inveja" ao passar os olhos no texto. A representação do vivido por meio de palavras e imagens que aproximam palidamente a densidade da experiência direta. No solicitar: "*Gostaria de saber o que é que aconteceu*", mostra-se o desejo de compartilhar a riqueza do experienciado em vivências e descobertas.

Ocorrera em forma de jogo simbólico, um prenúncio de protagonização no encontro anterior, aqui não relatado por razões já expostas. O grupo vai trazendo o acontecimento como seu:

"- Trabalhamos a nossa relação com duas facetas nossas: a faceta de seriedade e a faceta de fantasia. A luta entre essas facetas, a nossa busca de integração e depois o uso que fazemos de uma e de outra".

O sentido de "*seriedade*" e "*fantasia*" se elucida nas falas que vêm a seguir. O membro do grupo que trouxera a questão desencadeadora do trabalho, presentifica a repercussão em seu cotidiano... Enquanto cidadã que aluga um apartamento, vai



mostrar-se no seu lado "*seriedade*" -" a *senhora fina, séria e educada*" nos traz circunspeção (?)

Para outra participante, o oposto:

"- *Tenho deixado de lado o meu lado "sério" e estou soltando o lado fantasia, lado jogo, brincadeira...*" Nos traz o lúdico, a ludicidade.

Para ambas o recuperar da espontaneidade, um fluir revitalizado em res-exponete - o respondendo por si mesmo na articulação entre a vivência do papel social e o papel psicodramático - este último, como um novo habitar na brecha entre o real e o imaginário.

A experiência tocara de forma particular uma participante, possibilitando um entrar em contato com sua angústia, na vivência do seu papel profissional e a direção se faz ponte, passagem, como agente facilitador. Traz um dado do compartilhar anterior:

"- *Lembra aquela estátua da "estreita", te angustiou muito*".

Estamos diante do que primeiro agoniza - o proto-agonista:

"- *É de fato, me senti muito tocada. É que estou vivendo uma situação na escola onde trabalho, onde o meu espaço é tão estreito quanto esse. Estou muito aflita ...*"

O aquecimento específico vai tendo lugar, com a longa fala que se segue.

As cenas vividas no cotidiano profissional da protagonista vão se tornando o centro das atenções de todo o grupo.

O contexto da Instituição Escola vai se desvelando na sua teia relacional (teia sociométrica), à luz da percepção da protagonista - abertura que no dizer heideggeriano se ancora num encontrar-se, num compreender, num falar, equiprimordiais e que nos permitem adentrar seu mundo.

A fala vai nos trazendo um encontrar-se "aflitivo" palavra seguidamente repetida, que se estende a um compreender as situações também como aflitivas, no contracenar com a diretora da Escola, percebida como "pessoa tremenda", com quem "não dá para ter uma relação profissional madura", "pisa nas pessoas", "cutuca aquele ponto específico para machucar".

No desdobramento da fala, vamos nos inteirando de onde emerge tal percepção. Como se coloca a complementariedade de papéis, face a tarefa solicitada e que é experienciada como aflitiva - AVALIAR, nas díades:

Orientadora - direção
 " - alunos
 " - professores
 " - coordenação
 Direção - "
 Coordenação - professores

"-- *Eu estava aquele dia muito aflita, pois ela me pediu para fazer uma avaliação com os alunos sobre a escola, os professores...*"

Contato anterior com a diretora do encontro já havia ocorrido:

"-- Conversei com você que me abriu os olhos: veja o que você vai entregar por escrito. Depois, falei com você que me abriu os olhos mais ainda. Resolvi fazer uma avaliação da escola toda, da organização, da direção, dos professores, colegas etc."

A tarefa é assumida, tendo em vista toda a organização escolar, focando os diferentes membros do trabalho educacional. Não aparecem as especificações acerca dos procedimentos escolhidos, fica em aberto o papel de cada um, no para quê, no como e com quem avaliar.

Continuemos a adentrar em seu relato emocionado.

Surge a percepção acerca dos alunos - fonte de dados - a partir da aplicação de questionários. Estes entram no Cenário Perceptual, confirmando seus temores:

"--É interessante, percebi como os alunos não são bobos. Peguei uns questionários onde os alunos não tinham se colocado, perguntei por que, eles me responderam: 'Você acha que dá para dizer o que se pensa nessa escola?!' "

O clima emocional da Instituição vai se nos afigurando como persecutório, ameaçador, agora sob a convalidação perceptual dos alunos.

Como re-ação, o modo de ser defensivo:

"-- Tenho que aprender a me proteger..."

Enquanto platéia, somos chamados a adentrar em mais uma sequência de cenas relatadas, onde o comprometido jogo inter-relacional vai se explicitando. Surge a falta de clareza dos papéis de cada um. Desacerto de expectativas...

-- A aula vaga dos alunos do magistério. O ocupar o espaço como uma oportunidade para "avaliar".

-- A devolutiva dos dados com a direção que pede um documento, frisando o objetivo: "*contribuir para um aprofundamento do magistério*".

-- Em seguida a sequência de ações dos outros-complementares, gerando profunda indignação na protagonista: O ato bem intencionado de avaliar, assumido como possibilidade de aprofundamento de reflexão, per-vertido:

-- "*... a diretora (fez) entregou o papel para a coordenadora do magistério que o entregou para uma professora que foi até a sala de aula, tomar satisfação dos alunos*".

Na sequência da des-comunicação, uma professora vem brigar com a orientadora. É quando se inteira de como a mensagem foi passada, a quem, em que termos, ferindo a ética. Falatório, ambigüidade, modos do ser-com em impropriedade no ser um contra o outro... Perdera-se o sentido de solicitude. Desencontro...

Drama... Como o que causa espanto... Indignação...

O esforço de se re-situar:

-- Com os alunos - "*Não tive dúvida, chamei todos os alunos na minha sala e fui clara, disse o que tinha se passado*".

Não vai até os alunos - o espaço do outro e dos outros - a sala de aula. Chama-os para seu espaço. Vai fazendo sentido o quanto a imagem da "*estreiteza*" com a qual se identificara na sessão anterior, a expressava. Constrição no espaço físico e psicológico. A vivência da espacialidade no ter sido tocada pela angústia.

-- Com a direção - "*Quando fui falar com a diretora, ela saiu com evasivas, passou o papel para a coordenação e ela é que foi imprudente...*"

Esperar o que, de quem, com que objetivo? Choque de expectativas na complementariedade de papéis...

O grupo expressa nas falas que se seguem, seu adentramento no clima emocional - a protagonista é reconhecida como tal - o espaço para a ação psicodramática se abre, consultada a protagonista, consultado o grupo.

-- "*Então vem cá, faz uma imagem de como você se sente diante de tudo isso que você nos contou...*"

No "vem cá", o mover-se no espaço. A saída do contexto grupal para o contexto psicodramático. Na corporeidade, a fonte de expressão. A protagonista vai habitar sua angústia ao modo da AÇÃO DRAMÁTICA.

Todo o aquecimento específico iniciado com o relato e que culmina nesse "vem cá", flui em expressividade na imagem do esmagar o cigarro com o pé. Estamos diante do reagir impulsivo. A pesquisa tendo em vista o resgate da espontaneidade, prossegue.

"... *Pedi que me colocasse essa relação numa estátua*".

A imagem da agachada, tendo a cabeça pressionada, nos passa opressão.

Com a inversão de papel, a direção pontua o "muito tempo" que a protagonista fica na posição, em atitude de aceitação.

Em seguida, a passagem para o nível concreto: a dramatização. A ponte para a cena se faz, com a pergunta da direção:

--... "que situação concreta a lembraria esse sentimento vivido na estátua anterior".

A resposta vem em seguida:

-- "Uma conversa com a diretora sobre qualquer assunto da Escola".

Vai se pre-sentificar, no contexto psicodramático, o drama relacional.

O grupo se mostra profundamente envolvido na perspectiva da protagonista. Custa a emergir, o ego auxiliar, para viver o papel da diretora (*):

-- "Não dá para ser essa mulher" ...

Finalmente alguém se dispõe a jogar o papel da diretora da escola, transcendendo o envolvimento imediato.

O relato pontua o clima emocional em que transcorre a conversa. O "encontrar-se" de cada interlocutora.

-- "Essa (a diretora) com uma postura de cobrança invasiva".

-- "... a orientadora numa posição defensiva dando respostas mais para se livrar da conversa do que propriamente para estabelecer um diálogo".

A atencividade da direção, capta a expressão não verbal "sorriso". Espaço para a solicitação do solilóquio.

(*) É importante lembrar que sendo todos psicodramatistas e pela própria proposta de trabalho, o papel do ego auxiliar fica em aberto, sujeito à escolha do protagonista, ou emergindo espontaneamente.

Este vem, na direção de um re-conhecer o vivido:

-- "*Era exatamente assim que se passava o encontro com a diretora ela tentando saber de tudo, invasiva, insistente e eu sem saber o que dizer, perdida*".

A direção psicodramática encerra a cena e faz outra solicitação:

-- "*que colocasse no tablado com objetos concretos, facetas de seu papel profissional*".

Ante a dificuldade da protagonista, a consígnia é modificada:

-- "*Pedi então que me fizesse uma estátua do seu papel profissional*".

Retomar a linguagem corporal encontra ressonância na protagonista... A ação dramática vai se desenrolar em outro plano - o nível simbólico, com imagens corporais - e num outro foco: a pesquisa das dimensões presentes no exercício do papel profissional.

A mudança de foco e de técnica, tem a ver com a *tele* da direção que possivelmente captou o quanto estava cristalizada a percepção da protagonista.

No trabalho psicodramático, a percepção do protagonista é que se apresenta para ser trabalhada e a pesquisa então foca o seu mundo.

Retomemos a estátua do papel profissional da protagonista.

Ela no centro, pessoas em volta.

Nas costas a diretora e os alunos.

Na frente, os pais e professores.

Cada um, puxando-a para o seu lado, segundo a consígnia dada. A própria protagonista interrompe a dinâmica: "-- *Estava difícil, cansativo, não dava para continuar vivendo aquilo*".

Mais uma vez aparece o ser invadida.

A seguir, haverá um corte, a direção proporá a montagem de outra cena.

Inúmeras possibilidades se abrem na colocação de uma "*lente de aumento*" que favorece o encontro do psicodramatizando com as re-presentações internas de suas relações.

Mas estamos num campo onde o caminho é dado pela *tele* diretor-protagonista e o primeiro elege um trabalho de ação dramática que vai se passar num outro nível do imaginário -- "*Pedi então à protagonista que encenasse uma conversa com a diretora da escola oferecendo uma profissional orientadora que era ela*".

O relato se torna mais conciso e pontua:

- O ser recém - formada (ênfatizado) embora competente.
- O não conseguir valorizar-se o necessário para ser empregada.

Salta à vista que o auto-conceito da protagonista enquanto profissional revela subestima. Isso não é pontuado. A direção busca o assentimento da protagonista para mais um trabalho.

Parte-se para a solicitação de uma expressão dramática final.

-- "*Insisti que colocasse no tablado com objetos concretos suas características como profissional. Que profissional era ela*".

A linguagem solicitada, volta a ser a dos objetos concretos. Objetos intermediários que possibilitem a exteriorização de modos de relação.

--"A protagonista, devagar, foi pegando as almofadas se ajoelhou no tablado mas não conseguiu. Começou a chorar. Estava muito difícil".

Aconchego humano, na aproximação da direção... mas manutenção da proposta. E a partir dela a direção como ego auxiliar, vai colocando no tablado, as características (almofadas) que vão aparecendo na conversa.

A protagonista vai mexendo e colocando numa escala de aproximação em relação a si mesma. Podemos visualizar a retomada da imagem, em que ela estava no centro, cercada pelos seus complementares, puxada por todos ao mesmo tempo. Aparece:

- sua capacidade de trabalhar com os alunos, de escutá-los.

- seu trabalho com os professores, devagar, a serviço deles, ouvindo o que tinham a dizer.

- as entrevistas com os pais novos.

Ocorre o "*habitar*" cada área de sua atuação. Tem sentido de reparação, de revalorização, mas... a protagonista volta a se referir à direção da Escola:

--"Tem mais coisa, o que está me vindo agora é isso, mas diante da direção nem isso sou capaz de ver".

Ponderação do que foi se clareando. A figura da direção funciona como anteparo para ver-se a si mesma e valorizar sua atuação.

A direção psicodramática ainda pede um aprofundamento da reflexão:

-- *"Você se lembra em outros momentos de vida ter sentido esse tipo de coisa e diante de quem?"*

Busca em outros papéis o mesmo modo de se colocar.

A resposta da protagonista é inequívoca:

--*"Claro e até sei, diante de minha mãe que não me dá espaço até hoje. Eu fico assim nesse branco. Incapaz de perceber o que é meu, o que estou sentindo".*

Espaço aberto para novos trabalhos... quem sabe num contrato terapêutico.

A direção psicodramática abre o compartilhar para todo o grupo.

As pontuações vão surgindo, recuperando os dados de várias expressões dramáticas trabalhadas:

- o tempo que aguentou a pressão na cabeça na imagem da agachada.

- o ser percebida na defensiva, contracenando com a diretora. A importância de *"soltar a cachorrada"*. *"Dar um limite para ela"*.

- o conflito: submeter-se e permanecer no emprego X ousar e correr o risco de perdê-lo. Pode valer a pena.

- o grupo insiste em pontuar a postura que *"aguenta a pressão"* e se põe na defensiva. -- *"Afinal a (diretora) não te disse tanta coisa assim"*.

- a imagem do papel profissional, preso a referenciais externos.

- A apresentação da "colega" para trabalhar não a valorizava de modo algum. Ninguém a contrataria.

- No final a fala da direção do encontro, valorizando o ter conseguido se aproximar de algumas das facetas do papel profissional. Atitude fundamental para conseguir se relacionar com essa diretora. -- "*Não dá para deixá-la nas suas costas*"...

Fica pontuada a importância de se lidar de modo mais ativo com a situação. Não ignorar, nem fugir.

Finalmente a consideração do peso de outra história e sentimentos de outra relação (a mãe) contaminando a percepção.

-- "*Isto te impede de estar disponível e agir diante da diretora*".

Muito a resgatar, para elaborar e fluir de modo mais integrado e espontâneo.

O último cuidado -- "*Você está bem ?* "

-- "*Tô, foi bom. Vou pensar nisso tudo. É muita coisa, mas foi bom*".

Reencontro consigo mesma...

O descortinar de outras possibilidades...

Retomemos...

O encontro anterior abre o espaço para o surgimento da protagonista. A imagem da "*estreita*", surgida em outro contexto a remete para um experienciar sua espacialidade pessoal - social no LOCUS ESCOLA como algo "*aflitivo*".

Sua situacionalidade, o fenomênico, existenciário, drama - ex-põe sua condição de dasein, que guarda alguma compreensão de seu ser em relação a; compreensão que aparece no encontrar-se

doloroso em que pesa o ser-com, ser pro-jectante tolhido. Vivência da existencialidade - abertura mas também facticidade - tolhimento, onde decai, onde se experiencia enquanto queda; vista à luz de possibilidades limitadas, cristalizadas no avaliar persecutório e não no avaliar ser-vir, seu propósito. O dispor-se a encarar a angústia, habitá-la ao modo psicodramático; poderá abrir a possibilidade de lidar com sua percepção, recolocando-se na proximidade de si mesma, reencontrando-se com sua verdade existencial - des-velamento - o fenomenológico, o meta-drama; o pré-ontológico temático, enquanto ser de possibilidades, ao se colocar como foco de avaliação. Resgate do ser-aí com.

No encontrar-se ao modo da angústia - peculiar experienciar-se, enquanto mundo de afetos, a passagem...

- Na imagem da esmagada na ponta de cigarro

- Na estátua da agachada com a cabeça pressionada

- Na conversa com a diretora em forma de dramatização concreta. Aí já aparece o ser com ao modo da fuga...

- No retorno ao nível simbólico, face aos seus papéis complementares - dimensões presentes no exercício do papel profissional.

- No difícil resgate de suas características profissionais (almofadas). Sentido de reparação.

- No salto em que se vê desafiada na lida com a autoridade - diretora/mãe.

- Nas devolutivas do grupo que se solidariza, mas coloca outras possibilidades na lida com o que se dá.

Da pré-ocupação, à solicitude - em relação a si mesma. Espacialidade e Temporalidade ressignificadas... nenhuma solução pronta à mão... mas toda a disponibilidade para a re-solução possível - possíveis...

Situação de insight dramático no dizer psicodramático. Catarse de integração no devolvido para si mesmo.

Patamar de um novo compreender.

CENA 3 - Do que nos diz o compreender que re-une

Na condição de quem está em relação (BEZUG), con-vocada em sua essência (acontecer) no trazer uma mensagem, habitamos o círculo hermenêutico onde prevalece a relação entre mensagem e o caminho do portador da mensagem.

"O portador da mensagem deve já provir da mensagem. Mas por sua vez deve ter ido até ela". (3)

Adentramos essa meditação, situando-nos na região do psicodramático, reconhecendo-nos como educadora/educanda, tendo familiaridade com o educativo no caminho do psicodrama. Enquanto via para que Educação se dê, nele apontamos um peculiar trans-

(3) Martin HEIDEGGER, De um diálogo acerca del Habla in De camino al habla, p. 136.

cender e o vamos reconhecendo como um lugar que re-une drama e meta-drama num novo compreender, um aprender.

E o que nos diz aprender, empenho em que se pro-jeta o educador, como aquele que cuida em tarefa intencional (em estado de decisão) para que educação se dê ?

Num pensamento originário que des-vela o essencial, onde no aprender se vê:

... "Aprender quer dizer: vir-a-ser sabedor (wissend werden) - sabedor, em latim é qui vidit, alguém que tem visto algo, que o tem tomado em sua visão e que nunca mais o perde de vista. Aprender significa: chegar a tal visão. Implica que a alcancemos, quer dizer, num caminho, através de um percurso. Aprender significa: submeter-se a experiência do percurso (ERFAHEN)". (4)

Na tradução inglesa o último trecho da citação, sobre o aprender, nos fala: pôr-se a si mesmo numa jornada (num percurso), experienciar.

E o que nos fala experienciar ?

(4) Martin HEIDEGGER, La palabra, in De camino al habla, p. 281. Idem, Words, in the Way To Language, p. 143.

"Fazer um experiência com algo - seja uma coisa, um ser humano, um deus - significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos perturba e nos transforma. Quando falamos de "fazer" uma experiência, isto não significa precisamente que nós a façamos acontecer; fazer significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, na medida em que nos submetemos a ela. Algo se faz, advém, tem lugar". (5)

Nesse fazer que nos acontece ao nos pôr num caminho que des-vela, não reconhecemos o "DRAMA-AÇÃO" Moreniana ?

"Fazer uma experiência significa alcançar algo caminhando em um caminho. Fazer uma experiência com algo significa que aquilo mesmo até onde chegamos caminhando para alcançá-lo nos demanda (belangt), nos toca e nos requer de tal

(5) Martin HEIDEGGER, La Essencia del Habla (I) in De camino al habla, p. 143.

modo que nos transforma em direção a si mesmo". (6)

A ação (DRAMA) que se dá no psicodramatizar, não é então qualquer fazer.

Enquanto acontecer, que advém, é também um mostrar que tem por trás um DIZER (não só um falar) quando as coisas, e o homem em sua corporeidade - no gesto que "*gesta*" a palavra, se traz no que se tematiza enquanto conhecer.

O DIZER se ampara em EREIGNIS (acontecimento - apropriação) que é *dizente* e remete ao fazer próprio (autêntico) - fundado no ser verdadeiro do ser-aí, que põe em liberdade a verdade do que dá que pensar, mesmo por movimentos aproximativos, mesmo com o risco da errância (proveniente da facticidade, decaída e finitude do dasein - re-tratamento do ser) no que se desvela.

"Aprender-experienciar" se coloca então, no que regionaliza a palavra "*educativo*" num fazer próprio do Educando e do Educador ao modo do psicodrama.

Com tal "*aprender*" pudemos nos re-aproximar do sentido das sessões - encontro, onde nossa meta se colocara num conhecer como modo de ser. A partir daí:

- re-encontrar alguns existenciais do ser-aí, no seu movimento de ex-por-se ao cuidado, na via do acontecimento educa-

(6) Martin HEIDEGGER, La Essencia del Habla (I) in De camino al habla, p. 159.

tivo psicodramático.

- re-visitar alguns conceitos e fundamentos do método (caminho psicodramático)

- re-colher o mostrar-se da Educação do Educador, neste caminho, vendo como se apropria de um pensar-ação.

Perspectivas estas, que se encontram na busca do homem como ator-espontâneo-criador Moreniano.

E como ele surge? Num prévio armar calculador sob o domínio da técnica, no arrazoamento da GESTELL da pretensão cientificista? Colocamos essa preocupação no segundo ATO, como um perigo sempre à espreita do homem contemporâneo, arrastado por um agir mecanicista que salta sobre os entes para dominá-los e por eles se deixa dominar...

Até vimos esse modo de ser no tablado, espaço cênico. Na luta e na disputa em de-caída de si mesmo. Mas também o vimos acolher a voz da consciência que chama e con-clama, re-encontrando seu poder ser mais autêntico, mais próprio, re-encontrando-se.

E na postura do Educador-Diretor do próprio grupo - também ele "agente educativo" ?

Re-conhecemos um caminhar em disponibilidade, dando-se num co-responder ao que todos afeta, toca e dessa relação, surge o que fazer, abre-se o caminho, de tema e "técnica". Acolhendo a angústia, o incômodo, o que dá que pensar, resgata-se espontaneidade-criatividade. Podemos entendê-la então como um modo de ser onde o ser-aí ganha um co-responder à sua verdade e à verdade do que surge para ser tematizado. Funda-se sobre a possibilidade



de ser verdadeiro do ser-aí, que des-vela, em busca de um fazer próprio (EIGNEN) que recolhe o que se dá.

Lida-se com o que tenciona e oprime (na vizinhança da angústia) e resgata-se sensibilidade. Espaço para o pensar meditativo - o homem como pastor do ser.

Mas, o mundo da Educação em sua cotidianeidade não se mostra num prévio armar aplainador em que o "agir resolutivo", em decisão é apenas um encobrir ?

- Diagnósticos, prazos, Currículos e Programação, objetivos, conteúdos, estratégias, avaliação - não estão sempre premidos por um temporalizar e um espacializar do "todo mundo-ninguém" do mundo institucional ? Educação não tem se reduzido à mercadoria, bem de consumo, um "útil à mão" ?

Reconhecemo-nos diante de pelo menos duas ordens de questões:

- sendo educadores, como temos nos relacionado com os "úteis", o instrumental, que tem regionalizado a praxis profissional do Educador ? Como temos habitado seus fundamentos ?

- sendo educadores, como temos nos relacionado com o fenômeno da Educação enquanto acontecer da cidadania e também para a cidadania ? Como temos nos relacionado com nossas condições e principalmente com a falta delas, no horizonte de uma cultura (compreendida como modos de ser) ?

Retomemos a consideração que fizemos sobre Educação no início do trabalho, apontando para o âmbito em que ocorre: a relação de cada um com a sua cultura, a cultura do grupo em que

está inserindo e a cultura como um todo, mediada pelo educador e sua solicitude.

Busquemos um esclarecer:

"A ação educacional é uma ação, é um fazer que em si mesmo não é ciência. A educação não é uma ciência como "teoria do real", ela é a ação de arrancar de.... conduzindo para...

Como esta educação encontra-se imersa, contudo no modo de ser da modernidade, na cultura da modernidade, ela tende a desenvolver-se através da mentalidade própria desta era - a da objetividade e da subjetividade dominadora. Desta forma, ela tende a compreender-se enquanto ação, como norteada e vivida pela essência mesma da ciência moderna". (7)

"Enquanto a ação de arrancar uma cultura do inautêntico para o seu autêntico vir-a-ser, a educação libertadora tem um caminho bastante próprio. Sua tarefa é a de "prover" uma cultura para a possibi-

(7) Dulce M. CRITELLI, Educação e Dominação Cultural, p. 85.

lidade de estar entregue à sua própria responsabilidade de ser si mesma, enquanto vir-a-ser suas próprias possibilidades de ser". (8)

Considerando que o "*cultivo*" da cultura advém de um relacionar-se do ser-aí, consigo mesmo e com o outro, nos âmbitos interpessoal, grupal e institucional que se funda no ser-aí-com, em seu ser descobridor, re-encontramo-nos com o surgido no terceiro Ato - a possibilidade de que Educador e Educando cheguem à própria palavra.

Chegar à própria palavra, nos re-envia à uma relação com o saber em que um mundo comum se abre - mediante a solicitude do educador, em seu procurar por - onde a tarefa de conhecer é assumida como modo de ser, indo além da cisão tradicional entre sujeito e objeto. Vemos nas sessões-encontro um apontar para esse caminho.

Educação libertadora, chama para um pôr em liberdade os entes; para o se ex-pôr do ser-aí em co-respondencia com o que se dá (o ser dos entes), sempre em situação, no horizonte de sua temporalidade. Liberando seu poder ser.

(8) Dulce M. CRITELLI, Educação e Dominação Cultural, p. 86/87.

Aí, a sala de aula é tomada como espaço da cultura - espaço de "*cultivo*" de modos de ser, desafio para o Educador, sempre educando, repensar seu mundo, sua "*ciência*", sua tekhné.

No per-curso criado em conjunto na situação psicodramática, um e outro, Educador e Educando, readquirem o status de investigador, no dizer Moreniano.

- Abrem-se possibilidades novas para um se relacionar com a ciência e para a produção das ciências da educação.

- Abrem-se possibilidades novas para o ser político, na construção conjunta (direção e grupo) do caminho do aprender-experienciar.

No apelo do que cabe ser pensado, tematizado, o acontecimento educativo psicodramático remete para um vir-a-ser em autenticidade do Educador, do educando e da própria cultura, seu material de trabalho. Em modos de ser para Heidegger, em papéis para Moreno.

Aproximamo-nos assim, de mais uma das questões levantadas: O alcance e destino do acontecimento educativo psicodramático para o MUNDO da Educação do nosso tempo.

Estamos diante da possibilidade de um revitalizar a cultura, a partir do poder ser espontâneo-criativo desse relacionar-se. Sensível ao que chega e está disponível à compreensão - a palavra de Heidegger para praxis - em nossa historicidade.

Tendo no horizonte os dois movimentos básicos em que se move o ser-aí em sua existencialidade: o de perder-se na inautenticidade, na impropriedade do todo mundo-ninguém, ou de ganhar-se

na autenticidade, no projetar-se em resolução, abrimos um caminho para a ressignificação do social - âmbito que se apresenta no relacionar-se do Educador e do Educando com o saber em que se expressa uma cultura.

No dizer Moreniano, o dar-se do social se recolhe em seu status nascendi (estado de crescimento) em um locus (o lugar - o da de dasein) onde falam atores e situação (e não organismo e ambiente), na trama do jogo de papéis que se articulam em uma matriz de relações.

Vamos nos colocando face ao que porta em sentido e alcance, uma proposta de desenvolvimento de papéis - onde desenvolver, fala em aprender-experienciar na lida com conceitos, no jogo de papéis, no desvelar da trama das relações grupais, em busca do homem ator-espontâneo-criador.

Alinhamos em vários momentos do trabalho, papéis e modos de ser, entrecruzando os discursos dos dois autores.

Apropriamo-nos do sentido de modos de ser quando trabalhamos ao final do terceiro ATO, quem é o ser-aí, na cena 3: Em solicitude com Heidegger. Aí vimos que este ente a quem cabe todo o perguntar, se importa com seu ser, tem de dar conta de ser. Está sempre lançado num modo de ser em relação ao qual guarda alguma compreensão.

E o que dizer sobre papéis? Este trabalho é ainda um preparar-se para entrar em contato mais profundo com a obra Moreniana num re-visitatar seus conceitos "científicos".

Na perspectiva de um preparar-se, vamos nos dando conta que o papel regionaliza um fáctico estar lançado em direção a...

no absorvido do ir se ocupando dos entes e sendo absorvido por eles. Mas, se coloca como espaço de um mostrar-se de cada um em sua situacionalidade (a cenas-situação de seu existir) de seu ser em relação a... e de um mostrar-se em modos de ser da cultura.

Procedente do teatro, o conceito de papel que inicialmente se referia aos rolos em que estavam escritos os dramas, vai passar a designar os personagens que representavam os mesmos, ganhando em nossos dias, alcance expressivo em nossas "ciências humanas". (9)

Moreno, reivindica pelo menos a co-paternidade do deslocamento do conceito do mundo da arte, para o mundo da ciência.

Este des-locar se faz visível, juntamente com sua passagem existencial do teatro Espontâneo para o teatro terapêutico. Merecerá atenção contínua e desdobramentos teóricos em toda sua obra, inclusive como ponte entre a exploração filosófica sobre o "EU" intangível dos filósofos e os cientistas do comportamento (dentre os quais Moreno vai passando a se reconhecer).

Ouçamos suas palavras:

"No decurso da pesquisa psicodramática, tem sido freqüentemente postulado que o papel é o mais importante fator indivi-

(9) Eugênio G. MARTIN. O papel, in J. L. Moreno: Psicologia do Encontro, p. 211-213.

dual na determinação da atmosfera cultural da personalidade. Os aspectos tangíveis do que é conhecido como 'ego' são os papéis em que este opera... Consideramos os papéis e as relações entre os papéis como o mais importante produto dentro de qualquer cultura específica".

(10)

Pela via dos papéis, penetramos uma cultura e pelo aprender-experienciar de seu desempenho espontâneo-criativo, a cultivamos, cultivando-nos nela e com ela, num mais autêntico poder ser - a busca da "Verdade" no psicodrama - acentada na possibilidade de ser verdadeiro do ser-aí. Via para a qual apontam as sessões encontro.

Estamos de volta à fala da Educadora Protagonista que enquanto Pesquisadora, busca se apropriar do lugar do que se tem feito tema: o acontecimento educativo psicodramático.

Numa aproximação diagramática, reunimos alguns fundamentos para o desdobrar-se da ação do Educador Psicodramatista. Como uma Matriz Hermenêutica, nela re-colhemos para onde aponta a caminhada deste nosso aprender-experienciar em direção ao dar-se

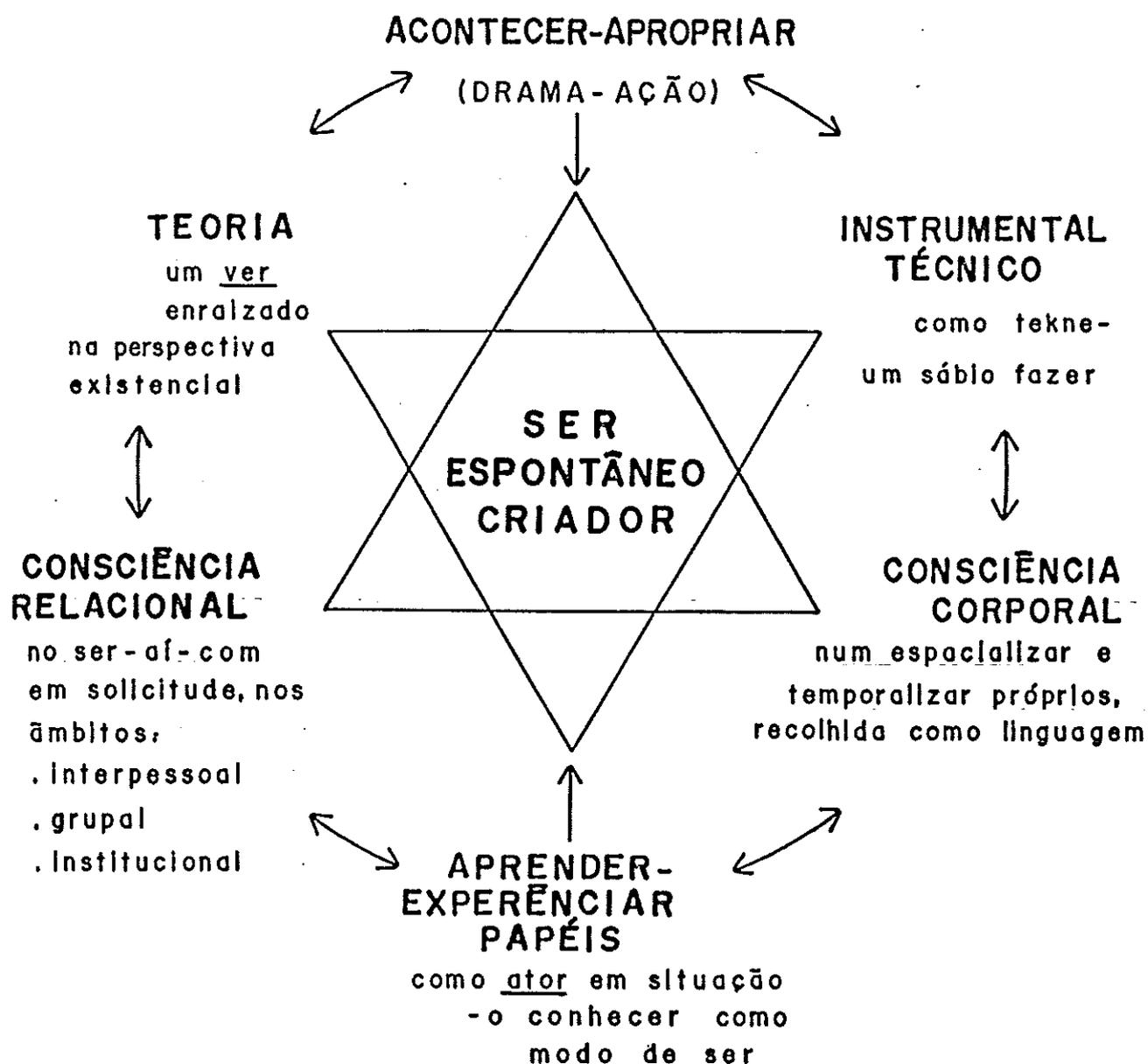
(10) Jacob L. MORENO, Psicodrama, p. 214.

do acontecimento educativo psicodramático, assumido como Proje-
tar-se em solicitude.

Busca-se um regionalizar, em conjunto, do Mundo da Edu-
cação e do Mundo do Psicodrama, à luz de um pensar-ação que
guarda a lembrança do ser.

MATRIZ HERMENÊUTICA

Aproximação ao fenômeno - acontecimento educativo
psicodramático



O diagrama abre-se a várias leituras e en-caminha para um aprofundamento da reflexão sobre nossa praxis profissional enquanto psicodramatista, bem como para um re-visitar a obra Moreniana.

A estrela que traz no centro o eixo norteador da proposta de Moreno - ser espontâneo-criativo, marca em cada ponta um desdobramento articulado em dois triângulos, possibilitando um re-unir tais desdobramentos em várias direções a partir do centro.

Tentemos uma possibilidade:

Num triângulo assinalamos:

- ACONTECER - APROPRIAR (DRAMA - AÇÃO) que nos re-envia para EREIGNIS - possibilidade de pensar o que se apresenta e seu apresentar - SER - enquanto DES-VELAMENTO.

- CONSCIENCIA RELACIONAL - no ser-aí-com em solicitude nos âmbitos inter-pessoal, grupal e institucional.

- CONSCIENCIA CORPORAL - num espacializar e temporalizar próprios, recolhida como linguagem.

Vemos regionalizado o dar-se da condição humana enquanto ek-sistencia aberta ao apresentar.

Em outro triângulo pontuamos:

- TEORIA PSICODRAMATICA - um ver enraizado na perspectiva existencial que se desdobra do filosófico, ao "*científico*".

- APRENDER - ESPERIENCIAR PAPÉIS, como ator em situação onde o conhecer abre-se como modos de ser em direção ao poder ser mais próprio.

- INSTRUMENTAL TÉCNICO - visto e operado como tekhné - um sábio fazer.

Aí regionalizam-se o conceitual, da via psicodramática (num *ver* e num *fazer*) e do âmbito da cultura que se presentifica nos papéis que se vai trabalhar. A teoria - um ver, contém em si um modo de lidar com os conceitos que chama para o experienciar: abre um mundo, e a instrumentação técnica é facilitadora da passagem.

CENA 4 - Do lugar originário de onde fala Moreno acerca do homem como ator, espontâneo-criador

O Moreno que pensa e escreve é o homem que vive em profundo compromisso com o lugar no Cosmos (11) que vê para a humanidade - para cada homem e para si mesmo:

-- O assumir seu status ontológico enquanto ser ator e autor, espontâneo-criador.

Moreno, uma existência em autenticidade, no dizer Heideggeriano, que adentrando a "*angústia*" enquanto busca de senti-

(11) Segundo Aurélio BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA, Novo Dicionário da Língua Portuguesa, p. 489.
Cosmo: do grego KOSMOS, o UNIVERSO, MACROCOSMO. Tendo como elemento comparativo "*MUNDO*"
Cósmico: do grego KOSMIKOS, do latim COSMICU, pertencente ou relativo ao universo.

do, se pro-jecta em solicitude e responde para si e para a humanidade, com vida e obra marcadas pela busca da integração no pensar, sentir e expressar. Vive sua antropologia. O conceito aqui tem o sentido de uma tematização da condição humana enraizada na CULTURA enquanto modo de ser humano. As conservas culturais (toda a produção material e simbólica), se de um lado facilitam a sobrevivência, por outro, funcionam como prisões, asfixiando-nos em condutas rígidas e estereotipadas. Sobrepassando-as, Moreno vai propor sua Revolução Criadora: a recuperação da Espontaneidade-Criatividade.

Seu pensamento, abre-se para uma dimensão do Homem relegada pela ciência moderna, mas tratada por poetas e filósofos, por aqueles que se avizinham da questão do SER e de ser - a dimensão Cósmica. Vemos aí, a abertura onde falamos o que se apresenta e o apresentar mesmo (Ser) - as raízes do homem em sua relação com o Ser. O designar a experiência de sua existencialidade - seu transcender.

Apontando para a dimensão Cósmica, MORENO indica o destino daquele que se vê como co-responsável, por todas as manifestações de vida em contínuo fluir. Assume o "zelo" concreto em "estado de resolução", de "de-cisão".

Constrói seus textos pari-passo a suas descobertas existenciais e co-existenciais em que o viver profissional enquanto médico-educador-terapeuta-pesquisador social - se coloca como cidadão do mundo, agente cósmico.

Nas suas próprias palavras:

"Marx via a situação do homem apenas como membro da sociedade, e considerava a luta dentro dessa sociedade como seu destino último. Freud via a posição do homem como a de um viajante entre o nascimento e a morte. O resto do universo não entrava em consideração. A tarefa de nosso século é reencontrar uma posição para o homem no universo.

O homem é um ser cósmico; é mais do que um ser psicológico, biológico e natural. Pela limitação da responsabilidade do homem aos domínios psicológicos, sociais ou biológicos da vida, faz-se dele um banido.

Ou ele é também responsável por todo o universo, por todas as formas do ser e por todos os valores, ou sua responsabilidade não significa absolutamente nada. A existência do universo é importante, é realmente a única existência significativa; é mais importante que a vida e a morte do homem como indivíduo, como tipo de civilização, como espécie. Depois da "vontade de viver" de Schopenhauer, a

"vontade de poder" de Nietzsche, a "vontade de valer" de Weininger, eu partilho a "vontade do valor supremo" que todos os seres pressentem e que os une a todos. Daí coloquei a hipótese de que o Cosmos em devir é a primeira e última existência e o valor supremo. Apenas ele pode atribuir sentido a vida de qualquer partícula do universo seja o homem ou um protozoário. A ciência e os métodos experimentais, se têm pretensão a serem verdadeiros, precisam ser aplicáveis a teoria do Cosmo". (12)

A nosso ver essa fala, reflete em sua originalidade a visada Moreniana e abre o horizonte para compreendermos o sentido da concepção de homem enquanto ator, espontâneo-criador. Referência articuladora que juntamente com o fenômeno tele (sua contrapartida relacional), estrutura sua cosmovisão numa abordagem psico-social: O homem em relação, tramado na sua CULTURA mediante a vivência de papéis.

A obra de onde se extrai tal citação faz parte do último momento criativo do autor em questão, elaborada em 1959. Moreno está nos Estados Unidos, com 70 anos.

(12) Jacob L. MORENO, Psicoterapia de GRUPO e Psicodrama, 21/22.

Busquemos a referência da situacionalidade histórica, acompanhando o quadro a seguir; baseamo-nos para elaborá-lo, na estruturação da trajetória de Moreno em quatro grandes momentos criativos, conforme o apresentado por Camila S. Gonçalves, José Roberto Wolff e Wilson Castello de Almeida. (13)

(13) Camila GONÇALVES e outros, Lições de Psicodrama - Introdução ao Pensamento de J. L. Moreno, Cap. 3, 35/39.

REFERÊNCIAS	1. RELIGIOSO E FILOSÓFICO ATÉ 1924 - VIENA	2. TEATRAL E TERAPÊUTICO 1921 A 1924 - VIENA	3. SOCIOLOGICO E GRUPAL 1925 A 1941 - EIA	4. ORGANIZAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO 1942 - 1974 - EIA
TEMA PREDOMINANTE	AS FILOSOFIAS DA EXISTÊNCIA INFLUÊNCIAS DO HASSIDISMO (MOVIMENTO RELIGIOSO DO JUDAÍSMO (SEC XVIII) KIERKEGAARD E BERGSON	O TEATRO ESPONTÂNEO COMO MODO DE RESIGNIFICAR A CULTURA	A PREOCUPAÇÃO COM O SOCIAL E COM A DINÂMICA DOS GRUPOS	ARTICULAÇÃO E ESTRUTURAÇÃO DE SUAS IDÉIAS COMO MÉTODO DE PSICOTERAPIA - BUSCA DO RECONHECIMENTO DA COMUNIDADE CIENTÍFICA
CRIAÇÃO	O SEINISHO (CIÊNCIA VIVENCIAL DO SER)	O PSICODRAMA 1/4/1921	PSICOTERAPIA DE GRUPO (1931) SOCIOMETRIA (1932)	SOCIONOMIA
ATIVIDADES	- TEATRO DAS CRIANÇAS (1911) - ENCENAÇÕES DE ESTÓRIAS INFAN- TIS NOS JARDINS DE VIENA (1910-1914) - TRABALHO COM PROSTITUÍDAS (1913-1914) - ASSISTÊNCIA A REFUGIADOS DE GUERRA (1915-1917)	EXPERIÊNCIAS TEATRAIS - TEATRO DA ESPONTANEIDADE (1921) - TEATRO TERAPÊUTICO (1923)	- TRABALHO COM DELINQUENTES JOVENS NA COMUNIDADE DE HUDSON (1932) - CONSTRUÇÃO DO TEATRO TERAPÊUTICO EM BERGON (1936) - LIGA-SE ÀS UNIVERSIDADES DE COLUMBIA E DE NOVA YORK	- FUNDAÇÃO DO MORENO INSTITUTE (1942) - FUNDAÇÃO DO THE AMERICAN SOCIETY OF GROUP PSYCHOTHERAPY AND PSYCHODRAMA (1942) - CRIAÇÃO DO DEPARTAMENTO DE PSICOTERAPIA DE GRUPO NA ASSOCIAÇÃO PSIQUIÁTRICA AMERICANA (1951)
PUBLICAÇÕES	- POEMA "CONVITE AO ENCONTRO" (1914) - REVISTA DAIMON (1917-1919) - LIVRO: DAS TESTAMENT DES WATERS (1920) - EM ESPANHOL: LAS PALABRAS DEL PADRE	LIVRO: O TEATRO DA ESPONTANEIDADE (1923)	- DIRIGE O IMPROMPTU (1931) - FUNDA A SOCIONETRY (1937) - LIVRO: WHO SHALL SURVIVE? (1934) - EM ESPANHOL: FUNDAMENTOS DA SOCIOMETRIA	LIVROS: PSICODRAMA (1946) - PSICOTERAPIA DE GRUPO E PSICODRAMA (1959) - FUNDAMENTOS DO PSICODRAMA (1959)
IDÉIAS CENTRAIS	- PERPLEXIDADE COM A GUERRA MUNDIAL. - SÃO INSUPERÁVEIS SER E CONHE- CER. - VIVE O EXISTIR HERÓICO QUE PROPÕE NA FILOSOFIA DO SEINIS- MO COM SEU GRUPO DE REFERÊN- CIA. - VIVER MOMENTO A MOMENTO A A INCLUSÃO NO SER. - VIVER A BORDA FRATERAL. - LANÇAR IDÉIAS CHAVES: • ESPONTANEIDADE/CRATIVIDADE • CONSERVAS CULTURAIS • MOMENTO / SITUAÇÃO	- COMEÇA A ESTRUTURAR SUA PROPOSTA DE CRIATURGIA X DRAMATURGIA TRADICIONAL - EVOLUI O TEATRO ESPONTÂNEO PARA A DESCOBERTA DO PSICODRAMA - O TEATRO TERAPÊUTICO / PEDAGÓGICO ONDE O ATOR PROTAGONISTA SE TRAZ COMO AUTOR NO RESGATE DA ESPONTANEIDADE / CRATIVIDADE	DO CHOQUE CULTURAL CAUSADO PELA HERANÇA EXISTENCIAL, E O QUE ENCONTRA NOS E.U.A. (BEHAVIORISMO - POSITIVISMO ESTATÍSTICO) NASCE A SOCIONE- TRIA COM 3 PONTOS DE REFERÊNCIA: SOCIOUS - O COMPANHEIRO METRUM - A MEDIDA DRAMA - AÇÃO - PROPOSTA DA REVOLUÇÃO CRIADORA FUNDADA NA ESPONTANEIDADE / CRATIVIDADE.	SISTEMATIZA SEU PENSAMENTO SOB O TÍTULO GERAL DE SOCIONOMIA REAFIRMANDO SUA ABORDAGEM DO HOMEM ESTUDADO ENQUANTO SOCIUS (SER EM RELAÇÃO) - SUBDIVIDINDO-SE EM: SOCIODINÂMICA - ROLE PLAYING SOCIOETRIA - TESTE SOCIOMÉTRICO SOCIOATRIA - PSICOTERAPIA DE GRUPO PSICODRAMA E SOCIOGRAMA - PROPOSTA QUE EM EDUCAÇÃO TENHA APLICAÇÃO PROFILÁTICA E PEDAGÓGICA - BUSCA A CONVALIDAÇÃO DO MÉTODO FENOMENOLÓGICO - EXISTENCIAL COM O PSICODRAMA

Se Ser e Tempo é uma obra basilar de Heidegger, à luz da qual acompanhamos sua analítica do *dasein*, e se constitui numa chave essencial para a compreensão da co-pertença *dasein* e Ser, sempre retomada e desenvolvida nas obras posteriores, em Moreno, a perspectiva do homem enquanto ator espontâneo-criador se estende por todas as obras e é o fundamento que sustenta todo seu pensamento. O lugar privilegiado para a compreensão do entrelaçamento entre COSMOS em devir e Espontaneidade-Criatividade - é sua primeira obra: LAS PALAVRAS DEL PADRE onde sua Cosmóvisão se esboça e os principais alicerces da sua construção conceitual são lançados.

Obra polêmica, escrita com fervor profético onde faz o exercício da "imaginação teológica" - possibilidade aberta a todos os homens e a cada um. Aqui é Deus quem se manifesta em POIESIS, enquanto Criador, e convoca cada homem a se assumir como parte de Si: chispa (centelha de criatividade).

Demos a palavra ao jovem Moreno:

"... As Palavras do Pai são apresentadas de modo que as distingue de todas as outras mensagens conhecidas de Deus. Aqui se diz: "Eu, teu Deus", não "Tu, meu Pai" e "Eu", não "Ele, o Pai". Deus mesmo, não somente fala, mas aparece atuando, criando, mandando e julgando. Deus está presente. Ele cria seu próprio universo. Ele permanece em comu-

nicação direta com cada átomo do universo. Ele está aqui presente e diz 'Eu'".

(14)

"... O universo é uma criação em contínuo desenvolvimento e cada novo indivíduo que nasce cria - junto com Deus - o mundo por vir. Portanto, o mundo que o homem encontra em seu nascimento é um mundo que milhões de seres companheiros têm ajudado Deus a criar". (15)

"A essência de nossa existência é uma fome de criar - não no sentido intelectual, mas como uma força dinâmica, uma corrente de criatividade - A quintessência desta chispa de criatividade é Deus". (16)

"Deus é espontaneidade.... Por isso o mandamento será: Sê espontâneo!". (17)

E na tecitura da co-pertença: homem e Deus, no movimen-

(14) Jacob L. MORENO, *Las Palabras del Padre*, p. 16.

(15) *Ibid.* p. 18.

(16) *Ibid.* p. 19.

(17) *Ibid.* p. 24.

to ininterrupto de CRIAR, falam e calam AS PALAVRAS DO PAI:

"Que seria de ti

Se Eu não existisse?

Que seria de MIM

Se tu não existisse?" (18)

O pensamento Moreniano vai se desdobrando da vivência mística (Religião do Encontro - O re-ligar-se "cósmico") para o revolucionário sócio-cultural do Teatro Espontâneo ("*Religião*" dramática - O re-ligar-se mediante a ação espontânea-criativa) até o terapêutico-educacional do Psicodrama/Sociodrama, consolidando-se como pesquisador psico-social. Trajetória que perpassa várias regiões ontológicas (manifestações do Ser): a Religião, a Arte, a Terapêutica-Educacional e a Pesquisa Científica.

Nesse desdobrar-se, "*Deus e o Universo em criação*" vão se constituir no espaço de referência para compreendermos "COSMOS" e "dimensão COSMICA" do homem, expressões que passam a integrar o discurso Moreniano, já na sua segunda obra: O Teatro da Espontaneidade.

Na fala de Moreno a seguir, vêm em sequência, as dimensões "COSMICA" e "*espiritual*" dentre as já mencionadas. Nas obras que se seguem até onde pudemos pesquisar permanece a dimensão cósmica. Nomeariam o mesmo?

(18) Jacob L. MORENO, Las Palabras del Padre, p. 127.

Acompanhemos Moreno, partilhando a sua passagem existencial onde o homem que se abre à investigação científica, habita o espaço fenomenológico da co-pertença dasein e ser.

"Quando vi reduzida a cinzas a soberba casa do homem, na que havia trabalhado por cerca de dez mil anos para conferir-lhe a solidez e o esplendor da civilização ocidental, o único resíduo carregado de promessas que descobri entre as cinzas foi o "espontâneo-criador". Vi essa brasa ardendo no fundo de cada dimensão da natureza, a cósmica, a espiritual, a cultural, a social, a psicológica, a biológica e a sexual: vi-a formando em cada esfera um núcleo do qual podia surgir uma nova onda de inspiração. Mas em vez de cair em uma orgia de admiração ante a nova descoberta - como ocorreu no passado a milhares de outros que perceberam o mesmo e que consideraram o espontâneo criador como um dom irracional da natureza, como algo místico que uns possuem e outros não, em torno do qual se poderia erigir um culto - eu me senti inclinado a manejar o assunto com o mesmo desapego com que o cientista examina

um novo elemento. A diferença consistia em que nos procedimentos científicos normais, o novo elemento, o objeto de estudo, se encontra fora do cientista, não deve ser criado por ele. Enquanto que eu me encontrava ante uma dupla tarefa: criar, produzir primeiro o elemento dentro de mim mesmo; por assim dizer fazer realidade o assunto subjetivo-criativo em questão, para logo isolá-lo e investigá-lo. Pensei nos santos e profetas do passado que apareciam como os exemplos mais conspícuos de criatividade espontânea e me disse a mim mesmo "isto é o que deves produzir primeiro e tu mesmo deves encarná-lo". Comecei então a "aquecer" o estado de ânimo profético e os sentimentos heróicos, introduzindo-os em meus pensamentos, minhas emoções, gestos e ações; era espécie de investigação da espontaneidade no plano da realidade". (19)

Esse depoimento de Moreno nos reenvia à EREIGNIS - a-

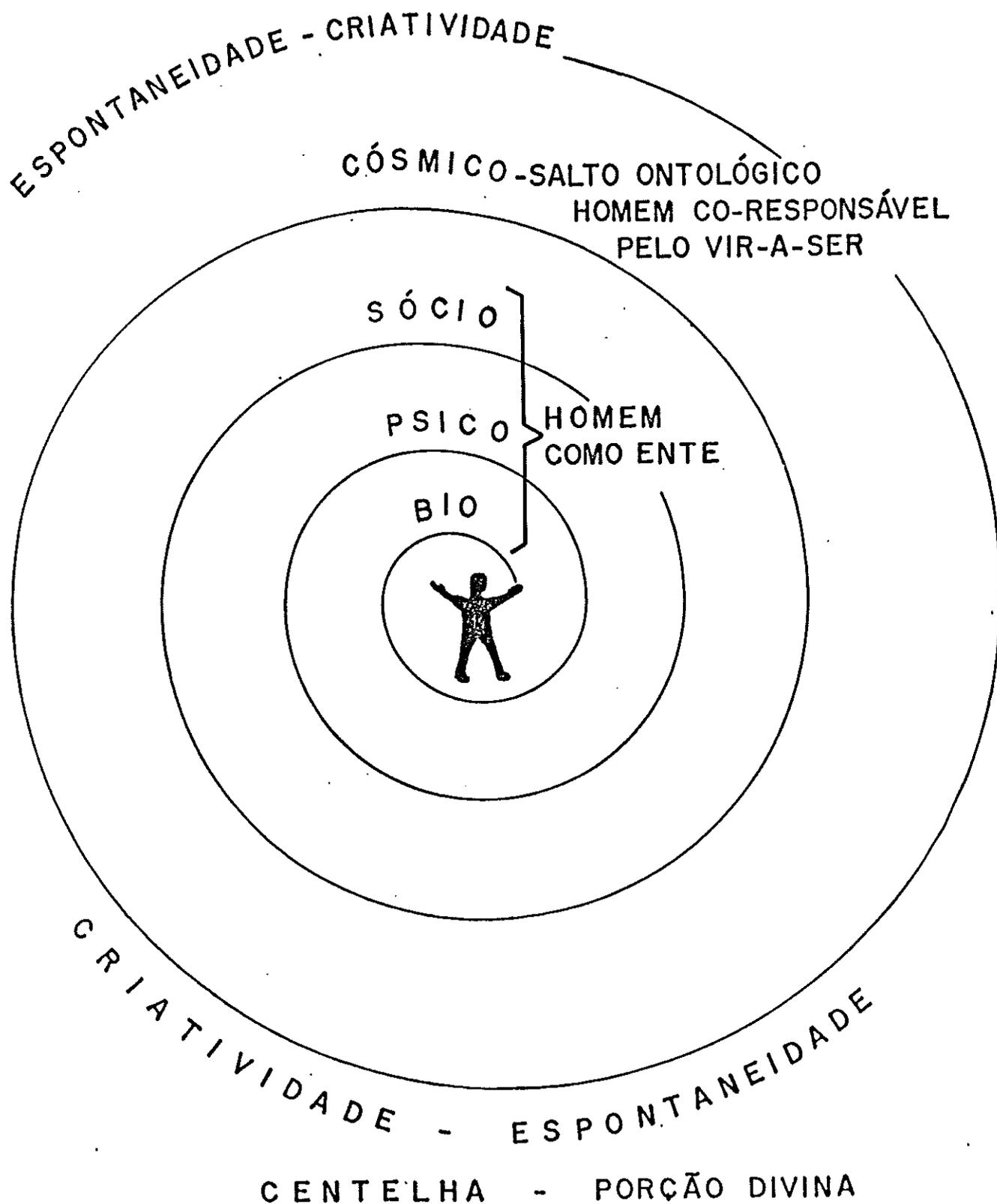
(19) Jacob, L. MORENO, El Teatro de la Espontaneidad, p. 29.

acontecimento - apropriação, espaço da co-pertença dasein- Ser, ao modo do investigador fenomenológico que no tematizar, constitui o fenômeno - Espontaneidade - criatividade - modo de se postar enquanto "abertura" no pre-s-entar (Ser).

Esponaneidade - Criatividade, falam do destino do homem como co-responsável por todo o Universo, sua transcendência que o move para além do esgotar-se como ente natural, bio-psico-social. Moreno em sua trajetória da região da imaginação teológica - onde experiencia o sagrado - para a praxis do terapeuta-pesquisador em que se aventura, abre a possibilidade para um reconhecer na dimensão COSMICA o modo de ser humano do salto ontológico - onde já habita Ser no seu ter que se ver às voltas com a questão de ser, do sentido, do seu destino.

"Filósofo" ator, Moreno pensa e faz a relação essencial do homem com o Ser como vontade do Valor Supremo: COSMOS em devir onde o homem se posta enquanto espontaneidade-criatividade. O homem que guarda sua condição de em meio aos entes, não perder-se neles, funcionando automaticamente em seus papéis sociais, preso às conservas culturais, mas disponível para a Revolução Criadora que começa em si, tornando fenômeno o que toca sua existência. Aberto à escuta do Ser que a ele con-voca e a todos os psicodramatistas, ao modo de ser espontâneo-criador.

" A TAREFA DO NOSSO SÉCULO É REENCONTRAR UMA POSIÇÃO PARA O HOMEM NO UNIVERSO", (MORENO)



Após surgir nomeado como "Vontade de viver", "Vontade de poder", "Vontade de valer", Moreno reafirma o Ser como "Vontade do Valor Supremo - que todos os seres pressentem e que os une a todos... o cosmos em de-vir"... Re-envia-nos ao caminho que conduz do mito aos PRÉ-SOCRATICOS.

Ouçamos a fala poética de quem apreendeu essa passagem:

"Ocasionado pelos deuses, o Cosmos, é narrado pela integração no ritmo cíclico de tudo que, repetindo o ato inaugural da criação, revive o momento primeiro em cada fato cotidiano, fundindo o eterno no transitório de um processo no qual a morte, enquanto retorno ao CAOS, restitui o ato inaugural de adentrar no que se furta para, novamente, vir-à-luz: desbrochar primaveril desde a origem.

A lei da inserção no devir re-trata também sua permanência: o destinar-se de uma medida de equilíbrio não transgredida no perpétuo fluir dos entes, o ordem reguladora dos contrários regida pelo impulso aguardado pelo surgir, enquanto passagem à não latên-



cia". (20)

Não vamos reconhecendo aí o espaço para pensar criatividade? Como o que nos devolve à origem do LOGUS que recolhe em cada fato cotidiano o ato inaugural da criação? Passagem do CAOS aos COSMOS...

Como pudemos ver na trajetória Moreniana, seu discurso se desloca do Filosófico à preocupação com o social.

Ouçamos novamente Moreno pronunciar-se sobre o destino do homem:

"O homem deve enfrentar seu destino e o destino do universo ao nível da criatividade e como criador. Não o alcança com tentar opor à situação ameaçadora um controle técnico (armas defensivas) ou um controle político (governo mundial). Aquilo que o homem deve considerar diretamente é ele mesmo, é a sociedade humana in statu nascendi"... (21)!"

Vemos o homem moreniano tramado no seu ser social, no seu tempo, na sua cultura.

(20) Thais C. BEAINI, A Memória, medida ontológica do Cosmos, pag. 11 (grifos nossos).

(21) Jacob L. MORENO, Fundamentos de la Sociometria, p. 416.

Não revolve o solo da árvore do pensamento (o lugar do SER) ao modo filosófico, mas atento ao modo como Ser se mostra e o convoca, aponta um nutriente essencial: a espontaneidade-criatividade-modo de ser em que o homem habita sua essência, comprometido em sua historicidade.

Homem - MICROCOSMO, ser em relação que no dar-se do social se percebe em *status nascendi* (estado de crescimento), abrindo-se para o *LOCUS* de seu ser situado em conexão com o planeta, a partir de sua *matriz cósmica*. Aberto ao MISTÉRIO DO SER.

Nesse caminhar que se apropria de onde espontaneidade-criatividade advém - a dimensão cósmica do homem - e esta o reenvia à sua experiência do Ser, fala o *momento*.

No dizer Moreniano:

"O momento é a abertura pela qual o homem passará em seu caminho". (22)

Aqui Ser e Tempo se entrecruzam. É no "aqui e agora" que espontaneidade-criatividade se instala para originar sentido e transformação.

Postar-se no *momento* - traz a disposição de habitar o que se dá no "aqui e agora" - sensibilidade - abertura que se articula num *compreender*, num *encontrar-se* e num *comunicar*. O COS-

(22) Jacob, L. MORENO, Psicodrama, p. 96.

MICO/SIMBOLICO, tem lugar. Falam de um espacializar e temporalizar próprios.

Na sua experiência com o conceito de COSMOS, no desdobrar do que ele designa, Moreno chega à articulação do COSMICO/SIMBOLICO, pela via do momento:

Vamos ouvi-lo:

"...podemos distinguir três fases na evolução do homem: 1) o aqui-agora do animal, 2) o animal criador de símbolos que transcende o aqui-agora e 3) a criatividade simbólica integrada ao aqui-agora concreto. Este novo homem pode ser chamado de "homem COSMICO"... (23)

A criatividade simbólica que aponta para tantos modos do DIZER - integrada ao aqui (LUGAR) e agora (momento) concretos, nos re-envia à relação entre Ser e linguagem, como o re-colher do ser verdadeiro do ser-aí em correspondência com o Ser.

Reencontramo-nos com os existenciais do Ser-aí.

O homem espontâneo-criativo, partilha do COSMOS em seu Ser. Faz-se responsável pelo VIR-A-SER e encontra no *momento* (o espacializar e temporalizar próprios) a possibilidade do DIZER.

(23) Jacob L. MORENO, Fundamentos do Psicodrama, p. 239.

QUINTO ATO

DO CAMPO DO ENCONTRO COMO O QUE EN-CAMINHA - UM COMPARTILHAR

CENA 1 - Da tentativa de pôr-se à escuta (em co-respondencia) com o apelo do caminho.

Adentramos essa meditação tendo no horizonte trazer à luz o acontecimento educativo psicodramático, reconhecendo-nos e reconhecendo-o em nossa condição existencial de educadora psicodramatista e como tal habitando o mundo da Educação e o mundo do Psicodrama.

Trazer à luz.

"Nós só podemos usar a mesma palavra, para dizer tanto um fenômeno externo, à luz do sol, como um fenômeno interno, à luz da razão, porque nem o sol está somente fora de nós nem a razão está exclusivamente dentro de nós e sim porque sempre e necessariamente existimos como ser-no-mundo". (1)

Lançados num nexo de significatividade (MUNDO), num sistema de referências historial, de ^{que} nós fala ser?

(1) Emmanuel CARNEIRO LEAO, O pensamento de Heidegger no Silêncio de Hoje, in Revista de Cultura Vozes, nº 4-1977, p. 288.

-- Na condição de ser educador psicodramatista

-- Num modo de fazer educação, abrindo espaço para um acontecimento se dar (Ser) - O encontro educativo no caminho do psicodrama.

Convidamos Heidegger, pensador no encaixo da questão do Ser e de Ser para caminhar conosco.

Reconhecendo-nos na utilização do sistema de referências criado por Moreno - instrumental e teoria - possibilitador de re-velação e apropriação do homem e da "realidade" que se sustenta num modo de relação com o Ser. Fizemos de Moreno também, um companheiro de caminhada.

Finalmente, acenamos com o trazer o pensar-ação do educador, psicodramatista. Educador-educando. Antecipávamos assim, algo do nosso experienciar o MUNDO DA EDUCAÇÃO e da própria Pesquisa - o aprender como fruto da relação com a cultura. Possibilidade aberta ao educador e ao educando na disponibilidade de lidar com a palavra como palavra-evento em que um mundo se abre em ATOS e CENAS.

Do mundo da Pesquisa, antecipávamos um habitar na proximidade de um interrogar onde pudesse se clarificar em mais profunda compreensão, o próprio perguntar e o perguntado.

Adentramos a pesquisa então, já lançando mão de fundamentos da situação psicodramática:

-- Trazendo seus instrumentos: vendo-nos num grupo de educadores psicodramatistas; como protagonista que traz seu perguntar; como diretora que zela para que o encontro se dê na direção de um pesquisar onde a ação é a produção do discurso (numa

mais profunda relação com a palavra); ocupando o tablado imaginário - espaço de des-velamento - víamos em Heidegger e Moreno, no que se presentificam através de suas obras, egos auxiliares.

-- Visualizando os contextos: o "como se" imaginário, o grupal e o social, em que se desdobra o ser-com de nosso ser-no-mundo, falando de nossa situacionalidade, na proximidade de.

-- Tendo presente as etapas: O aquecimento no que traziam de preparação os Atos iniciais, a ação, no desenvolvimento da pesquisa, inicialmente voltada só para a análise de sessões de psicodrama; o compartilhar, na visualização de uma retrospectiva.

Qual o sentido desse operar? A clarificação vai se fazendo após toda nossa trajetória: experienciar espontaneidade-criatividade na ação de pensar. Recolher o Ser no que dá que pensar. Uma intenção e uma atitude no se experienciar como abertura que habita o Ser. Habitar "psicodramaticamente" a relação com o que se dá no pesquisar. Mas se o interrogar é sobre o acontecimento educativo "psicodramático"? Assumimos o entrar no círculo Hermenêutico. Primeira aproximação, habitando o próprio marco conceitual que intencionávamos trazer à luz.

Mas não cometemos uma transgressão ao que se diz ser "o psicodramático"?

Pudemos nos re-apropriar de seu sentido em dois níveis:
- um empreender fático que se dá nas relações, na situação concreta de Educar pela via do psicodrama. - uma perspectiva, que fala de um ver e nos re-envia aos seus fundamentos fenomenológico-existenciais. Convida-nos à experiência do pensar, habitando nossas cenas "internas", con-vivendo com nossos personagens

"internos". Abrindo-nos ao imaginário, de onde as obras continuam a falar e podem revivificar o contexto social de onde provém.

Num e noutro nível, fala um compreender que não impõe, mas que re-vela.

Assim, o acontecimento educativo psicodramático pode se presentificar de três modos:

-- No TERCEIRO ATO - DO DRAMA, com a irrupção do drama imaginário da protagonista.

-- No QUARTO ATO - DO MOVIMENTO CIRCULAR: DRAMA e META-DRAMA onde nos debruçamos sobre as sessões-encontro.

-- No trabalho com um todo, reconhecido ele mesmo como aprender-experienciar: o que foi trazido à luz como o que regionaliza o "educativo" na via do psicodrama, trazendo a possibilidade de empreender o conhecer como modo de ser. Um reconhecer, abrindo MUNDO.

Façamos o resgate de nossa trajetória.

Considerando os dois ATOS iniciais - um aquecer.

No PRIMEIRO ATO - DO DRAMA DENTRO DO DRAMA - uma antevisão.

Adentramos à meditação ao modo "psicodramático" na busca de um encontro entre Heidegger, Moreno e o Educador Psicodramatista para trazer à luz o acontecimento educativo psicodramatista.

Ao re-colher de nossa existencialidade os movimentos do drama e Meta-Drama, respectivamente o estar lançado aí numa condição existencial e o querer "se apropriar" dessa condição, num

transcender, reconhecíamos-nos tocados pelo dar conta de ser... Interrogar pelo Ser no estar às voltas com a questão do sentido.

De dentro do drama e Meta-Drama flui um apelo que pontua na compreensão, um encontrar-se, um sentir que afeta, na vizinhança da angústia diante de um acontecer...

Vimos no psicodrama um peculiar transcender re-unindo o existir e o tematizar, numa ação em busca do homem espontâneo-criador.

Da conceituação dada por Moreno:

"ciência que explora a "verdade" por métodos dramáticos".

-- onde drama como transliteração do grego, significa ACÃO, interrogamos sobre o sentido de cada palavra, dispendo-nos a habitá-las no resgate das origens existenciais de PSICODRAMA. Desdobrada a palavra em PSIQUE e ACÃO, no dizer Moreniano, psique em ação, pontuávamos: movimento de ser que se apropria desse ser. Aí falamos DASEIN e EXISTENCIA, no dizer Heideggeriano.

No SEGUNDO ATO - DO INQUÉRITO E SEU CAMINHO, vamos nos apropriando de nosso modo de perguntar e do perguntado.

Aproximando-nos do sentido de fenomênico (como mundo experiencial, onde nos encontramos com os entes) e fenômeno (como o que recolhe num tematizar o que diz respeito ao Ser); essência como um revelar-se - manifestação fenomenológica - acontecer. Com a ajuda de Heidegger, vamos nos assegurando de um pensar que não está no encalço de causas como fundamento mas que como lembrança do Ser nos coloca diante de: LOGOS: FALA; A-LETHEIA: DES-VELAMENTO; das EREIGNIS: ACONTECIMENTO - APROPRIAÇÃO.

Palavras-guia que nos mostram o movimento de Retraimento do Ser e o seu dar-se na co-pertença entre Ser e Ser-aí (da-sein - presença) onde falam tempo e ser no presentar.

A fenomenologia existencial hermenêutica vai se colocando como um caminho que busca mostrar o que se dá (Ser) penetrando no círculo hermenêutico de compreensibilidade do ser-aí.

Isso nos fala do homem como hermeneus (o que traz uma mensagem) surgindo como PASTOR DO SER.

Alertando-nos quanto ao espírito da ciência moderna no arrazoamento cientificista, mecanicista da subjetividade dominante (sob o império da GESTELL), perguntando-nos se também o psicodrama não pode se render ao técnico, desfigurando-se em sua tekhné (fazer sapiente). Enquanto corpo teórico, encontramos contradição.

De um lado, Moreno se rende à perspectiva do cientificismo métrico. De outro, está empenhado em não se acomodar a sistemas explicativos acerca do funcionamento da psique e aponta para o status de investigador de todos os envolvidos na situação psicodramática.

Verdade como certeza-domínio e manipulação dos entes.

Verdade como des-velamento-um relacionar-se com o Ser.

A partir do que se regionaliza do MUNDO da Educação (um mover-se no âmbito da cultura) e do MUNDO do Psicodrama (enquanto um compreender, um encontro com o ser), buscamos no acontecimento educativo psicodramático o seu guardar e preservar das EREIGNIS - o acontecimento apropriação - um desvelar.

Considerando os Atos que nos remetem à ação psicodramática.

No TERCEIRO ATO - DO DRAMA, com a irrupção do drama imaginário da Protagonista, como um psicodrama "interno" auto-dirigido, no dizer dos psicodramatistas, mesmo sem todas as referências dos instrumentos, etapas e contextos, foi onde a Protagonista, habitando suas imagens internas ao modo simbólico (e nisto está a ação) põe em liberdade as referências fundamentais do trabalho: ir em busca do homem como pastor do Ser para Heidegger, e do homem espontâneo criador para Moreno. Aí, amplia sua compreensão e dá passagem para a serenidade da pesquisadora, um liberar de espontaneidade e criatividade, no ser devolvido à sua própria palavra em poïesis. O educativo começa a se clarificar num aprender-experienciar na relação com o saber, onde um mundo se abre.

No se demorar nas imagens "internas", as técnicas, o fazer sapiente, mostram-se como movimentos facilitadores para recolher o que se dá: no solilóquio - o ouvir seus botões, no espelho, o ver-se refletido na imagem criada, na inversão de papéis, -o dar-se conta do-"lugar do outro".

Ainda que no imaginário, e por isso mesmo, na ausência de, fala o fundamento corporeidade como o que gesta a palavra-linguagem recolhida que nos remete à fala em propriedade. Possibilidade de superação de um falar por falar, da ambiguidade e de avidez de novidades em que de-cai o ser-aí na impropriedade.

Drama e Meta-Drama re-unidos no psicodramatizar. O Fenômeno posto à luz a partir do dar-se no fenomênico. O resgate da simplicidade do compreender.

Pudemos aprofundar nosso encontro com Heidegger num mostrar quem é o ser-aí; habitando o lugar de sua visada.

EXISTENCIALIDADE, FACTICIDADE, QUEDA, como movimentos que se reúnem na PREOCUPAÇÃO - o ser do ser-aí como ser-no-mundo-com, onde fala temporalidade.

-- Ser-no-mundo: abertura em modos de ser num compreender (um projetar-se), num encontrar-se (estado de mente-sentir) e num comunicar-se. Em inautenticidade, no perder-se de si mesmo, ou em autenticidade, no recolher da voz da consciência diante de seu poder-ser. Passagem aberta pela angústia. Experiência de finitude em cada momento.

Realizamos uma preparação para nos encontrarmos com os protocolos/relatos das sessões: encontro educativo na via do psicodrama.

No QUARTO ATO - DO MOVIMENTO CIRCULAR DRAMA e META DRAMA, o acontecimento educativo psicodramático, mostra-se em toda sua plenitude, re-velando as suas possibilidades na situação privilegiada de acompanharmos o Educador Psicodramatista cuidando de sua Educação.

Os temas norteadores e o caminho de recursos técnicos mostram-se em con-sonância entre si e ambos, com o momento do grupo que busca um apropriar-se, um caminhar em autenticidade.

No 1º Encontro - Busca-se a explicitação do que é o "educativo" a partir do seu dar-se na condição existencial do grupo de educadores. Mediante a utilização de objetos intermediários (desenho, massa de modelar, objetos pessoais e do ambiente), no

remeter-se para si mesmo, o "agente educativo" lança luz sobre como se anda consigo mesmo (seu ser) na lida com a "realidade".

No 2º Encontro - A partir da temática trabalhada anteriormente, o grupo caminha na tematização do que é realidade. Remeteu-nos ao Jogo do caleidoscópio. Corpo e objetos deixando falar o simbólico. O encontro com a realidade como um relacionar-se, onde falam o descobrir e ser descobridor.

3º Encontro - O compartilhar cenas do tablado da vida, trouxe-nos o fenômeno da Educação dando-se nas relações entre os homens - expressão do ser-aí-com, na relação interpessoal, grupal, até a perspectiva do institucional, aproximada pelo viver a cidadania. O grupo fala de seu relacionar-se, aponta para o que se des-vela nas suas relações; abertura para a possibilidade da pesquisa sociométrica, explicitando a matriz das relações entre os participantes - um momento - que abre a possibilidade de um aprender a solicitude.

O resgate da palavra na ação de compartilhar, um cuidar do comunicar-ser, que vai dar conta do tema inicial mediante a poiêsis, na poesia de Fernando Pessoa...

Direção e grupo num buscar-se ante o saber. O próprio psicodrama é tematizado, como relação de educação.

4º Encontro na nossa perspectiva, 10º, para os participantes do grupo. Emerge uma protagonização. Estamos diante de um psicodrama clássico, no jogo de papéis. Vemos o educador dentro da Instituição Escola, às voltas com o desafio de avaliar. Recuperação de um compreender, de um encontrar-se, de um se comunicar, no habitar sua situacionalidade que surge como aflitiva,

carregada de angústia. Montando imagens e as experienciando, lançando-se na dramatização concreta, interagindo com objetos intermediários (as almofadas). Um avaliar-se, no encaicho do resgate da espontaneidade-criatividade. Um transformar-se.

Damos a palavra à Protagonista em questão. Palavras recentes (1991), resgatando seu aprender experienciar dos idos de 1984 e que recebemos autorização de reproduzir.

"É cristalino na minha cabeça. Nada do que eu fiz me modificou tanto quanto aquela sessão... Nem terapia..."

Esse depoimento nos coloca diante do continuum buscado por Moreno entre a convalidação existencial e a "científica". O que se dá como patente, verdadeiro num des-velar(-se). A Verdade fala aqui menos como o "ens certum" do representado como vere cogitatum, mas no acontecer-apropriar de uma clareira. O protagonista é ator, investigador... Estamos diante do "educativo psicodramático" como um aprender-experienciar.

Buscamos nas sessões-encontro, colocarmos-nos diante dos existenciais do ser-aí, do seu surgir apropriando-nos dessa co-pertença, ser-aí/Ser, como o que nos possibilita habitar o homem espontâneo-criador.

Colocamo-nos também diante dos princípios básicos que surgem desse peculiar fazer, o psicodramatizar, de que nos fala a Matriz Hermenêutica e são uma chave para revisitarmos a obra Mo-

reniana e seus conceitos "científicos", à luz do que se mostra no acontecer da ação do psicodramatista.

Num compreender que re-une, asseguramo-nos:

-- Do ver psicodramático que nos re-envia ao movimento fenomenológico-existencial, onde se instala o trabalhar com o círculo hermenêutico; drama e Meta-Drama se re-unem no psicodramatizar - um compreender temático que emerge de um fazer-apropriar. Não é qualquer fazer que se impõe, mas caminho que des-vela, onde os recursos técnicos abrem uma passagem.

-- Chegamos ao "aprender-experienciar" como o que regionaliza a palavra "educativo" no agir em busca da autenticidade do Educador e do Educando na via do psicodrama, na relação com o saber. Funda-se na possibilidade do ser verdadeiro do ser-aí, na lida com o que chega para ser tematizado. Fala o homem como pastor do ser.

Conhecer como modo de ser - um reconhecer na abertura de mundo, transformador no habitar o que se dá. Educador e educando abrem-se à educabilidade e podem habitar as duas possibilidades. O "educativo" abre-se a ambos.

-- Vimos o seu alcance e sentido no mundo da Educação do nosso tempo, onde a Educação vê-se marcada pelo mecanicismo da subjetividade dominadora - herança das ciências modernas. Abre a via do cultivo da cultura, onde o saber é expressão do seu horizonte em modos de ser.

No resgate de uma proposta de desenvolvimento de papéis em busca do homem espontâneo-criador, lida-se com sua situacionalidade auxiliando-o a chegar à própria palavra.

-- Fomos em busca do lugar originário de onde Moreno fala do homem espontâneo-criador e na dimensão COSMICA, para a qual aponta, como seu lugar de origem, o encontramos como co-responsável pelo vir-a-ser. Partilha do Mistério do Ser como homem simbólico que se abre ao DIZER na co-pertença com o ser - co-pertença recolhida no MOMENTO, seu temporalizar em propriedade.

Tomando o trabalho como um todo, o reconhecemos ele mesmo, como um aprender-experienciar, onde psicodrama - psique em ação, fala de um mover-se no conhecer como um modo de ser. Guarda essa perspectiva: Seu chamar para habitar as cenas internas onde o pensar se re-colhe. Põem em liberdade o habitar o imaginário como transcender que se re-une no pensar. O dar-se do encontro entre Heidegger, Moreno e uma psicodramatista Educadora/Educanda.

Após o percurso que tentou desocultar uma mensagem já tendo ido até ela, no sentido de que o caminho en-caminha para o que nos con-voca e nos requer, vamos nos aproximando da questão levantada desde o início da nossa Interrogação e ainda não tratada.

De onde vem o chamar de acontecimento educativo psicodramático o que se dá na ação do psicodramatista Educador/Educando?

O próprio Moreno fala em Psicodrama Pedagógico (2). A comunidade de educadores psicodramatistas assim se refere ao seu

(2) Jacob L. MORENO, Psicodrama, p. 197.

trabalho. Tomamos outro caminho, ao tentar trazer à luz, o que se dá.

Estamos habituados em nossa cotidianeidade, ao ir vivendo no ser-com em impropriedade, a tomar o que acontece, apenas no sentido ôntico-factual, onde o nosso dizer que é nos fecha logo no conceito impensado e no dominar da subjetividade em um se lançar sobre... Esvai-se a escuta...

Em acontecimento fala, nossa disponibilidade de recolher o SER no dar-se do fenomênico do mundo experiencial. Habitando o acontecer para sermos devolvidos à palavra própria e à própria palavra, fala um outro modo de recolher o drama-ACAO na co-pertença dasein e Ser.

Aprender-experienciar do homem espontâneo-criador, como pastor do SER. Um habitar na vizinhança do ser, recuperar o simples dizer.

Cena 2 - Encontro

HEIDEGGER: - Em sua Sexta Palestra, ao historiar o existencialismo moderno e a daseinsanalyse o Sr. localiza três períodos: o do protesto de Kierkegaard contra a religião açucarada em meio ao século XIX e aí também situa Nietzsche, chamando-os de românticos existenciais; o outro é o existencialismo heróico no início do século XX, até 1920 aproximadamente, em Viena, com o SEINISMO do qual o Sr. participou e cujos princípios formaram os alicerces do Psicodrama; e o terceiro, o existencialismo intelectual de nossa época, entre as duas guerras mundiais e após as

mesmas. Aí o Sr. me inclui, junto a Sartre e Jaspers (3). Toma o "intelectual" por pejorativo, como se realizássemos em nossas experiências um corte entre Ser e conhecer, um corte entre existir e pensar...

MORENO: - não quis desconsiderar o lugar próprio dos filósofos, mas não pude me furtar ao alerta de que o mundo dos homens precisa de "filósofos atores" e não só "filósofos observadores".

Por que deixar de lado o encontro (BEGEGNUNG) e escrever um livro? Não podemos nos furtar de responder a esta questão.

Veja, "Kierkegaard, tornou-se um dasensanalista contra sua vontade. Ele não queria analisar Dasein, ele queria "produzir" um Dasein, uma forma elevada de existência. Sentiu que sua contribuição foi pequena, que toda a sabedoria de Soren Kierkegaard, Doutor em Teologia e Filosofia, era irrelevante quando comparada a um profeta verdadeiro, apesar de sua pouca educação e sofisticação. (4)

HEIDEGGER: - "Mas se trata de se preparar, a partir das características fundamentais, mal pensadas, de nossa época, trata-se de preparar para pensar o tempo por vir, sem pretensões proféticas. Pensar não é inatividade. É em si mesmo um agir que

(3) Jacob L. MORENO. Fundamentos do Psicodrama, p. 221.

(4) Ibid. p. 222.

está em diálogo com o destino do mundo. A mim me parece que a distinção entre teoria e prática, proveniente da metafísica, bem como a representação de uma ponte entre ambas, obstrui o caminho para se entrar no que entendo por pensamento. Talvez me seja permitido remeter aqui às preleções que em 1954 foram publicadas com o título, *Was heisst Denken?* (O que significa pensar?) Talvez seja também um sinal dos tempos o fato de ser esta, entre todas as minhas publicações, a menos lida". (5)

Quanto a Kierkegaard, o Sr. lhe destina o lugar do Teólogo Profeta, do Pedagogo, e quem sabe do Terapeuta. O estar envolvido com uma *praxis* (um compreender, um projetar-se em solitudine) buscando a autenticidade, um modo de ser em propriedade dos homens de seu tempo. Parece ser desse lugar que o Sr. o fez dirigir-se a mim, ainda na Sexta Palestra.

MORENO: - Sim, quando na Introdução de *Ser e Tempo* o Sr. pergunta: "From which kind of existence should one read the meaning of existence, from which kind of existence should one begin with the exposition of existence?" (Com base em qual tipo de existência deve-se ler o significado da existência, com base em que tipo de existência deve-se começar a exposição da existência?). Imagino a resposta de Kierkegaard: "Com base na sua, Heidegger, com base na sua existência é que você deveria ler

(5) Martin HEIDEGGER, Heidegger e a política (Entrevista Testamento) in *Tempo Brasileiro* nº 50, p. 78.

o significado da existência. Deste (seu) ponto na existência é que deveria marcar seu início a exposição da existência. Não se ganha coisa alguma se a responsabilidade for deslocada da sua existência, para a 'existência' enquanto tal. A existência em geral, ou a existência humana sem você, no seio da mesma, não tem sentido... (6)

HEIDEGGER: - Permita-me rever sua tradução: *In which entities is the meaning of Being to be discerned? From which entities is the disclosure of Being to take its departure?* (7)

"Em qual dos entes deve-se ler o sentido do ser? De que ente deve partir a saída para o ser? ? (8)

Sua tradução é problemática justamente onde o é todo pensar. Não diferencia ente (o que se apresenta) e Ser (o apresentar mesmo); o subsistente e a EK-SISTENCIA - abertura ao Ser que somos nós mesmos. Remetemo-nos a todo caminho de Ser e Tempo... ao dasein, ser-aí, pré-sença. Nós mesmos, que interrogamos pelo Ser que já nos relacionamos com o Ser. Como se pode fugir ao que nos con-voca para pensar? Ser e Tempo caminha para desvelar essa condição e assim lidar com a questão do SER. Fala aqui um responder em autenticidade, em diálogo com o Pensamento e não construir mais um Sistema Filosófico, no esquecimento do Ser.

(6) Jacob L. MORENO. Fundamentos do Psicodrama, p. 228

(7) Martin HEIDEGGER, Being and Time, p. 26.

(8) Idem, Ser e Tempo, p. 32.

MORENO: - Mas... "Ser não tem fronteiras; não há limites de nascimento e de morte, estes são incluídos. Estende-se pelo espaço e pelo tempo, porém centraliza-se "nesta" pessoa, "neste" momento e "neste" lugar. São inseparáveis Ser e conhecer. Ser é auto-suficiente; não exige conhecimentos. Mas o inverso é um absurdo. Ser é uma premissa para conhecer. Partindo do saber talvez jamais atinjamos o Ser".

Retomo os princípios do SEINISMO. "O primeiro princípio deste grupo era a "inclusão total" do ser, e o esforço constante para manter de momento a momento, ininterrupto o fluxo natural, espontâneo da existência. Nenhum momento poderia ser vivido sem cuidado, pois cada um deles pertence ao ser. Nenhuma parte podia ser deixada de fora porque cada uma delas era uma parte do ser e não havia qualquer outro ser". (9)

HEIDEGGER: - "Sem embargo, o pensar jamais cria a casa do ser. O pensar conduz a ec-sistência historial isto é, a humanitas do homo humanus, para o âmbito onde nasce o que é salutar".

"Pois deve-se perguntar: se o pensar, pensando a verdade do ser, determina a essência da humanitas como ec-sistência a partir do fato de pertencer ao ser, permanece então este pensar apenas um representar teórico do ser e do homem, ou é possível retirar, ao mesmo tempo, de um tal conhecimento, indicações para a vida ativa?"

(9) Jacob L. MORENO, Fundamentos do Psicodrama, p. 226.

"A resposta é: este pensamento não é nem teórico, nem prático. É antes desta distinção que ele acontece e se realiza. Este pensar é, na medida em que é, a lembrança do ser e nada além disto"...

"O pensar trabalha na edificação da casa do ser; é como tal casa que a juntura do ser dispõe, sempre de acordo com o destino, a essência do homem para morar na verdade do ser. Este morar é a essência do "Ser-no-mundo" (Ser e Tempo, 54)". (10)

O Sr. ainda me endereçaria as palavras que imaginou Kierkegaard dizendo:..."E de todo o universo isto é tudo o que resta: um desconhecido debruçado sobre seus hieroglifos!" (?) (11)

MORENO: - (...) Vou reconhecendo que construo meu discurso de um outro lugar, do estar profundamente envolvido com a relação de ajuda concreta aos homens, com a sociedade, com a cultura. O MUNDO DA PRAXIS que pretendo ser "científica"... Mas a preocupação de saída é o MESMO o Ser e a "humanitas do homo humanus". Será que o Sr. chegou de onde eu parti?

"Haverá uma forma cósmica de compreensão"? (12)

Na minha tentativa de fazer "uma ciência de ação (digo que) come-

(10) Martin HEIDEGGER, Sobre o "Humanismo", Os Pensadores, p. 370.

(11) Jacob L. MORENO, Fundamentos do Psicodrama, p. 228.

(12) Idem, Psicoterapia de Grupo e Psicodrama, p. 22.

ça com dois verbos: Ser e Criar, e com três substantivos: ator, espontaneidade, criatividade. Um grupo de atores tem um significado muito diferente que um grupo de organismos: é um "nós" e não um "eles"; é uma "criatocracia" e não corresponde a um universo de organismos interatuantes" (13)

Tentei situar espontaneidade-criatividade como estado de alerta, fator, princípio de inteligibilidade, estado simplesmente, energia... Mas quis "vincular sua existência pessoal ao resto do COSMOS", para não fazer dele um banido, vejo-o como responsável pelo vir-a-ser.

HEIDEGGER: - Mas ainda corre-se o risco de mergulharmos no império da subjetividade dominadora da ciência...

"Expulso da verdade do ser, o homem gira por toda parte, em torno de si mesmo, como animal racional"...

..."O homem não é o senhor do ente. O homem é o pastor do Ser. Neste "menos" o homem nada perde, mas ganha, porquanto atinge a verdade do ser. Ele ganha a essencial pobreza do pastor, cuja dignidade reside no fato de ter sido chamado pelo próprio ser para guardar sua Verdade. (14)

(13) Jacob L. MORENO, Fundamentos de la Sociometria, p. 33.

(14) Martin HEIDEGGER, Sobre o "Humanismo", Os Pensadores, p. 361

"O pensar futuro também não pode mais, como exigia Hegel, deixar de lado o nome do "amor a Sabedoria" e nem ter-se tornado a própria sabedoria na forma do saber absoluto. O pensar está na descida para a pobreza de sua essência precursora. O pensar recolhe a linguagem para junto do simples dizer. A linguagem é assim a linguagem do ser, como as nuvens são as nuvens do céu. Com seu dizer, o pensar abre sulcos invisíveis na linguagem. Eles são mais invisíveis que os sulcos que o camponês, a passo lento, traça pelo campo." (15)

MORENO: - Mas no aqui e agora, Heidegger... no aqui e no agora de cada um de nós! Do sujeito humano!

Cena 1 - O encontro pretendido e o meu lugar

Do meu ser educadora, comprometida com um modo de fazer educação abrindo espaço para um acontecimento se dar - o encontro educativo no caminho do Psicodrama, sinto-me convocada (de vocare - chamar) para convidar...

(15) Martin HEIDEGGER, Sobre o "Humanismo", Os Pensadores, p.373.

B I B L I O G R A F I A

I. OBRAS DE JACOB LEVY MORENO:

1. *Las Palabras del Padre*. Buenos Aires, Editorial Vancu, 1976.
Traducción de Jaime Ortiz, 362 p.
2. *El Teatro de la Espontaneidad*. Buenos Aires, Editorial Vancu,
1977. Traducción de Miguel Masciano, 210 p.
3. *Fundamentos de la Sociometria*. 2. ed., Buenos Aires, Editorial
Paidós, 1972. Traducción de J.García Bouza y Saul Karsz, 443 p.
4. *Psicodrama*. 3. ed., São Paulo, Editora Cultrix Ltda., 1984.
Tradução de Alvaro Cabral, 492 p.
5. *Psicomúsica y Sociodrama*. Buenos Aires, Ediciones Hormé
S.A.E., 1965. Traducción de Carlos Eduardo Saltzmann, 253 p.
6. *Psicoterapia de Grupo e Psicodrama*. São Paulo, Editora Mestre
Jou, 1974. Tradução de Antônio C. M. Cesarino Filho, 367 p.
7. *Fundamentos do Psicodrama*. São Paulo, Summus Editorial, 1983.
Tradução de Maria Sílvia Mourão Neto, 254 p.

II. ESTUDOS PSICODRAMATICOS

1. AGUIAR, Moysés. *Teatro da anarquia um Resgate do Psicodrama*. Campinas, Papirus, 1988. 136 p.
2. _____ . *O Teatro Terapêutico*. Campinas, Papirus, 1990. 224 p.
3. _____ . (Coord) *O Psicodramaturgo J. L. Moreno*. (1889-1989) São Paulo - Casa do Psicólogo, 1990. 172 p.
4. ALMEIDA, Wilson C. *Psicoterapia Aberta*. São Paulo, Agora, 1982. 159 p.
5. _____ . *Moreno: encontro existencial com as psicoterapias*. São Paulo, Agora, 1991. 78 p.
6. BERMUDEZ, Jaime G.R. *Introdução ao Psicodrama*. São Paulo, Editora Mestre Jou, 1970. Tradução de José Manuel D'Alessandro, 117 p.
7. BOUR, Pierre. *El Psicodrama y la Vida*. Madrid, Editorial Biblioteca Nueva, 1977. Traducción de Francisco Delgado, 350 p.
8. BUCHBINDER, Mario J. & MATOSO, Elina. *Las Máscaras de las Máscaras - Experiencia expressiva corporal terapeutica*. 2. ed., Buenos Aires, Editorial Letra Viva, 1985. 108 p.
9. BUSTUS, Dalmiro M. *Psicoterapia Psicodramática*. Buenos Aires, Editorial. Paidós, 1975. 157 p.

10. _____. *O Psicodrama - Aplicação da Técnica Psicodramática*. São Paulo, Summus Editorial, 1982. Tradução de Lúcia Neves, 230 p.
11. _____. *Psicoterapia Psicodramática*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1979. Tradução de Miguel Perez Navarro, 195 p.
12. _____. *O Teste Sociométrico - Fundamentos, Técnica e Aplicação*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1979. Tradução de Antonio Marcello Campedelli, 102 p.
13. _____. *Perigo, Amor à vista*. São Paulo, Editora Aleph, 1990. Tradução de Norberto de Paula Lima, 128 p.
14. *Cadernos de Psicodrama. Psicodrama nas Instituições*. São Paulo, Editora Agora, 1980. V I, 144 p.
15. _____. *Educação e Desenvolvimento*. São Paulo, Editora Agora, 1991. V II, 94 p.
16. DIAS, Victor R.C.S. *Psicodrama - Teoria e Prática*. São Paulo, Editora Agora, 1987. 198 p.
17. FARIA, Durval L. *Moreno: Um enfoque para a compreensão professor-aluno*. Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre em Psicologia da Educação da PUC/SP, São Paulo, 1980. Exemplar mimeografado, 128 p.
18. FANCHETTE, Jean. *Psicodrama y Teatro Moderno*. Buenos Aires, Editorial La Pleyade, 1975. 254 p.

19. FONSECA FILHO, J. S. *Psicodrama da Loucura*. São Paulo, Editora Agora, 1980. 139 p.
20. GONÇALVES, Camila S. et alii, *Lições de Psicodrama - Introdução ao Pensamento de J. L. Moreno*. São Paulo, Editora Agora, 1988. 110 p.
21. _____ . (Org.) *Psicodrama com crianças - Uma psicoterapia possível*. São Paulo, Agora, 1988. 159 p.
22. MARTIN, Eugênio Garrido. *J. L. Moreno: Psicologia do Encontro*. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1984. Tradução de Maria de Jesus Albuquerque, 274 p.
23. MONTEIRO, Regina F. *Jogos Dramáticos*. São Paulo, Mc Graw-Hill do Brasil, 1979. 91 p.
24. MORENO, Zerka T. *Psicodrama de Crianças*. Petrópolis, Vozes, 1975. 100 p.
25. NAFFAH NETO, Alfredo. *Psicodrama - Descolonizando o Imaginário*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1979. 272 p.
26. _____ . *Psicodramatizar. Ensaios*. São Paulo, Agora, 1980. 90 p.
27. _____ . *Paixões e Questões de um Terapeuta*. São Paulo, Agora, 1985. 128 p.
28. PUTTINI, Escolástica F. et alii. *Psicodrama na Educação*. I - Juí (RS), Editora Unijuí, 1991. 130 p.



29. REVISTA ARGENTINA DE PSICODRAMA Y TECNICAS GRUPALES. Buenos Aires, Publicación de la Sociedad Argentina de Psicodrama , n. 5, Año VI, septiembre, 1990. 57 p.
30. REVISTA BRASILEIRA DE PSICODRAMA. São Paulo, Febrap, Ano I , n. 1, 1o. semestre de 1990. 48 p.
31. _____ . 2o. semestre de 1990. n. 2, 68 p.
32. ROMANA, Maria Alicia. *Psicodrama Pedagógico*. Campinas, SP, Papirus, 1985. 95 p.
33. SCHUTZENBERGER, Anne A. *O Teatro da Vida - Psicodrama*. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1970. Tradução de Hilton Ferreira Japiassú, 238 p.
34. SILVA JUNIOR, Aldo. *Jogos para terapia, treinamento e educação* . Curitiba, PR, Imprensa Universitária da UCP, 1982. 79 p.
35. VOLPE, Altivir J. *Édipo - Psicodrama do Destino*. São Paulo, Editora Agora, 1990. 102 p.

III. OBRAS DE MARTIN HEIDEGGER

1. *Being and Time*. New York, Harper & Row, 1962. Translate by J. Macquarrie and E. Robinson. 589 p.
2. *El Ser y el Tiempo*. 5. ed. México, Fondo de Cultura Económica, 1974. Traducción de José Gaos. 478 p.
3. *Ser e Tempo*. Parte I. Petrópolis, Vozes, 1988. Tradução de Márcia de Sá Cavalcanti. 325 p.
4. *Ser e Tempo*. Parte II. Petrópolis, Vozes, 1989. Tradução de Márcia de Sá Cavalcanti. 262 p.
5. *Os Pensadores*. São Paulo, Abril S.A. Cultural, 1973. Tradução e Notas de Ernildo Stein. V. XLV, 500 p.
 - . Que é isto - a Filosofia, p. 205 - 22
 - . Que é Metafísica, p. 223 - 61
 - . O Fim da Filosofia e a Tarefa do Pensamento, p. 263 - 79
 - . Sobre a Essência do Fundamento, p. 281 - 323
 - . Sobre a Essência da Verdade, p. 325 - 43
 - . Sobre o "Humanismo", p. 345 - 73
 - . Identidade e Diferença, p. 375 - 85
 - . A constituição Onto-te-lógica da Metafísica, p. 387 - 400
 - . Hegel e os gregos, p. 401 - 12
 - . A determinação do Ser do Ente segundo Leibniz, p. 413 - 27
 - . A tese de Kant sobre o Ser, p. 429 - 52
 - . Tempo e Ser, p. 453 - 69

- . Protocolo do Seminário sobre a conferência "Tempo e Ser" p. 471 - 91
- . Meu caminho para a Fenomenologia, p. 493 - 500.
6. *Essais et Conférences*. Paris, Gallimard, 1976. Trad. par André Préau. 349 p.
7. *Sobre o Problema do Ser - O Caminho do Campo*. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1968. Tradução de Ernildo Stein. 72 p.
8. *Kant y el Problema de la Metafísica*. México, Fondo de Cultura Económica, 1973. Traducción de Gred I. Roth. 210 p.
9. *Poetry, Language, Thought*. New York, Harper & Row, 1975. Translate by Albert Hofstadter. 228 p.
10. *On the way to Language*. New York, Harper & Row, 1982. Translate by Peter D. Hertz. 200 p.
11. *De Camino al Habla*. Barcelona, Odos, Ediciones del Serbal - Guitard, 1987. Traducción de Yves Zimmermann. 246 p.
12. *Sendas Perdidas*. (HOLZWEGE) - 3. ed., Buenos Aires, Editorial Losada, S.A., 1979. Traducción de José Rovira Armengol. 309 p.
13. *Qué Significa Pensar?* Buenos Aires, Editorial Nova, s.d. Tradução de Haraldo Kahnemann. 236 p.
14. *Introdução à Metafísica*. Rio de Janeiro, Edições Tempo Brasileiro, 1966. Tradução, Introdução e Notas de Emmanuel Carneiro Leão. 295 p.

15. *Discourse on thinking*. New York, Harper & Row, 1969. Translate by John M. Anderson and E. Hans Freund. 93 p.
16. *Approche de Holderlin*. Paris, Gallimard, 1962. Trad. par H. Corbin, M. Deguy, F. Fedier et Jean Launay. 195 p.
17. *Todos nós... Ninguém* - Um enfoque fenomenológico do social. São Paulo, Editora Novaes, 1981. Apresentação, introdução, notas e epílogo de Solon Apanoudis. Tradução e comentários de Dulce M. Critelli. 72 p.
18. *A Morada do Homem*. Revista de Cultura Vozes, Petrópolis. Vol. LXXI, no. 4: 43 - 54, maio 1977. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. 360 p.
19. *Heidegger e a Política*. O caso de 1933 (Entrevista-Testamento de Martin Heidegger). Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, no.50: 67-89, julho-setembro de 1977. Tradução de Emmanuel Carneiro leão. 90 p.

IV. ESTUDOS FENOMENOLOGICOS, EXISTENCIAIS, HERMENEUTICOS

1. BEAINI, Thaís Curi. *A escuta do silêncio* (Um estudo sobre a linguagem no pensamento de Heidegger). São Paulo, Cortez Autores Associados, 1981. 111 p.
2. _____. *Heidegger: Arte como Cultivo do Inaparente*. São Paulo, Nova Stella, Edusp, 1986. 159 p.
3. _____. *A Memória, Medida Ontológica do Cosmos*. São Paulo, Edit. Palas Athena, 1989. 63 p.
4. BEAUFRET, Jean. *Introdução às Filosofias da Existência*. S. Paulo, Duas Cidades, 1976. Trad. de S. Muchail. 143 p.
5. BORNHEIN, Gerd A. *Dialética: teoria, praxis; Ensaio para uma crítica da fundamentação ontológica da Dialética*. Porto Alegre, Globo; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977. 340 p.
6. BOSS, Medard. *Angústia, Culpa e Libertação*. 2. ed., São Paulo, Duas Cidades, 1977. Tradução de Bárbara Spanondis, 79 p.
7. BUBER, Martin. *Yo y Tú*. Buenos Aires, Ediciones Nueva, Visión, 1969. Traducción de Horácio Crespo. 111 p.
8. CARNEIRO LEAO, E. O pensamento de Heidegger no silêncio de Hoje. *Revista da Cultura Vozes - Petrópolis*, vol LXXI n:4 : 5-18, 1977. 360 p.

9. _____ . *Heidegger e a Modernidade - A correlação de Sujeito e Objeto*. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, no. 50: 3-26, julho-setembro de 1977. 90 p.
10. CRITELLI, Dulce Mara. *Educação e dominação cultural: Tentativa de reflexão ontológica*. São Paulo, Cortez Edit.: Autores Associados, 1980. 92 p.
11. DE WAELHENS, A. *La Philosophie de Martin Heidegger*. 7. ed. Louvain, Edicions Nauwelaerts, 1971. 379 p.
12. DORIA, Francisco A. *O corpo e a existência*. Petrópolis, Editora Vozes, Ltda., 1972. 173 p.
13. FERRY, Luc & RENAUT, Alain. *Pensamento 68 - ensaio sobre o anti-humanismo contemporâneo*. São Paulo, Editora Ensaio Ltda. 1988. Tradução de Roberto Markenson e Nelci do Nascimento Gonçalves, 265 p.
14. FORGHIERI, Yolanda C. et alii. *Fenomenologia e Psicologia*. S. Paulo, Cortez Edit. Autores Associados, 1984. 143 p.
15. GALAN, Pedro Arezo. *Arte, Verdad y Ser en Heidegger (La Estética en el Sistema de Heidegger)*. Madrid, Raycar, S.A. 1963. 273 p.
16. LUIJPEN, W. *Introdução à Fenomenologia Existencial*. São Paulo, EPU, Ed. da Universidade de São Paulo, 1973. Tradução de Carlos Lopez de Mattos, 400 p.

17. MAC DOWELL, João A. *A Gênese da Ontologia Fundamental de Martin Heidegger*. São Paulo, Editora Herder, 1970. 240 p.
18. MARTINS, Joel & BICUDO, M. Aparecida V. *A Pesquisa Qualitativa em Psicologia*. São Paulo, Edit. Moraes/ educ, 1989. 110 p.
19. MARTINS, Joel & BICUDO, M. Aparecida V. *Estudos sobre Existencialismo, Fenomenologia e Educação*. São Paulo, Edit. Moraes/ educ, 1983. 80 p.
20. MARTINS, Joel & FARINHA, M. Fernanda. *Temas Fundamentais de Fenomenologia* (Centro de Estudos Fenomenológicos de São Paulo). São Paulo, Edit. Moraes, 1984. 98 p.
21. NIETZSCHE, F. *Assim Falou Zaratustra*. Rio de Janeiro, Edit. Civilização Brasileira S.A. Tradução de Mário da Silva, 1977. 334 p.
22. _____. *Considerations Intempestives III et IV*. Paris, Editions Montaigne, 1976. Traduction et Préface de Geneviève Bianquis. 301 p.
23. NUNES, Benedito. *Passagem para o Poético - Filosofia e Poesia em Heidegger*. São Paulo, Editora Atica, 1986. 304 p.
24. PALMER, Richarde. *Hermenêutica*. Lisboa, Edições 70, Dist. Livraria Martins Fontes, 1986. Tradução de Maria Luiza Ribeiro Ferreira. 284 p.

25. POGGELER, Otto. *La Pensée de M. Heidegger - un cheminement vers l'être*. Paris, Editions Aubier-Montaigne, 1967. Traduit par Marianna Simon, 410 p.
26. RESWEBER, Jean P. *La Pensée de Martin Heidegger*. Toulouse, Editions Edouard Privat, 1971. 192 p.
27. REYNA, Alberto W. *La Ontologia Fundamental de Heidegger - su motivo y significación*. 2. ed. Buenos Aires, Editorial Losada, 1945. 144 p.
28. REZENDE, Antonio M. *Concepção, Fenomenologia da Educação*. São Paulo, Cortez: Autores Associados, 1990. Coleção Polêmicas do nosso Tempo, V 38. 96 p.
29. _____ . *Educação e Ser no Mundo*. Projeto de uma Fenomenologia da Educação. Dissertação apresentada ao Departamento de Filosofia da Educação da Universidade Estadual de Campinas - Faculdade de Educação, em 1978. Tese de Livre Docência, exemplar mimeografado. 343 p.
30. RILKE, Rainer M. *Cartas a um Jovem Poeta*. 10. ed, Porto Alegre, Editora Globo, 1980. Tradução de Paulo Rónai. 109 p.
31. STEIN, Ernildo. *Compreensão e Finitude - Estrutura e Movimento da Interrogação Heideggeriana I, II, III, IV*. Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia da UFRGS, Porto Alegre. 1968. Tese de Doutorado e Livre Docência, Exemplar mimeografado. 253 p.

32. _____. *A Questão do Método na Filosofia* - um estudo do modelo heideggeriano. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1973. 170 p.
33. _____. *Seis Estudos sobre "Ser e Tempo"* (Martin Heidegger). Petrópolis, Editora Vozes, 1988. 132 p.